



2024

E-BOOK

TÓPICOS EM LINGUAGEM - UMA LEITURA CIENTÍFICA NA FONOAUDIOLOGIA

ISBN 978-65-84941-20-5



TÓPICOS EM LINGUAGEM - UMA LEITURA CIENTÍFICA NA FONOAUDIOLOGIA

Autores/Organizadores

Gilcifran Vieira de Sousa

André Alelaf

VOLUME 1

2024

O conteúdo dos capítulos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do Instituto Produzir. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

CONSELHO EDITORIAL

André Alelaf

Gilcifran Vieira de Sousa

Lucas Lima Ribeiro

Mariana Fonseca Araújo

Mayanna Gonçalves Silva Magalhães

Nelma Camila Rego Fortes

Polyana Pereira Batista Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sousa, Gilcifran Vieira de
Tópicos em linguagem [livro eletrônico] : uma
leitura científica na fonoaudiologia / Gilcifran
Vieira de Sousa, André Alelaf. -- 1. ed. --
Teresina, PI : Instituto Produzir, 2024.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-84941-20-5

1. Fonoaudiologia 2. Fonoaudiologia - Estudo e
ensino 3. Linguagem I. Alelaf, André. II. Título.

24-201608

CDD-616.855
NLM-WM-475

Índices para catálogo sistemático:

1. Fonoaudiologia : Medicina 616.855

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

<i>CAPÍTULO 01</i>	4
A ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS ATRAVÉS DA TERAPIA ABA	4
<i>CAPÍTULO 02</i>	16
A IMPORTÂNCIA DA FONOAUDIOLOGIA NA ESCOLA: UMA VALIOSA PARCERIA	16
<i>CAPÍTULO 03</i>	20
A INFLUÊNCIA DO USO EXCESSIVO DE DISPOSITIVO ELETRÔNICO NOS ATRASOS DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS DE 02 A 06 ANOS	20
<i>CAPÍTULO 04</i>	30
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA EM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA POTENCIALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO	30
<i>CAPÍTULO 05</i>	42
AS CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM DO AUTISTA NÍVEL 1 DE SUPORTE	42
<i>CAPÍTULO 06</i>	51
AS CONTRIBUIÇÕES DO FONOAUDIÓLOGO NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	51
<i>CAPÍTULO 07</i>	63
AS CONTRIBUIÇÕES FONOAUDIOLÓGICA NA INTERVENÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS COM ATRASO MOTOR DA FALA	63
<i>CAPÍTULO 08</i>	72
CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO TEACCH PARA A LINGUAGEM NO AUTISMO	72
<i>CAPÍTULO 09</i>	80
IMPACTOS DO AUTISMO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	80
<i>CAPÍTULO 10</i>	91
IMPORTÂNCIA DA TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA EM CRIANÇAS COM DESVIO FONOLÓGICO: DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA	91
<i>CAPÍTULO 11</i>	102
MÉTODOS DE INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA PARA APRAXIA DE FALA NA INFÂNCIA: REVISÃO SISTEMÁTICA	102
<i>CAPÍTULO 12</i>	114
OS PREJUÍZOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM CAUSADOS PELO USO EXCESSIVO DE APARELHOS ELETRÔNICOS	114
<i>CAPÍTULO 13</i>	128
PROCESSAMENTO LINGÜÍSTICO E O PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL (PAC) EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM (TDL)- ESTUDO DE REVISÃO	128
<i>CAPÍTULO 14</i>	138
SÍNDROME DE DOWN: A IMPORTÂNCIA DA FONOAUDIOLOGIA E DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM	138

CAPÍTULO 01

A ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS ATRAVÉS DA TERAPIA ABA

Luciene da Silva Pessoa Costa Email: lucienespessoa@gmail.com

André Alelaf Email: andre_alelaf@hotmail.com

Faculdade de Ensino Superior e Tecnologia

Resumo

O autismo é um transtorno de desenvolvimento causando prejuízos cognitivos e se caracteriza por alterações de sociabilidade, linguagem e de atividades imaginativas expressa em comportamentos repetitivos. Algumas características podem indicar a existência do transtorno já entre o primeiro e terceiro ano de vida da criança. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar a intervenção fonoaudiológica no autismo infantil, por meio de literatura especializada, através da Terapia ABA para o desenvolvimento de habilidades sociais de crianças com Transtorno de Espectro Autista. Foi utilizada uma revisão sistemática da literatura, que teve como critérios de inclusão os artigos publicados entre 2010 e 2022. Os resultados esboçaram que atualmente uma das estratégias utilizadas pelos fonoaudiólogos é o ABA, e foi possível verificar que este método é importante na identificação do autismo, classificação dos déficits comportamentais e no resgate das habilidades sociais das crianças com TEA.

Palavras-chave: Autismo; Terapia; Habilidades Sociais.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, APA, 2013), um dos critérios diagnósticos para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é o déficit na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, assim, tais prejuízos acabam por impactar negativa e significativamente os processos de socialização dessas pessoas.

Diante disso, indivíduos com déficits em interações sociais podem ser beneficiados por meio do Treinamento em Habilidades Sociais (THS) mediante aplicação dos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para aprender novo repertório de respostas e consequente desenvolvimento social.

Segundo Del Prette e Del Prette (2013, p. 73) “o THS pode focar tanto a superação

dos déficits e obstáculos a eles agregados como a instalação mais generalizada de um amplo repertório de habilidades interpessoais”. Considerando as dificuldades apresentadas em crianças com TEA no que se refere a socialização, o THS com enfoque comportamental tem sido referenciado como importante estratégia para tornar o indivíduo hábil para responder em situações sociais.

Para implementação desse programa, Caballo (1996) descreve alguns treinos importantes a serem trabalhados como: o contato visual, distância entre as pessoas, volume da voz, modelação, feedback e reforçamento, iniciar e manter a conversa e ensaio comportamental. Sarge (2017) também apontou a atenção compartilhada, envolver-se em atividades com o outro, flexibilidade e resolução de conflitos, seguimento de regras, entre outros, comportamentos socialmente relevantes para o trabalho com crianças autistas.

Além disso, poucos estudos sobre a temática no cenário brasileiro, visto que a maioria dos estudos é em língua inglesa, especialmente para as crianças, justificou-se a busca de literatura, bem como fomentar novas pesquisas.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), trata-se de uma síndrome comportamental que tem diversas etiologias e algumas características pertinentes ao autismo, como a dificuldade de socialização, atraso de linguagem e comunicação e além disso podem apresentar condutas agressivas.

É de suma relevância a adequada avaliação e intervenção na linguagem, visto que é um aspecto especialmente comprometido. As alterações de linguagem influenciam no prognóstico destes quadros, podendo variar conforme a severidade da conjuntura.

Nesse sentido, a intervenção do fonoaudiólogo é de grande importância junto às crianças autistas, em decorrência das grandes dificuldades comunicativas, principalmente no desenvolvimento da linguagem. A atuação fonoaudiológica precoce colabora muito para reduzir os déficits nas habilidades comunicativas desse segmento.

Cabe destacar que a finalidade da intervenção fonoaudiológica vai variar de acordo com as peculiaridades de cada criança. É imprescindível que o fonoaudiólogo tenha em vista ampliar a funcionalidade da comunicação, dos atos comunicativos intencionais, além de buscar o estímulo da compreensão e da expressão verbal, proporcionando experiências comunicativas auxiliando na inclusão escolar e na sociedade.

Vale destacar que cada criança irá responder de maneira diferente ao tratamento, algumas apresentam bons resultados nos primeiros meses de intervenção, outras, contudo, precisam de um tempo mais prolongado de intervenção.

Trata-se de uma questão delicada e que deve ser analisada cuidadosamente, visto que afala não é, nem deve ser o único modo de comunicação e expressão da criança, e que todos os aspectos do desenvolvimento devem ser considerados.

Cabe ainda lembrar que a comunicação é essencial para o ser humano, seja ela verbal ou não verbal, e a busca de forma que proporcionem à criança autista um ambiente acolhedor e relacional para que possa emergir a intenção comunicativa.

Assim, cabe indicar que o presente artigo tem por objetivo apresentar o Treinamento em Habilidade Sociais em crianças com TEA como proposta de intervenção baseada na análise do comportamento.

2 METODOLOGIA

Para realização da presente pesquisa foi feita uma revisão sistemática que constitui um processo de reunião, avaliação crítica e sintética de resultados de múltiplos estudos. Essas revisões são avaliadas como estudos observacionais retrospectivos ou estudos experimentais de recuperação e análise crítica da literatura. Têm como objetivos testar hipóteses, fazer um levantamento, congrega, ponderar criticamente a metodologia da pesquisa e resumir os resultados de múltiplos estudos primários. Reúne e sistematiza os dados dos estudos primários. É ponderada a evidência científica de maior grandeza e são recomendadas na tomada de decisão prática clínica ou na gestão pública (GIL, 2010).

Durante o processo de seleção dos artigos a serem utilizados, foram estabelecidos critérios de inclusão para garantir a relevância e a qualidade das informações. Primeiramente, foram considerados apenas os artigos publicados no período entre 2008 a 2018, para assegurar que as informações estejam atualizadas e reflitam o contexto mais recente.

Além disso, outro critério utilizado foi a disponibilidade dos artigos em linguagem portuguesa e com texto completo. Isso garantiu que toda a informação contida nos artigos pudesse ser acessada e utilizada na sua totalidade, sem perdas ou lacunas que prejudicassem a compreensão do tema abordado.

Para assegurar a pertinência dos artigos selecionados, também foram excluídos aqueles que não se enquadrassem nos objetivos do trabalho em questão. Dessa forma, apenas os artigos que oferecessem contribuições relevantes para a pesquisa foram considerados.

Além disso, foram excluídas as cartas, editoriais e comentários, uma vez que esses formatos geralmente não apresentam estudos empíricos ou revisões sistemáticas, que são

mais apropriados para o trabalho em questão.

As buscas pelos artigos foram realizadas durante o período de julho a setembro de 2022/2023, garantindo que os mais recentes estudos disponíveis até aquele momento fossem levados em consideração.

Ao estabelecer esses critérios de inclusão, o objetivo foi garantir a qualidade, a relevância e a consistência das informações utilizadas no trabalho, contribuindo para a sua confiabilidade e validade.

Para a busca dos dados foram estabelecidos os seguintes descritores: autismo, Fonoaudiologia, análise do comportamento aplicada; crianças; habilidades sociais. O levantamento de informações foi realizado nas seguintes bases de dados: Bireme e Google Acadêmico foram ainda utilizadas referências de livros conceituais.

3 RESULTADOS

Seis trabalhos foram selecionados para integrar este estudo, cujos anos de publicação variaram entre 2010 e 2022, conforme descrito anteriormente, com maior quantidade produzida no ano de 2016 segundo as bases de dados. Os métodos TEACCH, ABA e PECS foram os mais comentados pelos autores. O Quadro 1 apresenta o título de cada trabalho, respectivos autores, ano de publicação e foco da pesquisa, para facilitar a visualização dos resultados obtidos

Quadro I – Obras selecionadas conforme critérios de inclusão

Autor/ano	Objetivos	Metodologia	Resultados
Araújo <i>et al</i> (2021)	Analisar a importância das intervenções fonoaudiológicas em crianças autistas	Revisão bibliográfica do tipo integrativa	Foi evidenciado por meio da pesquisa que são eficazes no desenvolvimento da criança autista possibilitando um maior benefício no desenvolvimento comunicativos desses seres humanos
Souza (2018)		Análise qualitativa da interação dialógica	Foi possível afirmar a eficácia e efetividade da abordagem na terapêutica de linguagem em sujeitos do espectro autístico, pois permite perceber o avanço no funcionamento da linguagem. Os movimentos terapêuticos consistem em ancorar as enunciações dos sujeitos atribuindo sentido e mantendo o tópico de discurso.
Pastorello (2018)		Pesquisa de campo realizada com crianças autistas em uma clínica	A fonoaudiologia de atuar principalmente com as questões da linguagem na infância atendendo crianças e adolescentes com o que se chama hoje de TEA. Há a necessidade de recorrer à literatura internacional que ainda é escassa, sendo o caminho estudar e interperlar outras áreas do conhecimento como a psiquiatria, a
Dias (2017).	Analisar como as estratégias de intervenção na análise do comportamento podem auxiliar os alunos autistas no	Pesquisa bibliográfica	O psicólogo escolar poderá proporcionar nesse espaço um ambiente democrático, onde se possa discutir acerca das demandas trazidas pelos professores, bem como trazer intervenções para que as práticas educacionais possam ser aplicadas de maneira a proporcionar um melhor desenvolvimento de alunos com alguma

	contexto escolar		deficiência.
Cardoso (2017)	Verificar a existência de diferenças observáveis a partir das características do perfil funcional da comunicação e do desempenho sócio-cognitivo de crianças e adolescentes do espectro autístico,	Os sujeitos foram crianças e adolescentes com diagnósticos psiquiátricos incluídos no espectro autístico em início de processos de terapia fonoaudiológica	O resultado não previsto foi que não só em nenhum dos grupos foi observada diminuição dos índices obtidos, após um período de seis meses, como em algumas situações o número de sujeitos com progresso aumentou após esse período
Santos, (2017)	Descrever três anos de processos de terapia de linguagem de três crianças com diagnósticos incluídos no espectro do autismo com diferentes características de desenvolvimento e diferentes respostas ao processo terapêutico.	Estudo de caso	É interessante observar que todas as crianças tiveram progressos importantes em suas manifestações, como engajamento em atividades de atenção compartilhada e jogo simbólico e, aumenta significativamente a proporção de comunicação interpessoal.
Ribeiro (2016).	Realizar uma revisão sobre os métodos de intervenção com a criança autista no ambiente escolar	Pesquisa bibliográfica	Apesar de existir inúmeras intervenções focadas na temática do Transtorno do Espectro Autista - TEA, é preciso divulgar os resultados satisfatórios, a fim de oportunizar a melhoria na qualidade de vida de nossos alunos autistas, ajudando-os na aquisição de novas habilidades e na manutenção de habilidades já existentes.
Locatelli; Santos (2016).	Aborda sobre o autismo, dando ênfase aos métodos de intervenção com as crianças autistas	Pesquisa bibliográfica a partir de artigos científicos, jornais, revistas e materiais disponíveis na Internet que versam sobre o tema em questão.	O tratamento especializado está voltado a estimulação cerebral, visto que no caso do autismo os neurônios comunicam-se menos, por isso tem menos percepção da realidade e o acompanhamento do profissional em Psicologia se faz de sua importância dentro do contexto da equipe multidisciplinar.
Gomes et al. (2016).	Analisar as estratégias de intervenção da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) no tratamento dos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA).	Revisão de literatura através de pesquisa bibliográfica de abordagem descritiva e natureza qualitativa.	Os resultados esboçaram que atualmente as estratégias utilizadas pelos Psicólogos são: o TEACHH e o ABA, demonstrando-se eficazes na identificação do autismo e classificação dos déficits comportamentais.
Bordin (2015)	Verificar a efetividade da Análise do Comportamento Aplicada ao tratamento de crianças Diagnosticadas com autismo	Pesquisa de cunho bibliográfico, teórico-descritiva.	Com relação aos aspectos que tornam efetiva uma intervenção em ABA no tratamento de crianças com diagnóstico autista e quais as implicações à prática da educação, a utilização da intervenção por via dos princípios da Análise do Comportamento Aplicada promove maior independência e bem estar para a criança e sua família, o que alterará o modo como ambas se relacionarão com o mundo.

Gonçalves e Castro (2015)	Revisar artigos atuais sobre propostas de intervenção fonoaudiologia no autismo infantil, por meio de literatura especializada	Pesquisa de cunho bibliográfico	Foram encontradas 25 propostas de intervenção. Dessas, seis mostraram etapas progressivas de aplicação/desenvolvimento do método; sete são compostas por uma única etapa; nove são estratégias relacionadas a participantes, materiais e locais e três não foram detalhados em seus respectivos artigos
Gonçalves (2011).	Apresentar modelos de intervenção na abordagem Cognitiva-Comportamental	Foi feito uma análise de literatura e foram entrevistados seis especialistas da área sobre a intervenção precoce. Isso é um paradigma não experimental, é um tratamento de dados em uma abordagem qualitativa	A interpretação dos resultados permite a conclusão de que algumas abordagens foram comprovadas cientificamente, outras não. Estudos têm relatado resultados mistos. É preciso saber escolher o que for mais adequado às necessidades individuais da criança com autismo.

Fonte: Da própria autora.

4 DISCUSSÕES

Gomes e Silveira (2016, p. 15) “definem autismo como um transtorno que acomete a sequência e a qualidade do desenvolvimento infantil, caracterizado por alterações significativas na comunicação e na interação social e pela presença de interesses restritos e comportamentos repetitivos”.

O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por severas dificuldades na socialização com manifestação desde a infância cujo critério diagnóstico contempla prejuízos na comunicação e interações sociais, conforme o DSM-V (APA, 2013).

Para exemplificar tais critérios diagnósticos, Thambirajah (2011) citado por Júlio-Costa e Antunes (2017), os déficits na comunicação compreendem alterações não verbais (contato ocular, gestos e expressões faciais). Além disso, a qualidade do discurso é pobre e com uso de palavras repetidas e estereotipadas, indiferença ou falta de satisfação na interação com outras pessoas, compreensão restrita da intenção de outros, falta percepção sobre o espaço pessoal, indiscrições sociais e dificuldade de entender pistas, como também, inadequação no relacionamento com pares, dificuldades de imaginação e de cooperação e atividades em grupo.

Ribeiro (2016) em estudo com jovens diagnosticados com Síndrome de Asperger conforme DSM-IV-TR (APA, 2003) e que atualmente a 5 edição do manual contempla como TEA, aborda dificuldades que são intrínsecas ao contexto social.

É comum que o sujeito diagnosticado com esta síndrome apresente dificuldades em comportamentos não-verbais, como gestos, linguagem corporal, expressão visual, entre outros, por não compreender claramente as convenções de interação social. Além disso, esses indivíduos apresentam dificuldades em desenvolver relacionamentos e amizades e é comum que não tenham capacidade de resposta, social ou emocionalmente, pois possuem uma forma de agir unilateral e excêntrica (APA, 2003).

Entre as dificuldades de uma pessoa com síndrome de Asperger estão questões que incluem dificuldade em manter contato visual e iniciar conversas, fazer interpretações verbais e não verbais características da interação social, falta de empatia e dificuldade em compartilhar experiências afetivas, além de dificuldades em emitir informações adequadas respostas emocionais às situações (Weiss; Harris, 2001, apud Moura, 2013). Abreu-Rodrigues (2007, p.122) define “a análise do comportamento como uma ciência do comportamento baseada na filosofia do Behaviorismo Radical e cujo objeto de estudo é a interação do indivíduo com o meio ambiente”. Nessa perspectiva, a Análise do Comportamento como ciência visa desenvolver princípios comportamentais gerais utilizados igualmente em humanos e não humanos, em nível laboratorial e em outros ambientes.

Dessa forma, ‘a aplicação dos princípios desta ciência para resolver problemas socialmente relevantes é chamada de Análise Aplicada do Comportamento ou simplesmente ABA, sigla derivada do termo original em inglês ‘Applied Behavior Analysis’ (GOMES; SILVEIRA, 2016, p. 15).). A prática destes princípios não ocorre exclusivamente em pessoas com TEA; abrange diversas áreas, incluindo educação, psicologia, fonoaudiologia, entre outras, ou seja, qualquer demanda comportamental socialmente relevante pode ser aproveitada pela ABA. Portanto, essa contingência que envolve uma relação entre resposta, consequência e o contexto em que ocorre é conhecida como contingência tripla, estabelecendo assim a descrição do comportamento operacional.

Del Prette e Del Prette (2013, p.31) destacam que ‘o termo habilidades sociais’, geralmente utilizado no plural, aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório do indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com outras pessoas. De acordo com experimentos desenvolvidos por Skinner com pombos e ratos utilizando a conhecida Caixa de Skinner ‘que permitia o controle automatizado’ da apresentação de eventos ambientais antes e depois da ocorrência de uma resposta definida arbitrariamente (tradicionalmente, bicando um disco transluminado, no caso dos pombos, e pressionar uma barra, no caso dos ratos).

'O ambiente do animal foi organizado de forma que seu comportamento operasse sobre o ambiente, produzindo uma consequência, daí o nome comportamento operante'.

As crianças aprendem a conversar, fazer perguntas e interagir, observando os pais e conversando com os mesmos e com outras pessoas. Desenvolvem, assim, habilidade social com as experiências de aprendizagem e amadurecimento.

Para Sargi (2017), três pilares devem orientar o trabalho com habilidades sociais: referencial teórico, instrumento de avaliação e análise da cultura. Dessa forma, a atuação profissional não perde seu caráter científico e evitam-se as inferências do que se considera socialmente adequado ou não.

Habilidade social pode ser definida como emissão de vários comportamentos diante de situações. Quando se fala de habilidade social, não pode esquecer-se de olhar para história social ao qual o indivíduo está inserido. Segundo Caballo (2006 *apud* Sargi, 2017, p.39) tal habilidade é concebida como a expressão de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal, no qual manifesta sentimentos, atitudes, opiniões, ações de modo adequado à situação, respeitando as ações do outro, de modo a solucionar conflitos e minimizar a probabilidade de futuros problemas. Destaca ainda que o comportamento socialmente habilidoso é aprendido sendo considerado um padrão modificável.

Silva *et al* (2013, p.7) aborda que a aprendizagem das habilidades sociais ajuda no processo de socialização, promovendo o desenvolvimento social da criança e adequando-a às regras sociais. “As pesquisas mostram que as habilidades sociais são fatores protetores, ou seja, que reduzem o risco de uma ampla variedade de problemas psicológicos da infância (timidez, fobia social, depressão e outros), o que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento saudável posteriormente”. (SARGI, 2017, p.40).

A habilidade social pode ser definida como a capacidade de um indivíduo de se comunicar, interagir e se relacionar efetivamente com as outras pessoas em diferentes contextos interpessoais. Ela engloba um conjunto de comportamentos e habilidades que permitem expressar sentimentos, atitudes, opiniões e ações de maneira adequada e assertiva, levando em consideração tanto as próprias necessidades quanto as dos outros.

No âmbito das habilidades sociais, é fundamental saber adaptar o comportamento às diferentes situações, levando em conta as normas sociais, os contextos culturais e as expectativas dos demais envolvidos. Isso implica em uma habilidade em compreender as sutilezas das interações interpessoais e em utilizar estratégias eficazes para se comunicar, resolver conflitos e evitar problemas futuros.

Para Fialho (2017), a estimulação precoce, ainda na infância, de pessoas com TEA, a fim de construir habilidades sociais é de fundamental importância para a instalação de repertórios necessários para as interações e o desenvolvimento destas pessoas.

Nessa perspectiva, o treino de habilidade social (THS) é de suma importância, pois ajudará a preparar o indivíduo para situações novas, como também, a se comunicar, interagir e ter atenção à outra pessoa antecipando os acontecimentos, de forma bem objetiva, uma linguagem mais clara utilizando imagens. Estudos comprovam a melhoria de alguns pacientes TEA após as intervenções de alguns procedimentos básicos de THS (modelação, ensaio comportamental, reforçamento, etc.).

Uma das primeiras formas de treinar habilidades sociais apontada por Fialho (2017), refere-se ao ensino de brincadeiras compartilhadas, isso é feito estimulando a criança a realizar brincadeiras envolvendo mais de um jogador, sabendo esperar a sua vez e a vez do outro. Nessa sincronia, se o ouvinte olhar mais, produz mais resposta do locutor, constituindo uma forma de reforço para o locutor, fazendo com que o locutor se sinta mais seguro ao falar e a probabilidade de continuar a conversa seja maior. O contato visual é acompanhado pela fala utilizada na conversa e demonstra interesse no que a outra pessoa está dizendo.

Outro procedimento mencionado por Caballo (1996, p.391) “é iniciar e manter uma conversa, o que é uma dificuldade para muitos pacientes autistas”. Para o autor, podem ser feitas perguntas fechadas (aquelas para as quais o respondente não tem alternativa) e abertas (podem ser verificadas de diversas formas, deixando a resposta aberta para quem responde). Para isso, são utilizadas pistas visuais (imagens de temas de interesse e rotina das crianças) com o objetivo de falar sobre o conteúdo, tirar dúvidas por meio de dicas verbais do terapeuta e reforçadores atrativos para a criança.

Outro instrumento terapêutico utilizado para THS citado por Fialho (2017) refere-se às histórias sociais, onde são confeccionados pequenos livros contendo uma imagem e uma frase por página apresentando o passo a passo da interação social que se deseja ensinar. O autor enfatiza que o feedback e o reforço são dois elementos necessários para o THS, pois o reforço está presente ao longo de todas as sessões de THS e serve tanto para adquirir novos comportamentos, recompensando abordagens sucessivas, quanto para aumentar certos comportamentos adaptativos no paciente. O reforço pode ser através de gestos positivos e elogios. O feedback fornece informações específicas ao sujeito, essenciais para o

desenvolvimento e aprimoramento de uma habilidade, auxiliando o paciente a ter uma nova visão sobre o comportamento.

A terapia fonoaudiológica em grupo trata-se de uma opção diferenciada de intervenção para pacientes autistas e de uma estratégia de fácil realização em ambientes escolares. Tendo a linguagem como a principal forma de interação social, a terapia fonoaudiológica torna-se ainda mais importante para a criança autista, por trabalhar diretamente os aspectos mais relevantes desta patologia, e, por isso, seu início deve ser precoce. Algumas propostas são específicas para o surgimento da linguagem oral e outras visam o desenvolvimento da comunicação. Há ainda aqueles que utilizam a comunicação para desenvolver outros aspectos inseridos no desenvolvimento ou no comportamento da criança (ARAÚJO *et al* 2021).

Conforme se evidencia pela presente pesquisa bibliográfica, foram identificados diversos benefícios e contribuições dos profissionais da fonoaudiologia em prol de processos de desenvolvimento de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista (GONÇALVES; CASTRO, 2015).

Dentre os principais benefícios que foram evidenciados, mesmo que após um período de 6 meses, diz respeito ao número de atos comunicativos expressos por minuto, a situação que produziu os melhores resultados foi a de oficina de linguagem. Quanto ao uso dos meios comunicativos, os sujeitos tiveram aumento na proporção do uso do meio verbal e diminuição do uso do meio gestual. Foi possível observar que todos os sujeitos apresentaram aumento na proporção da interatividade da comunicação (CARDOSO, 2017).

Outro ponto analisado na pesquisa consiste no maior engajamento de crianças autistas em atividades de atenção compartilhada e jogo simbólico e, aumento significativamente da proporção de comunicação interpessoal (SANTOS, 2017).

Dessa forma, é possível afirmar a eficácia e efetividade da abordagem na terapia fonoaudiológica em sujeitos do espectro autista, pois permite perceber o progresso no funcionamento da linguagem. Souza (2018) afirma ainda que os sujeitos ampliaram sua participação dialógica em situações de interação verbal, demonstrando progresso no funcionamento da linguagem. Assim, as atividades são realizadas de forma que a criança tenha que interagir e se comunicar com o terapeuta (GONÇALVES; CASTRO, 2015).

Ainda foi possível evidenciar o fato de os profissionais de fonoaudiologia possuírem a competência de proporcionar aos autistas o desenvolvimento da linguagem mostrando aos pais e responsáveis as principais dificuldades dessas crianças, e assim, os familiares passam a fazer parte da terapia desses indivíduos que necessitam de uma atenção especial. No entanto o profissional de fonoaudiologia sempre deve estar em conexão direta com outros profissionais,

pois para ter efeitos benéficos nas questões da linguagem de crianças autistas, o caminho mais adequado é a interpelação com outras áreas do conhecimento, ressaltando-se principalmente a psiquiatria, a psicologia, a psicanálise, a neurologia e os estudos linguísticos (PASTORELLO,2018)

5 CONCLUSÃO

Uma criança com autismo apresenta grandes dificuldades em relação aos aspectos pragmáticos da linguagem e da conversação, compreensão limitada quanto à forma como as pessoas usam a linguagem

No que diz respeito ao comportamento, há restrição de interesses e atividades, resistência a mudanças na rotina e atividades específicas, fixação em partes de objetos e manipulação de brinquedos e/ou objetos de forma não funcional (APA, 2002). Por meio deste estudo foi possível compreender que a Terapia ABA nos casos de TEA é realizada por meio do ensino de repertórios funcionais e socialmente relevantes. Visa também fazer desaparecer comportamentos inadequados e estabelecer novas formas de comunicação.

Diante do exposto, o treino de habilidades sociais deve começar desde o início da intervenção de crianças com TEA sendo aperfeiçoada à medida que elas se desenvolvem e conforme as exigências sociais de cada idade. Objetivo final de qualquer terapia deve ser a promoção da qualidade de vida e autonomia do sujeito que é inserido dentro de uma comunidade verbal e social.

Verificou-se também que o Terapia ABA traz importantes contribuições para o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças com autismo, sobretudo, porque as atividades são introduzidas em contextos naturais, ou seja, em situações que fazem parte da rotina das crianças. As intervenções realizadas ocorrem de maneira sistemática. Contudo, valeressaltar que a participação da família é de suma importância, tendo como premissa o desenvolvimento e a melhora na qualidade de vida da criança com TEA.

Por meio da intervenção da fonoaudiologia, com crianças autistas, os fonoaudiólogos colaboram em prol da evolução e da melhora do perfil comunicativo relacionados com as interações entre as crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro autista e os adultos. Ainda se pode ratificar que a importância também consiste no fato de considerar não somente o quantitativo dos atos comunicativos durante o processo avaliativo do caso, mas também, deveser analisado o predomínio de funções comunicativas.

REFERÊNCIAS

ABREU-RODRIGUES, J.; RIBEIRO, M. (orgs). **Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

AMA. Associação Mão Amiga: Associação de Pais e Amigos de Pessoas Autistas. **Tratamento**. Disponível em: <http://www.ama.org.br/site/tratamento.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

APA (American Psychiatry Association). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders- DSM-5**. 5th ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

ARAÚJO, Jessé Lincoln Oliveira. Benefícios da intervenção fonoaudiológica no transtorno do espectro autista: Revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, e49610615550, 2021

CABALLO, V. E. O treinamento em habilidades sociais. In: CABALLO, V.E. (org.). **Manual de técnicas de terapia e modificação de comportamento**. São Paulo: Livraria Santos Ed., 1996.

CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, set./dez. 2013. Disponível em: http://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6994/pdf_1. 22 nov. 2018.

CARDOSO, C. Fonoaudiologia e autismo: resultado de três diferentes modelos de terapia delinquente. **Pró-Fono R. Atual**. Cient. 20(4), 2017.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; BARRETO, M. C. M. Grupo RIHS: Relações interpessoais e Habilidades Sociais. In: WORKSHOP DE GRUPOS DE PESQUISA, 2. EJORNADA CIENTÍFICA DA UFSCar, 6., 2005, São Carlos. **Anais [...]**. São Paulo, 2005.

GONÇALVES, Cláudia. CASTRO, Mariana S J de. Propostas de intervenção fonoaudiológica no autismo infantil: revisão sistemática da literatura. **Distúrb Comun**, São Paulo, 25(1): 15-25, abril, 2013

GOULART, P.; ASSIS, G. J. A. de. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 151- 165, dez. 2002. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452002000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2018.

LEAR, K. Help Us Learn: A Self-Paced Training Program for ABA. 2. ed. Toronto: Training Manual. 2010.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: guia prático**. São Paulo: AMA, 2007.

PASTORELLO, L. **Autismo e Fonoaudiologia**. 2018. <http://www.fonosp.org.br/noticias/1387-artigo-autismo-e-fonoaudiologia>

CAPÍTULO 02

A IMPORTÂNCIA DA FONOAUDIOLOGIA NA ESCOLA: UMA VALIOSA PARCERIA

Claudenir Gonçalves Medeiros Email:Claudeniraudibel@yahoo.com.br

Débora Samara de Freitas e Silva Email:samarafono@hotmail.com

Faculdade de Ensino Superior do Piauí-FAESPI

Resumo

Objetivo: Analisar parte da produção de conhecimento acerca da importância da fonoaudiologia na educação. **Método:** Análise de artigos publicados em periódicos da área da Fonoaudiologia e educação. **Resultados:** Percebe-se predomínio do modelo clínico e tendência de buscar a escola para estudos sobre saúde da população escolar e de concebê-la como espaço de aplicação de medidas de controle e prevenção de doenças. **Conclusão:** Contínuo crescimento de publicações; tendência de aumento de artigos que abordam a interface entre Fonoaudiologia e Educação; ênfase nos estudos sobre aspectos do desenvolvimento em escolares, integrar o fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar no âmbito escolar na perspectiva privada e pública.

Palavras-chave: 1ºfonoaudiologia; 2º educação; 3º família ;4ºpublicações.

1 INTRODUÇÃO

A Resolução nº 309/2005 do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa) aponta várias possibilidades de atuação profissional do fonoaudiólogo no campo da educação: a capacitação e assessoria, o planejamento, desenvolvimento e execução de programas fonoaudiológicos, as observações, triagens fonoaudiológicas, orientações quanto ao uso da linguagem, motricidade oral, audição e voz, as ações junto ao ambiente escolar que favoreçam as condições adequadas para o processo de ensino e aprendizagem e as contribuições na realização do planejamento e das práticas pedagógicas de instituições educacionais pública e privada. Recentemente, a Fonoaudiologia Educacional/ Escolar passou a ser considerada uma especialidade da área em função do acúmulo de conhecimentos nesse campo, e, sobretudo, pela complexidade da formação, que transcende o nível de graduação. Pouco explorada, a análise da produção científica sobre a interface Fonoaudiologia e Educação traz entre outras possibilidades as de identificar tendências, refletir sobre a prevalência de temáticas, identificar lacunas e fomentar novas pesquisas.

O QUE O FONAUDIÓLOGO FAZ NA ESCOLA?

A escola é um espaço de ensino, aprendizagem, convivência e desenvolvimento; um espaço de vida diária privilegiado para a promoção de saúde, pois representa um ambiente no qual as pessoas passam parte do tempo de sua vida e onde são formados valores.

Considerando a escola como um espaço de relações interpessoais mediadas pela linguagem, e sendo esta uma das especialidades da fonoaudiologia, o fonoaudiólogo escolar passa a ter um papel de extrema relevância nas instituições educacionais, uma vez que tem como proposta favorecer as condições de interlocução comunicativa. O fonoaudiólogo pode desenvolver ações no ambiente escolar em diversas situações, por meio da participação em atividades de trabalho pedagógico coletivo, grupos de estudo e reuniões de planejamento

Na escola, o fonoaudiólogo atua de forma preventiva a partir de seus conhecimentos específicos relacionados a aquisição da leitura e escrita, linguagem oral, voz e audição, enquanto em clínicas e em hospitais essa atuação é terapêutica.

O fonoaudiólogo pode desenvolver ações educativas para apoio e efetivação da aprendizagem ao participar das discussões das estratégias de ensino de acordo com a turma, com o professor e com a metodologia da escola, podendo inclusive prevenir possíveis problemas de aprendizagem.

Ao inserir o Fonoaudiólogo na escola, o campo de trabalho abrange três funções principais: Participação na equipe escolar; Identificação das dificuldades dos alunos; Orientação à família e encaminhamento à atendimentos clínicos fora da escola.

Quando se fala em participação na equipe escolar, refere-se a uma equipe multiprofissional, que envolve: professores, psicólogos e orientadores pedagógicos e educacionais. Com essa equipe o fonoaudiólogo vai atuar de diferentes formas realizando, por exemplo, o levantamento de dificuldades ligadas ao ensino e aprendizagem, desenvolvendo ações educativas com o objetivo de disseminar o conhecimento sobre a comunicação e a aprendizagem e participando da elaboração, execução e acompanhamento de projetos e propostas educacionais.

Sendo assim, o Fonoaudiólogo Educacional tem a função de transmitir os conhecimentos específicos da sua área para os demais do grupo, utilizando diversos recursos, através de palestras, pequenos cursos, programas de treinamento e outros. Compete a ele também elaborar planejamentos trabalhando em equipe com o orientador pedagógico.

A identificação das dificuldades dos alunos pode ser feita de forma individual ou coletiva. Junto a equipe, o Fonoaudiólogo Educacional analisa todo o contexto da criança e as

possíveis causas da dificuldade apresentada, além disso, contribui com seu conhecimento para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a aprendizagem.

Após a identificação das dificuldades, é realizada a orientação à família e a indicação de atendimento clínico especializado fora da escola. No papel do fonoaudiólogo educacional, não está prevista a função de realizar terapia, fornece laudos e diagnósticos clínicos no ambiente escolar. Essa função cabe, portanto, ao fonoaudiólogo clínico.

Sendo assim, vale ressaltar a grande importância da presença desses profissionais nas escolas, para que possam detectar o mais cedo possível as dificuldades na linguagem escrita e oral e encaminhar, quando necessário, à intervenção adequada.

2 MÉTODO

A pesquisa descritiva é um método onde são recolhidas informações mais específicas e detalhadas. Como o próprio nome diz, esse tipo descreve uma realidade ao mesmo tempo que essa metodologia expõe os dados de algo, não se aprofunda no porquê dessa.

O presente artigo caracteriza-se como descritivo exploratório, com fonte de dados documentais.

3 CONSIDERAÇÃO FINAL

Considerando que a escola é a principal ponte entre o aprendizado da linguagem formal, especialmente em se tratando da alfabetização, ela requer a contribuição de um fonoaudiólogo para identificar os casos de distúrbios de fala que dificultam a oralidade de crianças, em especial aquelas em processo de alfabetização. As observações expostas levam-nos a concluir que é de extrema importância a presença de um fonoaudiólogo no ambiente escolar, pois o mesmo poderá ajudar nas atividades educacionais, não interferindo na prática pedagógica dos professores, mas auxiliando-os a trabalhar com crianças que apresentam distúrbio de oralidade, assim agindo em parceria, viabilizando um melhor desempenho escolar aos alunos. É necessário ajudar as crianças a se desenvolverem com sucesso e tranquilidade, pois cuidando de um problema no início e de uma forma correta e rápida, poderá resolvê-lo para evitar conflitos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, concluímos a importância do fonoaudiólogo na escola primordial, bem como enfatizar a falta e a necessidade de um fonoaudiólogo nas escolas seja na instância pública ou privada.

Ressaltamos que o fonoaudiólogo deve estruturar, apresentar e aplicar projetos com o objetivo de inserir a profissão no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERBERIAN, Ana, C. Fonoaudiologia e educação: um encontro histórico. São Paulo: Plexus, 1995;

SANTANA, Ana Paula. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007;

SOUZA, Susana Bueno. A Fonoaudiologia no âmbito escolar: um encontro em construção. 2ª ed. São Paulo: Lilibros, 1998;

DIDIER, Carolina. O que o fonoaudiólogo faz na escola. 2011. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2021;

GIROTO, Claudia, R. M. (org). Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola. São Paulo: Plexus, 1999.

CFFa: Conselho Federal de Fonoaudiologia [Internet]. 2011. Resoluções nº 309/2005. [acesso em agosto 2011];

BEFI, Lopes, Débora (org). Fonoaudiologia na atenção primária à saúde. v. III. São Paulo: Lovise, 1997;

DIDIER, Maria, G. S. L. Fonoaudiologia: sua história em Pernambuco. 2001 Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Universidade Católica de Pernambuco.;

SOUZA, Susana Bueno. A Fonoaudiologia no âmbito escolar: um encontro em construção. 2ª ed. São Paulo: Lilibros, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZORZI, Jaime Luiz. Aspectos diagnósticos das alterações da linguagem infantil. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

CAPÍTULO 03

A INFLUÊNCIA DO USO EXCESSIVO DE DISPOSITIVO ELETRÔNICO NOS ATRASOS DE LINGUAGEM EM CRIANÇAS DE 02 A 06 ANOS

¹Erika Fernanda Linard Martins,² Danielle Padilha Cavalcante,³ André Alelaf

¹Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI), (erikalinard9@gmail.com)

² Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI), (colegadani@hotmail.com)

³ Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI), (andre_alelaf@hotmail.com)

Resumo

Nas últimas décadas tem-se observado um aumento significativo no número de casos de atraso no desenvolvimento na linguagem e na fala, cujas causas ainda não são totalmente conhecidas. Coincidentemente, uma das principais alterações ambientais ocorridas neste período foi a maciça introdução de aparelhos de telefonia móvel (*Os Smartphones*) em nossa sociedade. O objetivo deste artigo é revisar a literatura atual explorando a hipótese de que o uso precoce e excessivo destes aparelhos pelas crianças e, extensivamente por seus pais e cuidadores pode estar associado a este atraso no neurodesenvolvimento. Enquanto mais pesquisas são necessárias para se provar alguma relação causal, é razoável propor um uso mais racional e saudável, reduzindo seu uso ao mínimo necessário nos momentos de interação com as crianças ainda em fase de desenvolvimento.

Palavras-chaves: Atraso; Crianças; Desenvolvimento; Eletrônicos; Linguagem

Área Temática: Atraso infantil de linguagem decorrente do uso precoce e abusivo de eletrônicos

Email do autor principal: erikalinard9@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Por definição, a fala é a expressão verbal da linguagem, enquanto a linguagem constitui todo o processo conceitual da comunicação, incluindo a linguagem receptiva (compreensão) e a linguagem expressiva (habilidade de comunicar informações, sentimentos, pensamentos ou idéias, não necessariamente através da forma verbal). Muito embora o desenvolvimento da linguagem ocorra muito antes da pronúncia das primeiras palavras, evidenciado através da interação por meio de expressões faciais, vocalizações pré-verbais e comunicação gestual, a ausência de emissão das primeiras palavras até por volta dos quinze

meses de idade, é, para muitas famílias o primeiro sinal detectável da presença de um atraso no desenvolvimento neurológico.

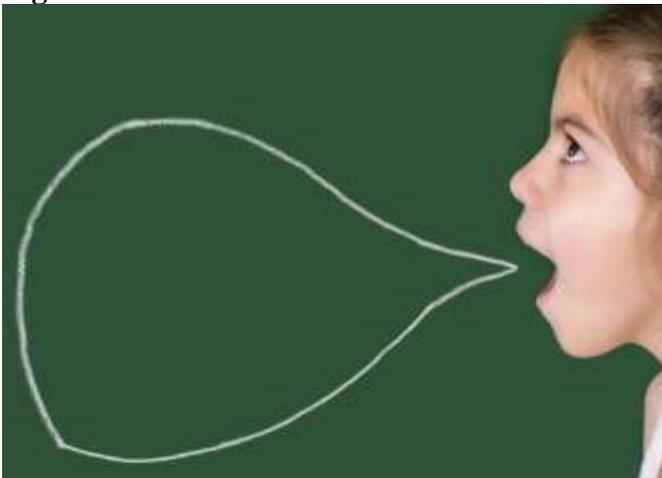
Este tema se mostra de fundamental importância, ainda, devido ao fato de que crianças que apresentam um atraso na aquisição da fala, apresentam um elevado risco para o futuro desenvolvimento de déficits na interação social e problemas emocionais, comportamentais e cognitivos. Embora a etiologia do atraso no desenvolvimento da fala ainda seja desconhecida, sendo considerada uma condição multifatorial envolvendo uma relação intrincada de fatores biológicos (genéticos ou causas variadas de comprometimento auditivo) e ambientais (baixo nível socioeconômico), tem chamado a atenção o fato de que esse aumento prevalência ocorreu em consonância com o uso cada vez precoce e frequente de dispositivos eletrônicos portáteis (*Smartphones*).

Figura 1. Neurodesenvolvimento infantil



Fonte: 2019. Disponível em: <https://neurologistainfantil.com/neurodesenvolvimento-infantil/>

Figura 2. Déficit de desenvolvimento na fala



Fonte: Malu Echeverria, 2015

Figura 3. “Pais que passam muito tempo no celular tendem a gritar mais com as crianças, diz estudo”



Fonte: 2022. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2022/09/pais-que-passam-muito-tempo-no-celular-tendem-gritar-mais-com-criancas-diz-estudo.html>

2 USO DE SMARTPHONES PELAS CRIANÇAS E REFLEXOS NA LINGUAGEM

De acordo com levantamentos realizados nos Estados Unidos, a quase totalidade (96,6%) das crianças entre seis meses de idade a quatro anos utilizam Smartphones, sendo que aos dois anos de idade, o tempo em frente a um aparelho de telefonia móvel é similar ao tempo gasto em frente aos aparelhos de televisão.

Em países altamente conectados como a Coreia do Sul, a frequência de uso de Smartphones nos primeiros anos de idade varia de 85 a 95% e cerca de 2,5% das crianças entre três e cinco anos de idade já exibem sinais de dependência eletrônica¹². Em um estudo realizado por van den Heuven et al. foram avaliadas 893 crianças com média de idade de 18,7 meses.

As crianças foram divididas em dois grupos, o primeiro formado por aquelas em que os pais reportaram que não tinham acesso a Smartphones (693 crianças) e um segundo grupo formado por aquelas que tinham acesso (200 crianças, com um tempo de exposição que variava de dois a 300 minutos por dia). Os grupos foram então avaliados quanto a presença de

atrasos no desenvolvimento da fala expressiva e outros atrasos de linguagem, detectados através do questionário Infant Toddler Checklist (ITC).

O ITC é um questionário composto por 24 perguntas respondidas pelos pais que avalia diversos aspectos da comunicação como: comunicação social (comunicação visual e gestual); comunicação simbólica (compreensão e uso de símbolos); fala (emissão de sons e palavras) . Como resultados, o estudo evidenciou que em crianças de 18 meses de idade, o uso de Smartphones esteve significativamente associado a um atraso no desenvolvimento da fala, observando-se um risco 2,3 vezes maior a cada aumento de 30 minutos de exposição.

Em outro estudo, realizado por Collet et al, foram avaliadas 167 crianças com idades entre 3,5 e 6,5 anos com diagnóstico de atraso no desenvolvimento da fala, comparadas a 109 crianças controles (sem nenhum tipo de atraso na linguagem). Evidenciou-se que no grupo das crianças com atraso, 44% apresentavam exposição a Smartphones logo após o despertar, durante as refeições e antes de dormir, em comparação com 22% daquelas sem atraso, representando um risco 2 vezes maior de atraso na fala e linguagem nas crianças expostas excessivamente ao uso de Smartphones.

Em 2019 ainda, mais um estudo avaliou a relação entre o uso de Smartphones na infância e seu impacto no desenvolvimento da fala. Moon et al. avaliaram um grupo de 117 crianças com idades entre três e cinco anos apresentando os seguintes padrões de uso de dispositivos móveis: 67,5% utilizavam entre uma a quatro vezes por semana, 23,9% mais de cinco vezes por semana, cerca de 65% faziam uso por mais de 1 hora por dia.

O estudo evidenciou uma relação negativa entre o uso de Smartphones e o desenvolvimento da fala, interessante, houve uma correlação positiva entre seu uso e o desenvolvimento da coordenação motora final. Em contrapartida, em 2020, Lin et al. avaliaram 161 cuidadores primários de crianças com idades entre 18 e 36 meses. Foram aplicados os questionários Child Behavior Checklist for ages 1 1/2-5 para avaliação comportamental e o Communication and Language Screening Test for Birth to Three para avaliação da linguagem.

Os resultados do estudo evidenciaram que as crianças que passavam mais tempo usando os aparelhos de Smartphones apresentavam uma maior frequência de alterações emocionais (ansiedade, sintomas depressivos, dificuldades de interação social, problemas de atenção e agressividade), não tendo sido observados atrasos na aquisição da linguagem.

3 USO DE SMARTPHONES PELOS PAIS E SEU IMPACTO NA LINGUAGEM DOS FILHOS

Assim como na primeira infância, o uso de Smartphones tem sido cada vez mais frequente entre indivíduos de todas as idades. De acordo com estatísticas atuais, as famílias americanas possuem, em média, cinco aparelhos conectados simultaneamente a internet, dessa forma, é esperada que as interações familiares sejam moldadas pelas novas tecnologias presentes em suas casas. Estudos apontam que 73% dos pais utilizam seus dispositivos móveis durante as refeições com os seus filhos¹⁸, mais de 65% das mães relatam que as novas tecnologias interrompem a relação mãe-filho durante atividades de lazer e cerca de 35% dos cuidadores relatam que ao menos 20% do tempo em que estão em um momento de lazer com seus filhos é gasto atendendo a ligações ou respondendo a mensagens.

O aumento da utilização de telas pela população pediátrica foi associado ao mau funcionamento familiar, devido à baixa qualidade das interações interpessoais familiares. Esta dinâmica contribui para a substituição de atividades que poderiam proporcionar bem-estar emocional da criança, pelo uso da tecnologia – a qual, com o tempo, podem tornar-se um hábito para ocupar a rotina da criança¹⁸. Visto isso, de acordo com Hilda K. Kabali, et al, 2021, a maioria das crianças começou a usar dispositivos tecnológicos, como telefone celulares, no primeiro ano de vida, e este uso foi encorajado pelos pais, que, por vezes, presenteiam a criança com um aparelho para uso próprio.

Também, há três circunstâncias em que os pais permitem que seus filhos utilizem dispositivos de mídia: para a realização de tarefas, mantê-las calmas em ambientes públicos e para mandar recados. É sabido que o uso, por crianças, de tecnologias associadas às telas está relacionado ao atraso na aquisição da fala – a qual se caracteriza pela não aquisição das habilidades normais de expressão de fala, podendo ocasionar demais transtornos, alterando a fisiologia saudável expressional e tornando-a patológica.

Ademais, a menor interatividade dos pais com a criança, devido ao uso de tecnologias, como televisão e telefones celulares, também é pontuada como um fator ambiental que afeta negativamente o desenvolvimento da fala⁸ Isso se deve à carência de estímulo suprido aos filhos, cujos pais utilizam Smartphones frequentemente - já que o comportamento parental com as mídias influencia diretamente o desenvolvimento da linguagem na infância, juntamente com a comunicação familiar, visto que os progenitores são o primeiro vínculo social da criança.

Além disso, a exposição aos dispositivos móveis tecnológicos pode, naturalmente, começar em casa, através das mães, em atitudes inofensivas – como a utilização de aparelhos celulares, quando em momentos familiares com a criança, repetidas vezes - e até mesmo a fim de distração, colocando vídeos e jogos, por exemplo. Entretanto, pais e responsáveis devem intervir quando em contato com telas, devido à falta de julgamento e autocontrole da criança quanto ao tempo que permanece exposta à tais dispositivos.

A acessibilidade e conveniência dos dispositivos móveis tecnológicos tornam-se excessivo às crianças, especialmente por serem de fácil manuseio e pela forma intuitiva de utilizá-los. Visto isso, destacam-se os motivos pelos quais mães são motivadas a permitirem, por vezes, encorajarem o uso de Smartphones pelos seus filhos: Estudos sugerem que consideram as telas uma tecnologia útil para o aprendizado; para que os filhos acompanhem a evolução e tendências mundanas; para que as crianças possam brincar sozinhas, a fim de evitar incômodos aos pais.

Todavia, quando questionadas sobre as condições que encorajam este uso, mais de 50% do número de mães entrevistadas relatam o desejo de um Smartphones pelo filho, 28,1% alega ser para lidar com mau comportamento, e apenas 11,3% declaram a existência de fatores de aprendizado. Logo, pode-se concluir que a alta disponibilidade, pelos pais, de Smartphones e tecnologias de tela, baseia-se majoritariamente para acalmar e distrair as crianças.

De acordo com a Associação Americana de Pediatria, dispositivos midiáticos podem ser utilizados como telas de vídeo passivas em crianças muito novas. Entretanto, crianças com idade inferior a 30 meses talvez não sejam ainda capazes de obter aprendizado relativo à fala através da exposição às telas. Além disso, propõe-se que a diminuição não apenas do estímulo verbal, mas também de brincadeiras baseadas em interações interpessoais, aumentam o risco de atraso na linguagem dos filhos. Visto isso, crianças que recebem mais afeto demonstraram melhor expressão quanto ao desenvolvimento de habilidades relacionadas à linguagem, ou seja, a atenção e participação dos pais na rotina diária dos filhos torna-se inegavelmente necessária para o desenvolvimento de fala.

4. INFLUÊNCIA NEGATIVA DOS SMARTPHONES NO DESENVOLVIMENTO DA FALA

Diversos mecanismos foram propostos para explicar a influência negativa que o uso de Smartphones pode ter sobre o desenvolvimento da fala. De acordo com Rachel Barr, as crianças aprendem através da observação e interação direta com os eventos ou através da

interação simbólica a partir de livros, aparelhos de televisão, telas de touchscreen ou outras formas de representação bidimensional como os aparelhos de Smartphones.

A aprendizagem a partir de diferentes contextos depende da capacidade de transferência do aprendizado, e esta, da flexibilidade cognitiva. Estudos apontam que crianças não apresentam a mesma capacidade de transferir o que aprendem através das mídias eletrônicas com a mesma facilidade que conseguem a partir da interação face a face. Outro mecanismo proposto seria a falta de estímulo proveniente da interação entre as crianças e seus cuidadores.

Segundo Christakis et al. a cada hora em frente a um dispositivo móvel, reduz-se, significativamente, a conversação com os pais, o número de vocalizações emitidas e o número de palavras pronunciadas tanto pela criança quanto pelo cuidador. Em resumo, o uso de Smartphones tanto pelas crianças quanto pelos seus cuidadores reduz o número de interações verbais e não-verbais, tornando ainda os pais menos responsivos às vocalizações dos filhos.

Entende-se que a aquisição da linguagem na infância é o resultado da interação entre a criança e seu ambiente social sendo a linguagem conceituada como um fenômeno social motivado pela necessidade da criança de se comunicar com outros indivíduos²⁴. No dia-a-dia, diversas oportunidades de interação social se apresentam para cada criança em idade de desenvolvimento linguístico: 1) as pessoas de seu convívio imediato (pais, irmãos, parentes, colegas da mesma idade); 2) companheiros imaginários ou personagens de brincadeiras imaginativas; e 3) outros agentes sociais que fazem parte do cotidiano como os programas de televisão e, mais atualmente os Smartphones.

Com base nisto, algumas teorias foram propostas para explicar a influência do uso das tecnologias no desenvolvimento da linguagem expressiva. Teoria dos Sistemas Ecológicos: Teoria cunhada por Urie Bronfenbrenner em 1979 enfoca o contexto social em que a criança vive e afirma que seu desenvolvimento é inteiramente dependente das interações recíprocas entre uma série de sistemas ecológicos, sendo os principais: microsistema (sistema mais íntimo de interação formado pelas pessoas que possuem contato direto com a criança como os pais, irmãos, parentes e professores); mesossistema (formado pela interação entre os microsistemas, por exemplo, entre os pais e os professores) e o exossistema (composto pelo ambiente que influencia na vida e no desenvolvimento da criança).

Existiriam ainda dois outros sistemas ecológicos, o macrosistema (formado pelo ambiente cultural em que a criança vive) e o cronossistema (formado pelos eventos pontuais que marcam etapas importantes da vida da criança). Quando esta teoria foi proposta, os

Smartphones ainda não haviam sido inventados, sendo que as “novas” tecnologias eram representadas pelos aparelhos de televisão, que fariam parte do exossistema ecológico e que, de acordo com o autor, interferiria na relação entre os pais e filhos, afetando a adequada interação entre os sistemas

5. MÉTODO

Foi realizada uma revisão integrativa e não sistemática da literatura com o objetivo de analisar e sintetizar as informações presentes nas publicações científicas a respeito da relação entre o uso de *Smartphones* e a aquisição da fala e linguagem. As bases de dados empregadas para esta pesquisa foram *Scielo, Pubmed, LILACS e Medline*.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Academia Americana de Pediatria sugere que o uso de mídias seja desencorajado em crianças menores de 18 meses (com exceção às vídeochamadas), e evitar o acesso das mídias por crianças entre 18-24 meses sem o acompanhamento de um responsável adulto. Além disso, a mudança e organização de hábitos que visem melhor qualidade do sono, tais como evitar o uso de telas próximo ao horário de dormir – e até mesmo reduzir a presença de telas nos quartos dos filhos, já que a presença de recursos midiáticos em locais de descanso pode estar associada ao maior índice de crianças com dificuldades comportamentais e emocionais.

Ademais, indica-se evitar o uso de telas para entretenimento de crianças menores de 18 meses, visando estimular brincadeiras que resultem em comportamento ativo e maior convívio interativo entre pais e filhos. Também, adultos devem estar atentos ao tempo e intensidade de exposição permitida, assim como os conteúdos acessados pelas crianças – evitando possíveis consequências da exposição a conteúdos inadequados.

A propagação de informações direcionadas a pais e cuidadores, quanto à importância do uso consciente e saudável da tecnologia no ambiente familiar, inevitavelmente deve ser intensificada, para que, apesar do uso de Smartphones ter papel central no cenário mundial contemporâneo, haja prudência e consciência quanto aos riscos, consequências e também possíveis benefícios do uso de telas, se cauteloso e sábio, no ambiente familiar. Além disso, deve-se atuar na prevenção da dependência de Smartphones. São necessários estudos futuros a respeito do uso abusivo de tecnologias de tela e suas implicações na população pediátrica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, C.; ROMERO, E. Problematic Technology Use in a clinical sample of children and adolescents. Personality and behavioral problems associated. *Actas Espanolas de Psiquiatria*, Madrid, v. 45, n. 2, p. 62-70, 2017.
- ALVES, L.; CARVALHO, A. M. Videogame: É do bem ou do mal? Como orientar pais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 2, p. 251-258, 2011.
- ARAUJO, L. B. Análise do desenvolvimento neuropsicomotor de crianças de zero a três anos em centros de educação infantil. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- ARAUJO, L. B.; MÉLO, T. R.; ISRAEL, V. L. Low birth weight, family income and paternal absence as risk factors in neuropsychomotor development. *Journal of Human Growth and Development*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 272-280, 2017.
- AVG. Digital Diaries. 2015. Disponível em: <<http://www.avg.com/digitaldiaries/homepage>>. Acesso em: 09 nov. 2015.
- BOMTEMPO, E.; CONCEIÇÃO, M. R. Infância e contextos de vulnerabilidade social - A atividade lúdica como recurso de intervenção nos cuidados em saúde. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 34, n. 87, p. 490-509, 2014.
- BRITO, C. M. L. et al. Neuropsychomotor development: the Denver scale for screening cognitive and neuromotor delays in preschoolers. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 7, p. 1403-1414, 2011.
- BUCKINGHAM, D. *Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância*. São Paulo: Loyola, 2006.
- BUCKINGHAM, D. et al. The impact of the media on children and young people with a particular focus on computer games and the internet: prepared for the Byron Review on children and new technology. London: Department for Children, School and Families, 2007.
- CAMPOS, M. M. et al. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais brasileiras. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 20-54, 2013.
- CARNEIRO, J. M.; BRITO, A. P. B. D.; SANTOS, M. E. A. Avaliação do desenvolvimento de crianças de uma creche através da Escala de Denver II. *Revista Mineira de Enfermagem*, Minas Gerais, v. 15, n. 2, p. 174-180, 2011.
- CLIFF, D. P. et al. The Preschool Activity, Technology, Health, Adiposity, Behaviour and Cognition (PATH-ABC) cohort study: rationale and design. *BMC Pediatrics*, London, v. 17, n. 1, p. 1-9, 2017.
- CRUZ JUNIOR, G.; CRUZ, D. M. Quando a brincadeira vira coisa séria: dos mitos e (in) verdades sobre as relações entre jogos digitais, cultura e consumo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 179-185, 2016.

DOMINGUES MONTANARI, S. Clinical and psychological effects of excessive screen time on children. *Journal of paediatrics and child health, Australia*, v. 53, n. 4, p. 333-338, 2017.

FORMIGA, C.; PEDRAZZANI, E.; TUDELLA, E. *Intervenção precoce com bebês de risco*. São Paulo: Atheneu, 2010.

GOMIDE, P. I. C. Crianças e adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão. *Psicologia argumento, Curitiba*, v. 19, n. 30, p. 17-28, 2002.

CAPÍTULO 04

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA EM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA POTENCIALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Nayana Kelly de Sousa Silva¹, Cibele Lima Goiano Vieira²

¹Faculdade de Ensino Superior do Piauí - FAESPI (fga.nayanasousa@gmail.com)

²Faculdade de Ensino Superior do Piauí - FAESPI (chigoiano@gmail.com)

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta o desenvolvimento da comunicação e interação social. A inclusão social dessas pessoas é uma realidade mundial, o que tem aumentado a necessidade de terapias que vão além do espaço clínico. Este artigo tem como objetivo destacar a importância da participação da família na otimização da intervenção ABA no tratamento de pessoas com transtorno do espectro autista. Uma revisão narrativa da literatura, abrangendo 13 publicações entre artigos, teses e dissertações, foi conduzida para explorar a eficácia da intervenção ABA na atenuação de comportamentos disruptivos em pessoas com TEA. A intervenção ABA, ao ser aplicada de forma adequada, tem mostrado ser uma abordagem eficaz na intervenção de pessoas com TEA, produzindo resultados significativos. A capacitação dos familiares e cuidadores é um fator chave para a efetividade da intervenção ABA, uma vez que eles têm um papel fundamental no reconhecimento de comportamentos disruptivos e na adoção de estratégias para controlá-los. Em síntese, a capacitação dos familiares e cuidadores é de suma importância para a efetividade da intervenção ABA no tratamento do TEA. É importante que profissionais que trabalham com intervenção ABA orientem e capacitem a família para que possam auxiliar no processo de intervenção e contribuir para o sucesso da inclusão social das pessoas com TEA.

Palavras-chave: Abordagem ABA; TEA; Intervenção comportamental; Capacitação familiar.

1 INTRODUÇÃO

Estudos recentes apontam que cerca de 70 milhões de pessoas no mundo foram diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Devido a esse fato, surgiu a necessidade de diagnóstico e tratamentos acessíveis e eficazes, principalmente na primeira infância, a chamada intervenção precoce (Sousa et al., 2020).

A *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-Vos)*, configura TEA como um transtorno complexo, devido ao fato de sua ampla variação de formas, intensidade dos sintomas e quanto aos prejuízos gerados na rotina do indivíduo. O transtorno do espectro autista caracteriza-se principalmente pela presença de déficits na comunicação social,

presença de comportamentos repetitivos, interesses restritos e ausência de interação social (Rosa; Matsukura; Squassoni, 2019).

A intervenção no tratamento de pessoas com transtorno do espectro autista deve ser feita de maneira precoce, intensa e duradoura, preferencialmente, baseada na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Assim, o problema que se apresenta no presente trabalho é: qual o papel da família na otimização da intervenção baseada em ABA junto a pacientes com TEA?

O modelo de intervenção baseado na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tem como enfoque mudanças comportamentais a partir de modificações no ambiente. Neste sentido, é fundamental capacitar os pais, familiares e outros responsáveis pela criança que exerçam o papel de cuidador da mesma seu dia a dia, a fim de aumentar a efetividade da intervenção (Lopes et al. (2021).

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo principal discutir a importância da participação da família na otimização da intervenção ABA no tratamento de pessoas com transtorno do espectro autista. Para tanto, realizou-se a caracterização do TEA e suas variações e definiu-se a importância do método ABA no tratamento de pessoas autistas.

Caracterizada como a primeira instituição com a qual uma criança se relaciona, a família é primordial para o seu desenvolvimento eficiente, eficaz e efetivo, configurando-se como um espaço de socialização. Contudo, muitas famílias têm dificuldade de manter uma rotina equilibrada com foco no desenvolvimento de uma criança diagnosticada com autismo. Neste sentido, o presente trabalho, apresenta como a família deve participar para melhorar os resultados da aplicação da metodologia ABA em crianças com TEA.

Como procedimento metodológico, realizou-se uma revisão narrativa da literatura, no qual não se fez uso de critérios sistemáticos para a busca, seleção e análise crítica dos trabalhos científicos (artigos, teses e dissertações). Para buscar as respostas para a questão apresentada acima, utilizou-se as bases de dados Scopus, Scielo e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações). A escolha dessas bases justifica-se pela amplitude, qualidade dos periódicos indexados e suas funções de busca.

Para atingir os objetivos propostos, o trabalho está estruturado da seguinte forma: além desta introdução, que contextualiza e demonstra a importância da atuação da família na melhoria da intervenção ABA em crianças com TEA; na seção 2, é apresentado o referencial teórico, contemplando os principais conceitos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista e à Análise do Comportamento Aplicada. Na seção 3, é detalhado o método de pesquisa; na

seção 4, ocorre a análise e discussão das 13 publicações incluídas na revisão; e, por fim, na seção 5, são apresentadas as considerações finais, onde se expõe a resposta para a questão norteadora.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno neurobiológico que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da criança desde os primeiros anos de vida. As manifestações do TEA variam de indivíduo para indivíduo, mas os principais sintomas são a dificuldade em estabelecer contato visual, a ausência de habilidades sociais, comportamentos repetitivos e estereotipados e a dificuldade em se adaptar a mudanças. A falta de compreensão do que é o TEA e de como ele afeta a vida da criança pode levar a uma série de desafios, tanto para a criança como para a família e a sociedade (Lavor et al., 2021; Zanolli et al., 2018).

O diagnóstico precoce é fundamental para o tratamento adequado do TEA, pois permite a identificação dos déficits e a intervenção para ajudar a criança a superá-los. A avaliação diagnóstica é realizada por uma equipe multidisciplinar e inclui a observação do comportamento da criança, além de testes e exames clínicos. Uma vez que o diagnóstico é confirmado, a intervenção deve ser iniciada o mais cedo possível, para que a criança possa desenvolver suas habilidades e alcançar o máximo de sua capacidade (Sousa et al., 2020; Rosa; Matsukura; Squassoni, 2019).

A intervenção para o TEA deve ser adaptada às necessidades individuais da criança e pode incluir terapia ocupacional, fonoaudiologia, terapia comportamental e outras modalidades de tratamento. A terapia comportamental é uma das formas mais eficazes de intervenção para o TEA, pois ajuda a criança a aprender novas habilidades sociais e comportamentais. Entre as terapias comportamentais mais utilizadas para o TEA, destacam-se a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e o Programa de Intervenção Precoce Denver (PIPD). A terapia deve ser conduzida por profissionais treinados e experientes no tratamento do TEA (Lopes, 2021; Rabelo, 2015; Bearss; Lecavalier; Scahill, 2018).

A inclusão social da pessoa com TEA é uma realidade que vem ganhando força em todo o mundo. Para que isso aconteça de forma efetiva, é necessário que haja uma maior conscientização e compreensão sobre o TEA, tanto por parte da sociedade como das instituições públicas e privadas. A inclusão escolar é um dos principais desafios enfrentados

pelas crianças com TEA, e muitas vezes requer adaptações especiais para garantir a acessibilidade e o aprendizado adequado. A inclusão social também envolve o acesso a atividades extracurriculares e a oportunidades de emprego para os adultos com TEA (Rosa; Matsukura; Squassoni, 2019; Lopes, 2021).

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição neurobiológica que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da criança desde os primeiros anos de vida. O diagnóstico precoce e a intervenção adequada são fundamentais para ajudar a criança a superar seus déficits e desenvolver suas habilidades. A terapia comportamental é uma das formas mais eficazes de intervenção para o TEA, mas a inclusão social da pessoa com TEA é um desafio que requer o engajamento da sociedade como um todo.

2.2 Análise do Comportamento Aplicada (ABA)

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) – em inglês *Applied Behavior Analysis*) – utiliza técnicas de intervenção baseadas em evidências científicas e personalizadas para o indivíduo. A terapia visa aumentar comportamentos socialmente aceitos e reduzir comportamentos que possam limitar a qualidade de vida do indivíduo, além de auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais, linguísticas e comportamentais. O terapeuta ABA utiliza técnicas como reforço positivo e negativo para aumentar ou reduzir comportamentos, além de moldar o comportamento através de estímulos específicos e gradualmente aumentando o nível de exigência (Yu et al., 2020).

A intervenção ABA é altamente estruturada, com sessões frequentes de terapia individualizada e objetivos claramente definidos. As sessões são geralmente realizadas em ambientes controlados, com o terapeuta guiando o comportamento do indivíduo e oferecendo feedback constante. Além disso, os pais e cuidadores são instruídos a continuar o trabalho em casa e a generalizar os comportamentos aprendidos em diferentes ambientes e situações (Medeiros, 2021; Frazier et al., 2021).

A ABA é uma abordagem centrada no indivíduo, na qual as necessidades e interesses da pessoa são considerados em todo o processo de intervenção. Isso é importante porque os indivíduos com autismo podem ter necessidades muito diferentes em termos de desenvolvimento social, emocional e comportamental, o que significa que a terapia precisa ser adaptada a cada indivíduo. A terapia ABA também valoriza a importância do ambiente em que o indivíduo vive, incluindo a escola e a família, e procura envolver e apoiar as pessoas

próximas ao indivíduo na implementação de estratégias eficazes (Will; Hepburn, 2015; Matos, 2019).

A ABA é uma abordagem que promove a independência e a autonomia do indivíduo, ajudando-o a desenvolver habilidades sociais, emocionais e comportamentais que lhe permitam integrar-se plenamente na sociedade. Ao ensinar habilidades básicas, como a comunicação, a ABA pode melhorar a qualidade de vida do indivíduo e reduzir a dependência de cuidadores e terapeutas. Além disso, a ABA pode ser adaptada para atender a necessidades específicas, como a comunicação não verbal ou a habilidade social, ajudando os indivíduos a superar desafios específicos (Frazier et al., 2021; Yu et al., 2020).

A ABA tem sido utilizada com sucesso no tratamento de indivíduos com autismo, tanto em crianças quanto em adultos. A terapia tem sido associada a melhorias significativas na comunicação, comportamento e habilidades sociais. A ABA tem sido recomendada como terapia de primeira linha para crianças com autismo, e muitos estudos têm mostrado sua eficácia na melhoria do desenvolvimento social e comportamental (Crone; Mehta, 2016; Camargo; Rispoli, 2013).

Embora a ABA seja amplamente reconhecida como uma terapia eficaz para o autismo, alguns críticos levantam preocupações sobre sua abordagem comportamental e a falta de ênfase em fatores biológicos e emocionais. No entanto, os defensores da ABA argumentam que a abordagem centrada no comportamento é a mais eficaz para o autismo e que o uso de técnicas baseadas em evidências pode levar a resultados positivos e duradouros (Will; Hepburn, 2015; Frazier et al., 2021).

3 MÉTODO

O método adotado para este estudo consistiu em uma revisão narrativa da literatura, caracterizada pela ausência de critérios sistemáticos rígidos na busca, seleção e análise crítica de trabalhos científicos, incluindo artigos, teses e dissertações. Nesse contexto, destaca-se a influência da subjetividade e intuição dos pesquisadores na interpretação e seleção das informações, desempenhando um papel crucial na condução desse tipo de investigação, conforme apontado por Pavani et al. (2021).

A busca por respostas à questão delineada na pesquisa foi conduzida nas bases de dados Scopus, Scielo e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A escolha dessas plataformas fundamentou-se na amplitude e qualidade dos periódicos

indexados, além das eficientes funcionalidades de busca oferecidas. A expressão de busca adotada para localizar trabalhos relevantes foi definida como ("*Análise do Comportamento Aplicado*" AND "*Transtorno do Espectro Autista*" AND *Família* OR ABA AND TEA AND *Família*).

No processo de seleção, foram estabelecidos critérios de inclusão que abrangiam: (1) publicações integralmente disponíveis em bases de dados; (2) trabalhos com foco no papel da família de pacientes com TEA na otimização da intervenção ABA; e (3) trabalhos publicados nos idiomas Português e Inglês. Em contrapartida, foram estabelecidos critérios de exclusão, descartando: (1) trabalhos duplicados; e (2) trabalhos que não estivessem alinhados ao escopo da pesquisa. Essas diretrizes foram implementadas para garantir a robustez e a relevância dos estudos considerados no escopo desta revisão narrativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta uma análise dos achados desta revisão, que abrange uma seleção criteriosa de 13 publicações, englobando artigos, teses e dissertações. A inclusão dessas diversas fontes enriquece a abordagem, permitindo uma compreensão abrangente e multidimensional do tema em questão. Ao explorar a ampla variedade de contribuições acadêmicas incorporadas nesta revisão, busca-se fornecer conclusões significativas sobre o papel da família na otimização da intervenção baseada na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa abordagem diversificada fortalece a robustez das conclusões apresentadas e proporciona uma visão mais completa e contextualizada das implicações práticas e teóricas associadas ao tema.

Os achados da literatura apontam que a participação ativa da família ou cuidadores é fundamental para um diagnóstico e tratamento adequado da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), visando uma melhor evolução clínica. É imprescindível que os responsáveis sejam orientados tanto conceitualmente, instrucionalmente quanto clinicamente para contribuir positivamente no processo terapêutico. Nesse sentido, a aplicação da Análise de Comportamento Aplicada (ABA) requer um ambiente estruturado e a capacitação dos pais ou cuidadores para trabalhar junto aos terapeutas, uma vez que as mudanças no comportamento da criança ocorrem a partir de modificações ambientais (Lopes et al., 2021).

Capacitar os pais e cuidadores de crianças com autismo é crucial para que possam avaliar no ambiente as circunstâncias que podem causar e manter os comportamentos da criança. Com base nessa avaliação, eles podem anteceder e direcionar esses comportamentos,

a fim de promover mudanças positivas no comportamento da criança. Segundo Bearss, Lecavalier e Scahill (2018), o objetivo inicial da capacitação dos pais e cuidadores deve ser ensiná-los a identificar as condições ambientais que influenciam o comportamento da criança.

Além disso, os pais e cuidadores precisam ser treinados para utilizar as estratégias comportamentais ensinadas pelos terapeutas de forma eficaz. Eles precisam aprender a implementar o programa de intervenção de maneira consistente, monitorar o progresso da criança e fazer ajustes no programa conforme necessário (Lopes et al., 2021). O envolvimento ativo dos pais e cuidadores na terapia ABA é fundamental para a continuidade do progresso da criança no ambiente familiar e na comunidade.

Portanto, a participação da família e cuidadores na terapia ABA é essencial para o sucesso do tratamento da criança com TEA. A capacitação desses indivíduos permite que eles compreendam melhor as necessidades da criança e possam trabalhar em conjunto com os terapeutas para implementar as estratégias de intervenção de forma consistente. Com isso, a criança tem maior probabilidade de obter melhores resultados em relação ao desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação, bem como na redução de comportamentos desafiadores. A colaboração entre os pais, cuidadores e terapeutas é fundamental para o sucesso da terapia ABA e para a melhoria da qualidade de vida da criança com TEA.

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos principais aspectos que devem ser otimizados pela atuação da família na intervenção ABA para crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Quadro 1 - Aspectos a serem otimizados pela atuação da família na intervenção ABA

Aspectos a serem otimizados	Objetivo	Aplicabilidade	Referência
Mudanças comportamentais	Analisar o comportamento da criança antecedente a ação	Modelação do comportamento da criança de acordo com os princípios comportamentais.	Crone e Mehta (2016); Will, Hepburn (2015).
Socialização	Promover a interação social	As necessidades sociais da criança	Harrop e Jasper (2017); Brian, (2017).
Comunicação social	Ampliar o repertório verbal	Ensino de fala funcional	Crone e Mehta, (2016); Gerencser, (2017); Rabelo et al., (2015).
Habilidades pessoais	Incentivar a prática funcional da independência	Execução de atividades de vida diárias	Harrop e Jasper, (2017); Naito, (2017); Gonçalves (2017).

Fonte: Elaboração própria (2023).

No que se refere às mudanças comportamentais, a atuação da família deve consistir na análise do comportamento da criança antecedente à ação e na modelação do comportamento da criança de acordo com os princípios comportamentais. Essa abordagem visa a extinguir comportamentos disruptores e a reforçar comportamentos positivos (Crone; Mehta, 2016; Will, Hepburn, 2015).

A socialização é outro aspecto importante que deve ser otimizado pela atuação da família na intervenção ABA. A socialização consiste na habilidade social propriamente dita e está voltada para a interação da criança com outras pessoas. A família deve promover momentos de interação e atividades coletivas entre a criança e outras pessoas, preferencialmente entre outras crianças, as quais chamamos de pares iguais, a fim de melhorar os resultados da intervenção ABA pelo Fonoaudiólogo (Harrop; Jasper, 2017; Brian, 2017).

A comunicação social também deve ser otimizada pela atuação da família na intervenção ABA. O objetivo é ampliar o repertório da criança e ensinar fala funcional, estimulando a comunicação verbal e não-verbal. Para isso, a família deve seguir as orientações terapêuticas e promover situações em que a criança seja estimulada a comunicar-se (Crone; Mehta, 2016; Gerencser, 2017).

O quadro apresentado destaca ainda as habilidades pessoais a serem otimizadas pela atuação da família na intervenção ABA em crianças com TEA. Dentre essas habilidades, destaca-se a prática funcional da independência e execução de atividades de vida diária, que são fundamentais para a autonomia e qualidade de vida da criança (Harrop; Jasper, 2017; Naito, 2017; Gonçalves, 2017).

O desenvolvimento dessas habilidades requer ações específicas da família, como a criação de oportunidades para que a criança pratique tarefas cotidianas, como se vestir, escovar os dentes, se alimentar e se locomover com independência. É importante que a família incentive e reforce o comportamento adequado, para que a criança aprenda a realizar essas atividades de forma autônoma e satisfatória (Bears; Lecavalier; Scahill, 2018; Pereira, 2011; Carvalho Filha, 2019).

Além disso, a intervenção ABA também trabalha outras habilidades pessoais, como a comunicação e a socialização. O aumento do repertório de comunicação e a habilidade de interação social são essenciais para o desenvolvimento social e emocional da criança com TEA (Gonçalves, 2017; Gerencser et al., 2017).

Para reforçar a habilidade de comunicação interpessoal da criança com TEA em casa, a família deve seguir as orientações terapêuticas e promover situações em que a criança seja estimulada a comunicar-se de forma verbal ou não-verbal.

Dentre as principais habilidades trabalhadas na intervenção ABA estão a comunicação, verbalização, socialização e autonomia. A orientação para a família é que crie ou aproveite situações da rotina da criança para favorecer essas habilidades, como por exemplo, no momento da alimentação, explicando o que a criança está comendo e bebendo.

Em resumo, a família tem um papel importante no processo de intervenção ABA pelo Fonoaudiólogo para crianças com TEA. É essencial que a família siga as orientações terapêuticas e crie um ambiente favorável em casa para promover o desenvolvimento de habilidades pessoais, comunicação interpessoal, socialização e mudanças comportamentais positivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da crescente inclusão social de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escala global, impulsionada pela necessidade de terapias mais abrangentes, esta pesquisa se propôs a discutir a importância da participação da família na otimização da intervenção por meio da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no tratamento de indivíduos com TEA.

A ABA, quando aplicada de maneira apropriada, emergiu como uma abordagem eficaz na intervenção para pessoas com TEA, produzindo resultados significativos. A premissa central da ABA, que sugere a modificação do ambiente para alterar comportamentos disruptivos, reforça a necessidade crucial de capacitar familiares e cuidadores. Essa capacitação, além de possibilitar o reconhecimento e controle de comportamentos desafiadores, viabiliza a adoção de uma abordagem analítico-comportamental mais efetiva.

Dessa forma, a conclusão principal destaca que a capacitação de familiares e cuidadores é um fator-chave para a efetividade da intervenção ABA. A participação ativa desses agentes na identificação e gestão de comportamentos disruptivos contribui diretamente para o sucesso da inclusão social de pessoas com TEA. Diante disso, reforça-se a importância dos profissionais que trabalham com intervenção ABA orientarem e capacitarem as famílias, consolidando assim o papel ativo destas no processo de intervenção e na promoção do bem-estar de indivíduos com TEA.

No âmbito deste estudo, é crucial reconhecer algumas limitações que podem impactar a generalização e interpretação dos resultados obtidos. A ausência de critérios sistemáticos na revisão narrativa da literatura pode ter influenciado na inclusão e exclusão de trabalhos, podendo gerar uma certa subjetividade nos resultados. Além disso, a limitação da pesquisa aos idiomas inglês e português pode ter excluído relevantes contribuições em outros idiomas. Essas limitações ressaltam a necessidade de uma abordagem mais abrangente em futuras pesquisas, incorporando critérios mais rigorosos e considerando uma gama mais ampla de fontes de informação.

Para trabalhos futuros, sugere-se a realização de estudos longitudinais que possam avaliar a eficácia da intervenção ABA ao longo do tempo, proporcionando uma compreensão mais aprofundada de sua aplicabilidade em diferentes estágios do desenvolvimento. Além disso, investigações específicas sobre estratégias de capacitação familiar, suas nuances e impactos a longo prazo, podem fornecer insights valiosos para otimizar o envolvimento da família na intervenção ABA. Considerando o caráter multidisciplinar do TEA, estudos que explorem a colaboração entre profissionais de diferentes áreas, como fonoaudiologia, psicologia e psicopedagogia, podem enriquecer ainda mais a compreensão da efetividade da intervenção ABA. Essas sugestões apontam para a continuidade e aprimoramento da pesquisa nesse campo, contribuindo para o desenvolvimento de abordagens mais eficazes e inclusivas para pessoas com TEA e suas famílias.

REFERÊNCIAS

BEARSS, Karen; LECAVALIER, Luc. SCAHILL, Lawrence. Parent Training for Disruptive Behavior in Autism Spectrum Disorder. In: JOHNSON, Cynthia R.; BUTTER, Eric M.; SCAHILL, Lawrence. (Eds.). **Parent Training for Autism Spectrum Disorder: Improving the Quality of Life for Children and Their Families**. American Psychological Association, 2018. p. 117-147.

BRIAN, Jessica A. Cross-Site Randomized Control Trial of the Social ABCs Caregiver-Mediated Intervention for Toddlers with Autism Spectrum Disorder. **Autism Research**. 10, p. 1700-1711, 2017.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, p. 639-650, 2013.

CARVALHO FILHA, Francidalma Soares Sousa et al. Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista: aspectos terapêuticos e instrumentos utilizados-uma revisão integrativa. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 8, n. 4, p. 525-536, 2019.

- CRONE, Regina M.; MEHTA, Smita Shukla. Parent Training on Generalized Use of Behavior Analytic Strategies for Decreasing the Problem Behavior of Children with Autism Spectrum Disorder: A Data- Based Case Study. **Education and Treatment of Children**. 39(1), p. 64–94, 2016.
- FRAZIER, Thomas W. et al. A longitudinal study of language trajectories and treatment outcomes of early intensive behavioral intervention for autism. **Journal of autism and developmental disorders**, p. 1-17, 2021.
- GERENCSEK, Kristina R et al. Evaluation of interactive computerized training to teach parents to implement photographic activity schedules with children with autism spectrum disorder. **Journal of Applied Behavior Analysis**. 50(3), p. 567–581, 2017.
- GONÇALVES, Hugo Miguel. **Linguagem e percepção visual como meio de comunicação em crianças com perturbações do espectro de autismo**. Dissertação (Mestrado em Design Gráfico), Escola Superior Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal, 2017.
- HARROP, Clare et al. The Impact of Caregiver-Mediated JASPER on Child Restricted and Repetitive Behaviors and Caregiver Responses. **Autism Research**. 10, p. 983–992, 2017
- LAVOR, Matheus De Luna Seixas Soares et al. O autismo: aspectos genéticos e seus biomarcadores: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3274-3289, 2021.
- LOPES, Victória Druzian; MURARI, Silvia Cristiane; KIENEN, Nádia. Capacitação de pais de crianças com TEA: revisão sistemática sob o referencial da Análise do Comportamento. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. 1-28, 2021.
- MATOS, Rosana do S. Pinheiro. As Dificuldades de Aprendizagem em Pessoa com Autismo e as Contribuições da Análise do Comportamento Aplicada-ABA. **Journal of Specialist**, v. 1, n. 4, 2019.
- MEDEIROS, Dailma da Silva. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. **Estudos IAT**, v. 6, n. 1, p. 63-83, 2021.
- NAITO, Andrea de Carvalho Pinto Ribela. **Avaliação de um programa de treino parental com ensino de análise funcional para diminuição de comportamentos disruptivos em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2017. 85f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento Aplicada) - Associação Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, São Paulo, 2017.
- PAVANI, F.M.; SILVA, A.B.; OLSHOWSKY, A.; WETZEL, C.; NUNES, C.K.; SOUZA, L.B. Covid-19 e as repercussões na saúde mental: estudo de revisão narrativa de literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 2021.
- PEREIRA, Cyelle Carmem Vasconcelos. Autismo e família: participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 9, n. 2, p. 52-59, 2011.
- RABELO, J. A., Paula, A., LABIGALINI, V. Aquisição e desenvolvimento de linguagem: estudo de caso de um sujeito diagnosticado com transtorno do espectro autista. **Anais do X Encontro Internacional de Produção Científica**, Maringá (PR), 2017.

ROSA, Fernanda Duarte; MATSUKURA, Thelma Simões; SQUASSONI, Carolina Elisabeth. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, p. 302-316, 2019.

SOUSA, Deborah Luiza Dias de et al. Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 1, p. 105-124, 2020.

WILL, Elizabeth; HEPBURN, Susan. Applied behavior analysis for children with neurogenetic disorders. In: **International review of research in developmental disabilities**. Academic Press, 2015. p. 229-259.

YU, Qian et al. Efficacy of interventions based on applied behavior analysis for autism spectrum disorder: A meta-analysis. **Psychiatry investigation**, v. 17, n. 5, p. 432, 2020.

ZANOLLA, Thais Arbocese et al. Causas genéticas, epigênicas e, ambientais do transtorno do espectro autista. **Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 15, n. 2, 2015.

CAPÍTULO 05

AS CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM DO AUTISTA NÍVEL 1 DE SUPORTE

Bruna Maria Alves Santos
Danilo santos araujo
brunafono2014@outlook.com, FAESPI
André Alelaf

Resumo

O Transtorno do Espectro Austita (TEA), é definido por comprometimento que surge precocemente no desenvolvimento sociocomunicativo. O Nível 1 de suporte, requer pouco suporte, são autistas que apresentam dificuldades na comunicação social e interação, mas conseguem lidar com rotinas diárias. Desta forma, a presente pesquisa teve como objetivo geral: descrever as características da linguagem do autista nível 1 de suporte e os objetivos específicos foram: explicar sobre os componentes da linguagem (pragmático, fonológico, semântico e gramatical), descrever os níveis 1, 2 e 3 de suporte no autismo e relatar as características gerais do autismo. A metodologia aplicada foi a revisão integrativa. Concluiu-se que autistas Nível 1 de suporte, apresentam como características na fala: dificuldades no engajamento da conversa, uso social da fala, ou seja, na pragmática, dificuldades na semântica, erros na colocação pronominal, erros na conjugação de verbos e utilização de adjetivos.

Palavras-chave: Autismo, linguagem e nível 1 de suporte.

Abstract

Austita Spectrum Disorder (ASD) is defined by impairment that appears early in socio-communicative development. Level 1 support, requiring little support, are autistic people who have difficulties in social communication and interaction, but can cope with daily routines. Thus, the present research had as its general objective: to describe the language characteristics of the autistic level 1 of support and the specific objectives were: to explain about the components of language (pragmatic, phonological, semantic and grammatical), to describe the levels 1, 2 and 3 of support in autism and to report the general characteristics of the autistic. The methodology applied was the integrative review. It was concluded that autistic Level 1 support patients present, as characteristics in speech: difficulties in engaging in conversation, social use of speech, i.e., in pragmatics, difficulties in semantics, errors in pronominal placement, errors in verb conjugation and use of adjectives.

Keywords: Autism, language and support level 1.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é definido por comprometimento que surge precocemente no desenvolvimento sociocomunicativo, assim como a presença de alguns comportamentos que podem ser repetitivos e estereotipados, manifesta em graus de gravidade

variados, que podem ser categorizados em três níveis : o nível 1, o indivíduo exige apoio; no nível 2, exige apoio substancial; e no nível 3 exige muito apoio substancial (TREVIZAN; PESSOA, 2008, APA, 2014).

O retraimento social é, frequentemente, acompanhado da impossibilidade da criança de desenvolver a linguagem de maneira funcional, ou seja, ela consegue pronunciar palavras, mas não apreende conceitos (KANNER, 1947).

De forma geral, no TEA, ocorrem desvios qualitativos de comprometimento dos três grupos do tripé, tais como interação, comunicação e uso imaginário, estando presente desde os primeiros anos de vida das crianças e comportamentos repetitivos simples (movimentos estereotipados, tiques, manipulação repetitiva de objetos e formas repetitivas de comportamento automutilatório) (MORAES, 2004).

No que se refere à linguagem no TEA, geralmente são caracterizadas por atrasos significativos ou ausência total e dentre as possíveis alterações de linguagem ocorre grande comprometimento no nível pragmático e nos aspectos paralinguísticos. O atraso de linguagem no TEA, pode ser precocemente observado na primeira infância pela ausência de contato ocular, de jogos vocais e gestuais, de balbucio e de resposta aos sons. Além disto, as verbalizações, quando presentes, exibem parâmetros anormais de prosódia, e em muitos casos a comunicação é realizada por meio de gestos (SAAD; GOLDFELD, 2009; CAMPELO et al., 2009).

Diante do exposto, a presente pesquisa apresenta como tema: “As características da linguagem do autista nível 1 de suporte”, com a seguinte problemática: Quais as características da linguagem do autista nível 1 de suporte?

Acredita-se, que os autistas nível 1 de suporte falam, porém, com a presença de dificuldades nos componentes da linguagem (pragmático, fonológico, semântico e gramatical).

O objetivo geral deste estudo é descrever as características da linguagem do autista nível 1 de suporte e os objetivos específicos são: explicar sobre os componentes da linguagem (pragmático, fonológico, semântico e gramatical), descrever os níveis 1, 2 e 3 de suporte no autismo e relatar as características gerais do autismo.

Desta forma, este estudo surgiu a partir do interesse de investigar, as características da linguagem da criança autista nível 1 de suporte, haja vista, que geralmente são crianças que desenvolvem a fala, porém com falhas nos sistemas de linguagem, podendo apresentar limitações na convivência social.

2 OS COMPONENTES DA LINGUAGEM (PRAGMÁTICO, FONOLÓGICO, SEMÂNTICO E GRAMATICAL)

O processo de aquisição da linguagem envolve quatro componentes são eles: o pragmático, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social; o fonológico, que envolve a percepção e a produção de sons para formar palavras; o semântico, diz respeito às palavras e seu significado e o gramatical que compreende as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis (SANSSURE, 1978).

Delineando sobre a pragmática, esta se refere ao funcionamento da linguagem em contexto social, situacional e comunicativo, além disto, trata do conjunto de regras que explicam ou regulam o uso intencional da linguagem, também é a forma adequada de utilização da língua em diferentes contextos, com intencionalidade comunicativa (ACOSTA et al., 2003, BISHOP; MOGFORD, 2002).

Quanto à fonologia, Wertzner (2004), refere que esta diz respeito à organização dos sons na fala, e que alterações neste aspecto se caracteriza por alterações denominadas de desvio fonológico evolutivo, distúrbio fonolôgicogico e transtorno fonológico.

Já o componente semântico é o ramo da linguística que se ocupa com o estudo do significado da linguagem, que abrange o conteúdo da linguagem e representa o estudo do significado das palavras e combinações de palavras (BISHOP; MOGFORD, 2002, ACOSTA et al., 2003).

Padrões evolutivos do desenvolvimento semântico são difíceis de serem apresentados, pois sua evolução depende de tal número de variáveis que não permitem estabelecer um desenvolvimento típico para cada idade (SANSSURE, 1978).

Quanto à gramática, esta é uma organização formal da língua composta pelo estudo morfossintático, onde a morfologia se refere ao estudo da decomposição das palavras em unidades menores com significado e a sintaxe, preocupa-se com as regras em que diferentes partes do discurso, podem ser combinados para formar frases. Ressalta-se, desta forma que conforme, a criança vai se desenvolvendo, a complexidade gramatical do seu discurso aumenta (BISHOP; MOGFORD, 2002).

3 AS CARACTERÍSTICAS GERAIS DO AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), diz respeito a comprometimentos que, de modo geral, surgem no desenvolvimento sociocomunicativo, assim como pela presença de alguns comportamentos que podem ser repetitivos e estereotipados, e representa-se como um

conjunto de transtornos, cujas características indicam dificuldades nos processos interativos, persistência na valorização dos objetos, alterações no humor, hiperatividade ou hipoatividade (BACKES; ZANON; BOSA, 2017).

A APA (2014), detalha que no Transtorno do Espectro Autista ocorre déficit na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social, compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais. A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos, como alinhar ou girar brinquedos e padrões rígidos de pensamento.

Além disto, atrasos na aquisição e desenvolvimento da linguagem são frequentes em indivíduos com TEA e as dificuldades linguísticas desses indivíduos podem estar presentes na morfologia, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática (BACKES; ZANON; BOSA, 2017).

Pode haver também, crianças com autismo que falam, porém com atraso linguístico significativo, representando sua linguagem por meio de ecolalia, com elementos decorados e produzidos fora do contexto (GANDERER, 1980).

A ecolalia é definida como uma repetição em eco da fala, essas repetições podem ocorrer pouco tempo ou imediatamente após a afirmativa modelo, ou ainda, após um tempo significativamente maior de sua produção, sendo denominadas como ecolalia imediata e tardia, respectivamente (KANNER, 1943).

Desta forma, compreende-se que o TEA, envolve o comprometimento de várias habilidades que são necessárias para o desenvolvimento da linguagem, interação social e autonomia.

4 OS NÍVEIS DE SUPORTE DO AUTISMO

A avaliação de indivíduos autistas é realizado por uma equipe multidisciplinar e o uso de escalas objetivas. Técnicas estruturadas existem e devem ser utilizadas para a avaliação tanto do comportamento social das crianças (atenção conjunta, contato visual, expressão facial de afeto) quanto da sua capacidade de imitação (PEREIRA; RIESGO; WAGNER, 2008).

Quanto aos níveis de suporte no autismo, essas classificações servem para avaliar o grau de necessidade de suporte que uma pessoa com autismo pode apresentar em áreas como comunicação, interação social e comportamento. Esses níveis ajudam a compreender a intensidade das dificuldades enfrentadas pela pessoa e a adaptar as intervenções de acordo com suas necessidades específicas (APA, 2014).

São três níveis de suporte: o Nível 1, requer pouco suporte, são autistas que apresentam dificuldades na comunicação social e interação, mas conseguem lidar com rotinas diárias, podem ter dificuldades em iniciar conversas, compreender pistas sociais ou estabelecer relacionamentos, porém podem se desenvolver através de intervenções e apoio para melhorar suas habilidades sociais; o Nível 2, exige apoio substancial, pois, apresentam dificuldades sociais e de comunicação mais acentuadas, podem demonstrar comportamentos repetitivos ou restritos, que interferem na funcionalidade, desta forma necessita de suporte substancial para lidar com mudanças na rotina e podem ter dificuldade em adaptar-se a novas situações sociais; O Nível 3, exige apoio muito substancial, pois, apresentam dificuldades graves na comunicação, interação social e comportamento, podem ter uma compreensão restrita das pistas sociais, dificuldade em expressar suas necessidades e podem apresentar comportamentos desafiadores, esse nível requer um suporte muito substancial para todas as áreas da vida (APA, 2014, GOMÉZ; TERÁN, 2014).

Diante disto, compreende-se que os diferentes níveis de suporte são importante para promover a inclusão e bem-estar das pessoas com autismo.

5 MÉTODO

O presente estudo foi desenvolvido através de revisão integrativa; um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos sobre as características da linguagem do autista Nível 1 de suporte (SOUSA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A metodologia aplicada na presente pesquisa foi o levantamento de referências, que é o ato de fichar, relacionar, referenciar, tendo como finalidade investigar as diferentes contribuições científicas sobre determinado tema, de forma que o pesquisador possa utilizá-la para confirmar, confrontar ou enriquecer suas proposições (SEVERINO, 2007).

O levantamento de dados foi realizado por livros e pela *internet* (banco de dados *online*), através de consultas em trabalhos científicos (indexados) na *Scientific Electronic Library Online – SCIELO*; Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e da Literatura Científica e Técnica da América Latina e Caribe (LILACS), com publicação nacional.

Utilizou-se como critério de inclusão para a seleção de amostras os artigos indexados 2011 a 2020, em periódicos nacionais, disponibilizados na íntegra (texto completo) que respondam a temática do estudo.

Foram excluídos da população pesquisada, publicações cujos títulos e/ou objetivos não possuam ligação direta com os descritores supracitados, não respondam a temática ou fujam ao objeto de estudo, apresentem resultados ambíguos ou inconclusivos.

Utilizando as seguintes palavras-chave: Autismo, linguagem e nível 1 de suporte.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para realização dos resultados e discussão dos dados, levou-se em consideração artigos com objetivos semelhantes aos que compõem a presente pesquisa, acerca das características da linguagem do autista Nível 1 de suporte, sendo descritos a seguir na **Quadro 1**, o autor, o ano e resultados.

QUADRO 1: Demonstrativo Autor/Ano e Resultados.

AUTOR/ANO	RESULTADOS
FERNANDES (2006)	Concluiu-se, que o autista por apresentar dificuldades em engajar uma conversa e expressar suas ideias, fez com que o foco terapêutico evoluísse para uma abordagem que enfatiza os aspectos pragmáticos da linguagem.
FERREIRA; TEIXEIRA; BRITTO (2011)	Foi identificado falhas na pragmática em autistas adulto, onde houve progresso no perfil pragmático da comunicação com o uso concomitante dos dois métodos de comunicação alternativa, uma vez que as interações sociais do sujeito aumentaram.
TREVIZAN; PESSOA (2018)	As características gerais do estudo sobre os modos específicos do autista (nível 1) de elaborar a linguagem, estão relacionadas diretamente com os transtornos de linguagem (comunicação e interação social), tais como: a linguagem monocêntrica e não dialógica; interpretação equivocada das falas; compreensão das falas centradas nos sentidos literais do REAL; habilidades sociais de

	comunicação limitadas; empatia comprometida; dificuldade de percepção social; dificuldade de compreensão da dimensão temporal.
SILVA (2020)	Os prejuízos comunicativos observados no TEA estão relacionados à semântica e pragmática e são manifestados através da repetição de palavras ou frases (em geral as últimas expressões ouvidas), erro na colocação pronominal (refere-se a si mesmo como terceira pessoa), assim como erros na conjugação dos verbos e utilização dos adjetivos.

Fonte: Dados da Pesquisa

Compreendeu-se com levantamento do referencial teórico, que o Nível 1 de suporte no autismo, requer intervenções que foquem no desenvolvimento de habilidades sociais, comunicação funcional e autonomia.

Nessa perspectiva analisando o Quadro 1, Fernandes (2006), afirma em seus estudos que o autista por apresentar dificuldades em engajar uma conversa e expressar suas ideias configurando em fala telegráfica, fez com que o foco terapêutico evoluísse para uma abordagem que enfatiza os aspectos pragmáticos da linguagem.

A pesquisa de Ferreira, Teixeira e Britto (2011), com autistas adultos, confirma que ocorrem falhas na pragmática e que houve progresso no perfil pragmático da comunicação com o uso concomitante dos dois métodos de comunicação alternativa, uma vez que as interações sociais do sujeito aumentaram.

E os estudos de Silva (2020), acrescentam que os prejuízos comunicativos observados no TEA estão relacionados à semântica e pragmática e são manifestados através da repetição de palavras ou frases (em geral as últimas expressões ouvidas), erro na colocação pronominal (refere-se a si mesmo como terceira pessoa), assim como erros na conjugação dos verbos e utilização dos adjetivos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se com o presente estudo, que autistas Nível 1 de suporte, apesar de apresentar um nível considerado mais leve do autismo, apresentam como características na fala: dificuldades no engajamento da conversa, no uso social da fala, ou seja, na pragmática, dificuldades na semântica, erros na colocação pronominal, erros na conjugação de verbos e utilização de adjetivos.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, V. M. et al. O. Avaliação do desenvolvimento pragmático. In: ACOSTA, V. M. (Org.). **Avaliação da Linguagem: teoria e prática do processo de avaliação do comportamento lingüístico-infantil**. São Paulo: Santos, 2003. p. 33-51.
- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BACKES, B.; ZANON, R. B.; BOSA, C. A. Características Sintomatológicas de Crianças com Autismo e Regressão da Linguagem Oral. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (UnB. Impresso), Brasília, v. 33, p. 1-10, jun. 2017.
- BISHOP, D.; MOGFORD, K. **Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais**. Rio de Janeiro: Revinter.2002.
- CAMPELO, L.D. et al. Autismo: um estudo de habilidades comunicativas em crianças. **Rev. CEFAC**, v.11, n.4, p.598-606, 2009.
- FERNANDES, F.M. Análise de funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico. **PRÓ-FONO Revista de atualização científica**, v.18, n.3, p.239-24, set/dez. 2006.
- FERREIRA, P.R.; TEIXEIRA, E.V.S.; BRITTO, D.B.O. Relato de caso: descrição da evolução da comunicação alternativa na pragmática do adulto portador de autismo. **Rev. CEFAC**, v.13, n.3, p. 559-567, mai-jan. 2011.
- GAUDERER, C. Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: **Guia prático para pais e profissionais**. Revinter. Rio de Janeiro.1980.
- GOMÉZ, A. M. S.; TÉRAN, N. E. Transtornos de Aprendizagem e Autismo: manual de orientação para pais e professores. 4º ed. Cultural, 2014.
- KANNER, L. (1943). Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, P. S. (Org.) **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997.

MORAES, C. Comportamentos repetitivos, interesses restritos e obsessões em indivíduos com transtorno global do desenvolvimento. **Dissertação de doutorado**. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2004.

PEREIRA, A.; RIESGO, R.S.; WAGNER, M.B. Autismo infantil: Tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil. **Jornal de Pediatria**, v. 84, n.6, p.487-494. 2008.

SAAD, A. G. F., GOLDFELD, M. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. **Pró-Fono R. Atual. Cient**, v. 21, n. 3, p.255-260. 2009.

SANSSURE, F. Natureza do signo lingüístico. In: **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix; 1978. p.79-84.

SEVERINO, A. J.. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E.A.M. Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a linguagem: a importância de desenvolver a comunicação. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 18. 2020.

SOUZA, M.T.SILVA, M.D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein. v.8, n.1. São Paulo. jan/mar, 2010.

TREVIZAN, Z.; PESSOA, A.S.G. Psiquismo, linguagem e autismo: contribuições da semiótica nos contextos educativos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 241-258, set./out. 2018.

WERTZNER, H.F. Fonologia. In: ANDRADE, C.R.F, BEFI-LOPES, D.M, FERNANDES, F.D.M, WERTZNER, H.F (orgs). **ABFW - Teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. 2.ed. Barueri: Pró-Fono Departamento Editorial, 2004. p. 33-49.

CAPÍTULO 06

AS CONTRIBUIÇÕES DO FONOAUDIÓLOGO NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

MAIA, Layla Aristiany Nunes¹
ALMEIDA, Walnedia Lima de Castro²

Resumo

O presente artigo tem como tema As contribuições do fonoaudiólogo na aquisição da linguagem em criança com transtorno do espectro autista. A metodologia aplicada tem caráter bibliográfico com embasamento teórico acerca do tema proposto, o estudo tem como objetivo principal realizar a reflexão acerca do trabalho do fonoaudiólogo realizado com as crianças dentro espectro autista na aquisição da linguagem. Dessa maneira foi possível realizar uma análise crítica, como este profissional que atua com esse público deve estar em conjunto com os demais profissionais envolvidos que trabalham com essas crianças. O trabalho do fonoaudiólogo é importante para a criança autista criar uma comunicação eficaz. Para isso, esse profissional promove intervenções que possibilitem o avanço na comunicação da criança, melhorando sua qualidade de vida, ajudando na interação social. Através dos dados coletados, conclui-se que o fonoaudiólogo é um profissional indispensável quando se percebe atraso na comunicação nos primeiros anos de vida dessas crianças já deve buscar esse profissional.

Palavras-Chave: Autista. Linguagem. Fonoaudiólogo.

Abstract

The present article focus eson the contributions of speech language pathologists to language acquisition in children with autisms pectrum disorder. The applied methodology has a bibliographic character with a the oretical basisa bout he proposed theme, themainobjectiveofthestudyistoreflectontheworkofthe speech therapistcarried out withchildrenwithintheautisticspectrum in languageacquisition. In thisway, it waspossibletocarry out a criticalanalysis, such as this professional whoworkswiththispublic, who must betogetherwiththeotherprofessionalsinvolvedwhoworkwiththesechildren. The workofthe speech pathologistisimportant for theautisticchildtcreateeffective communication. Tothisend, this professional promotesinterventionsthatenabletheadvancementofthechild's communication, improvingtheirqualityoflife, helping in social interaction.Throughthe data collected, it isconcludedthatthe speech-languagepathologistisanindispensable professional, whenthereis a delay in communication in thefirstyearsoflifeofthesechildren, theyshouldseekthis professional.

Keywords: Autistic. Language. Audiologist

1 INTRODUÇÃO

O aumento significativo no número de crianças que recebem diagnósticos inseridos no espectro do autismo tem gerado discussões bem-vindas a respeito das alternativas de intervenção oferecidas a esse grupo. A principal discussão quando se aborda sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista), é descobrir se a incidência e prevalência mundial têm aumentado estatisticamente. Como citado em Christensen et al. (2016) atualmente em países desenvolvidos mundialmente, é estimada uma população em torno de 1,5% de autistas.

De acordo com o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM – V) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma desordem do neurodesenvolvimento, marcada por alteração na social, cognitivo e comportamental. E engloba também déficits no funcionamento cerebral da criança em desenvolvimento, acarretando como consequência atraso na fala, na aprendizagem e na obtenção de seus gestos motores (SOARES et al., 2015).

De acordo com Fernando (2011), as dificuldades de linguagem e comunicação são parte dos critérios para o diagnóstico do que hoje é definido como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), denominado por de “Transtorno autista do contato afetivo” e depois de “autismo infantil”. Desde suas primorosas descrições do primeiro grupo de crianças, esse autor ressalta essas dificuldades de comunicação, mencionando que “existe pouca diferença no que diz respeito às habilidades de comunicação entre as crianças com e sem fala”.

Esta pesquisa mostrará a importância da intervenção da Fonoaudiologia no processo de aquisição da linguagem das crianças diagnosticadas com TEA, pois a mesma é de extrema importância. A criança com autismo apresenta características em comum, tais como, dificuldades da interação social, comunicativa, comportamentos repetitivos, interesses ou atividades restritas. O fonoaudiólogo está como facilitador nesse processo buscando a identificação e intervenção necessária, tornando assim melhor o processo de comunicação e interação social da criança autista.

Nesse sentido espera-se desta pesquisa, que as famílias, a escola, a sociedade, as autoridades governamentais e o meio científico/acadêmico possam refletir sobre a temática, tendo um olhar atento sobre importância da atuação desses Profissionais atuarem com essas crianças que possui diagnóstico de TEA, no sentido de ofertar estratégias, em seu tratamento contribuindo com seu desenvolvimento e melhorando sua qualidade de vida.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho discute as contribuições do fonoaudiólogo na aquisição da linguagem em criança com transtorno do espectro autista, para isso a metodologia utilizada foi bibliográfica, que segundo Gil (2017), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Um dos benefícios de fazer, a pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao pesquisador ter um maior conhecimento, do fenômeno pesquisado, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade do tema.

O levantamento da pesquisa tem como finalidade aprofundar o conhecimento sobre a temática discutida. Para concluir a pesquisa foi dividida em duas etapas, a saber:

1ª Etapa- Fontes

- A) Inicialmente foi utilizado 3 livros, sendo 1 livro que retratasse sobre a importância do fonoaudiólogo na aquisição da linguagem em crianças com TEA, em idioma português, 1 livro sobre ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo, e um 1 livro sobre como elaborar projetos de pesquisas. Os livros selecionados são entre os anos de 2013 a 2022.
- B) Adotou-se como fontes de informações as bases de dados eletrônicas: Scielo e Google Acadêmico, utilizando as seguintes palavras chaves: autismo, fonoaudiólogo, linguagem. Após os critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 8 artigos nacionais, disponíveis online em texto completo, entre os anos de 2011 a 2022.

Para a seleção das fontes de dados, foram considerados como critérios pretendidos de inclusão, àqueles publicados em português, primários, artigos originais, livros brasileiros, dos anos de 2011 a 2022. Foram excluídos da pesquisa artigos de outras épocas, relatos de experiências, resenhas, artigos de outras línguas, e artigos duplicados.

2ª Etapa – Coleta de Dados

- A) Nessa etapa foi feita uma leitura exploratória de todo o material selecionado, sendo rápida e objetiva, dos resumos de cada artigo encontrado, verificando se os conteúdos apresentados, eram relevantes para a produção da pesquisa.
- B) Na sequência foi realizada uma leitura seletiva e mais aprofundada das partes que realmente interessava para a pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão baseou-se em artigos e livros selecionados que abordasse a temática. Através do levantamento de informações pode-se perceber que a maioria das pesquisas ocorreu sobre os mapeamentos de atendimentos clínicos, domiciliares e núcleos terapêuticos. De modo geral, a maioria das pesquisas sobre a temática apresentou informações e resultados semelhantes.

A análise cuidadosa dos estudos permitiu identificar quatro tópicos de significado, a saber: desenvolvimento da aquisição da linguagem, linguagem e comunicação, atuação fonoaudiológica na intervenção da criança com TEA, transtorno do espectro do autista. Conforme exposto no quadro abaixo:

3.1 DESENVOLVIMENTO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem é apontada como uma das principais formas de interação com o próximo, caracteriza-se como um veículo para a comunicação, sendo assim um importante instrumento social para armazenar e gerar informações. A criança antes de falar usa diversas maneiras para se comunicar, seja com um olhar ou na expressão da face. Podem ser identificadas duas fases distintas no desenvolvimento da linguagem: a pré-linguística, na qual é verbalizado somente fonemas, e logo depois a fase linguística onde a criança começa a utilizar frases isoladas. (SHIRNER; FORTOURA; NUNES, 2011).

Segundo os Autores o desenvolvimento da aquisição da linguagem pode variar desde a etapa verbal até a não verbal, a partir do nascimento o bebê manifesta resposta reflexa que com o passar do tempo vão desaparecendo e dando comportamentos voluntários, nesse momento o bebê não apresenta nenhum som verbal, os sons produzidos são apenas sons fisiológicos como o choro que transmite algum desconforto e a respiração.

Isaías (2019), discorda dos autores citados acima, e cita que o esperado do desenvolvimento da linguagem é bastante variado, depende muito das experiências linguísticas da criança e da capacidade, que cada uma tem, de fazer uso das experiências de comunicação. É de extrema importância às interações comunicativas, e o convívio diário da criança com pessoas de capacidade superior as suas, para o melhor estímulo da comunicação e interação social.

Correa (2005, p.335) ressalta a teoria de aquisição da linguagem:

A aquisição da linguagem apresenta-se como uma questão fundamental na Teoria Linguística e no estudo da cognição humana. O

estudo da aquisição da linguagem visa explicar de que modo o ser humano parte de um estado no qual não possui qualquer forma de expressão verbal e, naturalmente, sem a necessidade de aprendizagem formal, incorpora a língua de sua comunidade nos primeiros anos de vida, adquirindo um modo de expressão e de interação social dela dependente. Uma das formas de socialização da criança é a linguagem, onde na maioria das vezes os pais são responsáveis pelas instruções verbais durante tarefas diárias, a linguagem de forma implícita estimula a socialização por meio da participação e interação em grupos. (BORGE; SALOMÃO, 2003).

Ressurreição (2014), traz uma informação nova, segundo ela foi elaborado um estudo sobre o desenvolvimento e o tempo esperado da aquisição da linguagem, exclusivamente de 0 a 5 anos de idade, fundamentadas em pesquisas bibliográficas, para identificar se existe alterações ou atrasos durante os primeiros períodos da aquisição da linguagem ou comunicação.

De acordo com a mesma autora, aquisição da linguagem depende de vários fatores, sejam esses neurobiológicos ou sociais, isto é, do desenvolvimento adequado das estruturas cerebrais e de um parto sem intercorrências, visto que há uma relação entre o que a criança traz em termos biológicos e a habilidade de estímulos do meio que a mesma está inserida.

3.2 LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Podemos analisar até aqui, que existem diversas formas diferentes de termos intenções comunicativas, sejam elas por gestos, forma de olhar e falar, entre outras. A maneira com que é usada a linguagem permite inovar e desenvolver possibilidades de comunicação.

Desde muito cedo já é possível observar a comunicação não verbal por meio da ligação que o bebê tem com a mãe, expondo as expressões faciais ou o contanto olho a olho. Por volta dos 11 meses, inicia-se a intenção do apontar para algo que se deseja (MOUSINHO et al., 2018).

O amadurecimento emocional, cognitivo e social permite que a criança se envolva e tenha condições para utilizar os primeiros fonemas através da observação e imitação, iniciando assim o desenvolvimento linguístico ou fase verbal, sendo assim todos os componentes linguísticos irão se desenvolver progressivamente, fonético/fonológico, sintático/semânticos e pragmáticos, que permitirão adquirir novas habilidades e compreensão

da linguagem possibilitando a organização, reformulação e interpretação (BELLO; MACHADO, 2011).

Segundo os autores citados acima, os fonemas iniciais da linguagem são produzidos com os lábios (bilabiais) como /b/, /m/ e /p/. Logo após surgem /n/, /t/ e /l/, e depois, /d/, /c/, /f/, /s/, /g/, /v/, /z/, /r/, /ch/ e /j/. Inicialmente as crianças usam uma única palavra como uma frase, posteriormente surgem frases com duas palavras em média, as frases mais difíceis que exigem mais pronomes são possíveis surgir aos 3 anos, até conseguirem estabelecer um diálogo com a mãe ou com outras pessoas do seu convívio.

Garton (2013), concorda com um dos autores citados acima, quanto mais cedo a criança se envolve nas relações sociais mais benefícios obterá a curto ou longo prazo, tendo em vista as experiências e aprendizagens que resultam de tais interações.

Desta maneira, é possível afirmar que outras questões referentes às ciências humanas, tendo como exemplo o atraso no desenvolvimento da linguagem, podendo ser causado por dificuldade auditiva, falta de estimulação de linguagem, déficit no cognitivo, alterações genéticas, alterações na motricidade oral, apraxia de fala e dentre esses também o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

3.3 ATUAÇÕES FONOAUDIOLÓGICA NA INTERVENÇÃO COM CRIANÇA COM TEA

De acordo com o Código de Ética da Fonoaudiologia, Lei nº 6.965/81 (2016, p.37), explica que “o Fonoaudiólogo é capacitado para desenvolver trabalhos de prevenção na área da comunicação oral e escrita, contribuindo no diagnóstico, promovendo avaliação nos aspectos da comunicação oral e escrita, voz e audição”. Assim fazendo terapia, aperfeiçoando e colaborando nos aspectos citados acima, relacionados à Fonoaudiologia.

No autismo a intervenção tem sido realizada logo cedo na criança, graças ao diagnóstico precoce, tais como dificuldades encontradas na interação social, atenção compartilhada e jogos simbólicos. A intervenção precoce no autismo tem apresentado referências positivas quanto a sua eficiência, possibilitando melhoras nas habilidades das características apresentadas pelo autista (LAMPREIA, 2017).

Loveland (2011), fala que a intervenção Fonoaudiológica atua com atividades de estimulação na terapia que devem ser realizadas de forma lúdica por meio de jogos, brincadeiras, canto, conversa e leitura, tornando assim prazeroso para a criança a execução das atividades propostas, propiciando a aquisição de habilidades que favorecem o desenvolvimento e motivando o processo da comunicação.

Lima (2010), concorda com o autor em partes, ressalta que o Fonoaudiólogo busca atuar na forma de terapias da linguagem para estimular o encontro com situações mais próximas do dia a dia, onde é valorizada toda manifestação comunicativa, na qual não se restringe apenas a atitudes de punho linguístico, mas sim em toda forma de comunicação. A intervenção fonoaudiológica constitui-se como uma prioridade no desenvolvimento da linguagem, ou seja, o profissional pode contribuir de uma forma mais naturalista no processo de aquisição da linguagem.

Segundo a mesma autora, existem aplicações direcionadas a intervenção ao TEA e consideram variações de fatores para sua elaboração e estratégias para serem utilizadas. A intervenção tem sido colocada como um modo de aperfeiçoamento no desenvolvimento subsequente, obtendo resultados positivos.

Um comprovante competente relacionado ao TEA está a Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis – ABA) que tem sido usada para o planejamento de intervenções e, na área da comunicação. A Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis – ABA) considera-se uma abordagem constante especificada na literatura, como modo de intervenção para as pessoas com TEA. Os programas contêm formação específica dos terapeutas e participação dos pais, sendo que a abordagem é realizada de forma individualizada, visando o ensino de comportamento e redução de excesso comportamental, como também, adquirir uma forma mais adaptativa (MASCOTTI et al., 2019).

Vários estudos dão suporte a prática do ABA. A Associação para a Ciência do Tratamento do Autismo nos Estados Unidos confirma que ABA é um tratamento científico suficiente considerado eficaz e vem sendo amplamente utilizado no tratamento de pessoas com autismo, é uma ciência com um conjunto de princípios que foram pesquisados e comprovados como eficientes (LOCATELLI; SANTOS, 2016).

Comunicação Alternativa e/ou Suplementar (CSA) traduzido do termo em inglês Argumentative and Alternative Communication é um conjunto de ferramentas estratégicas utilizadas para resolver desafios comunicativos do dia a dia de pessoas que apresentam algum tipo de dificuldade da linguagem verbal, na produção de sentidos e na interação social. (KINOSHITA, 2019).

A comunicação suplementar é utilizada para desenvolver a fala da criança que tem dificuldade para fazer uso funcional da fala, já a comunicação alternativa é utilizada quando há ausência da fala, funcionando como alternativa para desenvolvimento da fala. (KINOSHITA, 2019).

Picture Exchange Communication System (PECS), é um sistema de comunicação alternativa para ensinar pessoas com distúrbios de comunicação que se comuniquem de forma funcional por meio das trocas de figuras visuais por objetos ou atividades de interesse, tem como objetivo ensinar indivíduos com déficit na comunicação verbal a se comunicarem funcionalmente (OLIVEIRA, et al., 2015).

Portanto, é de suma importância a intervenção Fonoaudiológica na criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), devido às dificuldades de desenvolvimento apresentadas, seja no comportamento, na comunicação oral ou interação social. O Fonoaudiólogo contribui para habilitar e amenizar os déficits na comunicação social, interesses restritos e comportamentos repetitivos, possibilitando assim a inclusão do próprio no meio social. Nos mais diversos programas em que pode atuar o profissional de fonoaudiologia é primordial que seja especificado o tratamento adequado conforme as necessidades do indivíduo, sempre com um olhar individualizado e clínico.

3.4 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA (TEA)

O TEA como foi explicado sobre o conceito na introdução é um transtorno do neurodesenvolvimento, em que diversas áreas são comprometidas. Mostra-se que algumas funções da área do cérebro não irão se desenvolver de forma adequada ou esperada para uma criança tipicamente “normal”, os sintomas variam, pois são encontradas várias disfunções neurológicas ou alterações básicas no comportamento, interação social, na comunicação, por exemplo, na aquisição da linguagem não verbal e verbal.

De acordo com Braga (2018, p.20), “o TEA é considerado na atualidade um quadro diagnóstico com múltiplas possibilidades, do mais discreto ao mais acentuado, e isso implica diversas formas particulares de manifestações sintomáticas para uma mesma condição diagnóstica”.

De acordo com American Psychiatric Association (2013), o TEA caracteriza-se por déficits insistentes na comunicação e interação social em inúmeros contextos, abrangendo déficits em comportamentos não verbais de conversação utilizados para o convívio social. Além dos déficits na comunicação social, para o diagnóstico é necessário a presença de interesses restritos e comportamentos repetitivos. Deve-se considerar que as características mudam com o desenvolvimento.

O nome transtorno do espectro do autismo já nos dá uma amplitude e variedade de sintomas na comunicação e de interesses restritos e estereotípias. Serão demonstrados, a

seguir, alguns dos comportamentos mais comuns de ambas as áreas citadas acima. (GAIATO, 2018).

COMUNICAÇÃO SOCIAL- a criança com transtorno do espectro do autismo costuma apresentar déficits na interação, seja com familiar ou colegas que podem acontecer conforme os exemplos a seguir:

INTERESSES RESTRITOS E PADRÕES REPETITIVOS - além da área de comunicação apresentada anteriormente, existem os interesses restritos e suas devidas características, assim como os padrões repetitivos.

4 DISCUSSÃO

As pesquisadoras enfrentaram dificuldades na elaboração da pesquisa devido à escassez de estudos relacionados ao assunto abordado. O que demonstra uma necessidade grande que pesquisas desse cunho sejam realizadas com maior frequência no campo da Fonoaudiologia.

Os resultados observados apontam que a intervenção fonoaudiológica nas habilidades de comportamento, comunicação e socialização, englobam estratégias facilitadoras com o intuito de promover uma ampliação no desenvolvimento desses aspectos que no TEA podem estar comprometidos.

Perante a análise de artigos verificou-se apenas três estudos que abordaram brevemente os modelos estruturados de intervenção fonoaudiológica mais utilizados com autista, sendo eles ABA, TEACCH, PECs e integração sensorial. Demonstrando um maior número de artigos publicados relacionado a fonoterapia que não compõe modelos sistematizados.

Observou-se no estudo que as intervenções diretas envolvendo recursos manuais e digitais como computador, programas e jogos educativos, miniaturas, quebra-cabeça, fantoches, entre outros, podem ser eficazes no desenvolvimento da criança com TEA apenas servindo como objeto mediador entre o terapeuta e a criança, no qual o contrário não possibilita evolução para a criança.

O brincar é um elemento chave no contexto da fonoterapia de linguagem em crianças, visto que possibilita o desenvolvimento e a inserção da criança na língua, dessa forma é um elemento que deve estar na intervenção (SIQUEIRA, 2012). Fortuna (2011) reitera que as atividades lúdicas permitirão o reconhecimento e trocas com o outro, no qual

esse contexto lúdico fornece situações sem o peso de punições, possibilitando que a criança se sinta confortável e conseqüentemente o aprendizado é facilitado.

De acordo com o presente artigo foi evidenciado que a intervenção indireta (orientação e capacitação familiar) associada à intervenção fonoaudiológica direta, propiciam uma evolução maior no desenvolvimento da criança com TEA. Visto que a relação afetiva, proximidade e engajamento dos familiares com a criança, fornecem uma ferramenta importante para o auxílio no desenvolvimento da comunicação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações levantadas, o número de crianças com TEA no mundo tem aumentado. Com esse aumento se faz necessário um acompanhamento mais eficaz e que atenda as exigências imediatas dessas crianças. A presença de um fonoaudiólogo presente nas intervenções dessas crianças traz benefícios significativos para vida deles.

A pesquisa teve como objetivo analisar a aquisição da linguagem da criança de maneira adequada ou de forma esperada para melhor saber as alterações de linguagem que podem ser variadas, apesar de existirem estudos mostrando que alguns fatores são problemas neurológicos, sabe-se que esses fatores interferem no processamento da linguagem.

O desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança com TEA deve ser o principal objetivo do fonoaudiólogo nos programas de intervenção precoce, por meios de forma que aumentem sua capacidade linguística ou interação comunicativa é importante a utilização de padrões de interação social na qual o papel da criança seja de iniciador, seguindo-se seu foco de atenção com situações de seu interesse ou de sua motivação.

Ao realizar o artigo outros questionamentos surgiram, sendo possível realizar novas análises para engrandecer mais o tema. Sendo assim esse artigo poderá ter seguimento em outras pesquisas, pois na atualidade é grande a necessidade em proporcionar aos autistas formas de comunicação, para que o mesmo possa estar realmente incluído em uma sociedade justa e que respeite seu modo de pensar e de viver norteado pelo seu próprio mundo.

REFERÊNCIAS

APA, AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5. ed. Arlington: Fifth Edition. 2013.

BRAGA, F. S. **A importância da intervenção fonoaudiológica no processo de aquisição da linguagem da criança com transtornos do espectro do autismo (TEA)**. Fortaleza, 2018.

BORGES, M. R.; SALOMÃO, F. D. **Qualidade de vida dos cuidadores de crianças com transtorno do espectro autístico**. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.. v.14, n. 4, p.482-486. 2003. Disponível em: <scielo.br/j/rsbf/a/9Qxh55Q3dXFJHWHBvmSzGfD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 dez. 2023.

BELLO, Suzelei; MACHADO, Andréa. **Investigação precoce e o desenvolvimento da linguagem em crianças pequenas**. São Paulo, 2011. Disponível em: Acesso em: 17 dez. 2023.

CORREA, I. B. R. **Autismo e linguagem: discussões à luz da teoria da enunciação**. São Paulo: Distúrb Comum. v. 23, n. 2, 2005. Disponível em: <[8284-Texto do Artigo-20275-1-10-20120126.pdf](https://doi.org/10.20120126.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2023.

DSM - IV **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**: American Psychiatric Association.

GIL, O. F. **Metodologia Científica**: 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

FERNANDO, F. D. **Perfil comunicativo, desempenho sociocognitivo, vocabulário e meta-representação em crianças com transtornos do espectro autístico**. Pró-Fono. v. 15, n. 3 p. 267-78, 2011.

KINOSLITA, L.F. **Os distúrbios com dificuldade em diversas áreas**: n Rocha, P.S. (Org.) Autismos. Editora Escuta, São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v36/1982-6621-edur-36-e214220.pdf>>: Acesso em: 20 dez. 2023.

_____. **Autismo e fracasso escolar**: . Porto Alegre: Artes Médicas, 2019.

GAIATO, Mayra. **S.O.S Autismo**. São Paulo, 2013. Disponível em: . Acesso em 27 de outubro 2019.

ISAÍAS, J. M. R. **Prevalência e Etiologia de Transtornos do Espectro do Autismo: O que mudou nos últimos cinco anos**. 2019. 33 f. (Dissertação) – Faculdade de Ciências da Saúde (Universidade de Beira Interior), Covilhã, 2019. Disponível em:<ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/8707/1/6964_14763.pdf> . Acesso em: Acesso em: 20 dez. 2023.

LOVELAND, Carolina. **A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <[SciELO - Brasil](#)>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos. Autismo: **Propostas de Intervenção**. Itaperuna-RJ, s.d. Disponível em:<pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 12 maio 2019.

MOUSINHO, Renata. et al. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem:** Dificuldades que podem surgir neste percurso. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:< v25n78a12.pdf (bvsalud.org> . Acesso em: 11 dez. 2023.

MOSCATI, Carolina R. et al. **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2004. Disponível em: <[Sbp80-2-Supl-pdf.p65 \(scielo.br\)](#)>. Acesso em: : 11 dez. 2023.

Ressureição, E.J. **Autismo e linguagem:** fonaudiologia e práticas educativas na escola e na família. 6 ed. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v16n1/06.pdf>>Acesso em: 20 dez. 2023.

OLIVEIRA et al. **Orientação a mães de crianças do espectro autístico a respeito da comunicação e linguagem.** São Paulo: J SocBrasFonoaudiol. v. 23, n. 1, p. 1-7, 2015.

CAPÍTULO 07

AS CONTRIBUIÇÕES FONOAUDIOLÓGICA NA INTERVENÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS COM ATRASO MOTOR DA FALA

Lívia Maria da Silva Saraiva¹, Daniele Cristina dos Santos Lira², André Alelaf³

FAESPI (dliviasaraivafga@gmail.com)

FAESPI (danielirafono@gmail.com)

FAESPI (andre_alelaf@hotmail.com)

Resumo

O objetivo desse estudo é propiciar mais conhecimentos de como o profissional fonoaudiólogo pode contribuir no tratamento de crianças com atraso motor da fala. Trata-se de uma revisão qualitativa e integrativa da literatura. Realizou-se a busca nas bases Google Acadêmico, no período de 2019 a 2024. Para as duas bases foram utilizados os seguintes construtos edescriptores: “Protocol” AND “Apraxia” AND “Dysarthria” "Speech Motor Delay", em inglês. Os critérios de seleção dos artigos foram: artigos que abordaram métodos de intervenção para o tratamento do atraso motor da fala, disponíveis online e publicados em português e inglês, gratuitos. Para a seleção foi realizado a leitura do título e resumo das bibliografias. Já os critérios de exclusão foram os seguintes: Indivíduos maiores de 12 anos, onde não se enquadram no público infantil, artigos repetidos e não apresentarem os critérios de inclusão para AMF, conforme descrito anteriormente. Foram encontrados 55 artigos nas bases de dados, sendo 54 do Google Acadêmico e 1 da PubMed. Após análise e seleção pelos critérios de inclusão, foram selecionados 17 estudos. Posteriormente a leitura integral dos artigos, 5 estudos foram excluídos, pois não respondiam as perguntas norteadoras da pesquisa, obtendo-se um número de 12 estudos. Conclui-se a existência de diversos métodos abordados por todo o mundo para o tratamento do AMF, dentre os achados estão prompt, TEMPOSM, CAA, ReST, LNSOM, MSTP, DTTC biofeedback considerando que em sua maioria são produções científicas internacionais, demonstrando a necessidade de mais estudos nacionais.

Palavras-chave: protocolo; apraxia; disartria; atraso motor da fala.

Área Temática: Fonoaudiologia na intervenção precoce do atraso motor da fala.

E-mail do autor principal: liviasaraivafga@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O ato de falar e a linguagem são elementos importantes para a comunicação, de tal forma que desde cedo é percebido o quanto precisamos deles para ser compreendidos e para que possamos compreender os outros. Esses elementos se tornam imprescindíveis em

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI. E-mail: dliviasaraivafga@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI. E-mail: danielirafono@gmail.com.

³ Especialista em Linguagem pelo Centro Universitário UNINOVAFAP. E-mail: andre_alelaf@hotmail.com.

qualquer fase da vida e em qualquer ambiente que o indivíduo possa ser inserido proporcionando um leque de oportunidades em sua vida como, carreira, família e educação.

A fala para que seja inteligível deve seguir parâmetros de movimento que devem ser organizados internamente, sendo eles: Seleção dos músculos que irão desempenhar os movimentos articulatorios específicos; Direção dos movimentos dos articuladores; Distância com que os músculos devem se mover; Velocidade do movimento muscular; Cronologia dos movimentos; Grau de contração muscular; Quantidade de força aplicada aos articuladores; Coordenação dos movimentos independentes dos articuladores (Maas *et al.*, 2008; Strand, 2009).

A fala é a modalidade mais comum pela qual a linguagem é comunicada, e a produção da fala atrasada, desordenada ou ausente é uma marca registrada de muitos distúrbios genéticos e do neurodesenvolvimento (Chenausky; Tager-Flusberg, 2022). E quando ocorrem falhas para execução motora da fala podemos perceber os Transtornos dos sons da fala, que prevalecem o público infantil.

O Transtorno Motor da Fala (TMF) inclui quatro subtipos de distúrbios motores da fala propostos em pesquisas mais recentes, que são: Apraxia Infantil da Fala (AFI), Disartria Infantil (DI), Atraso Motor da Fala (AMF) e AFI e DI associados (Shriberg *et al.*, 2019).

O AMF é um distúrbio motor da fala infantil proposto recentemente, caracterizado por fala, prosódia e voz imprecisas e instáveis que não atendem aos critérios para Disartria Infantil ou Apraxia de Fala Infantil (Shriberg *et al.*, 2019). O tratamento deve apresentar a sequência de fonemas, porque apresenta dificuldades expressivas na área responsável pela coarticulação (Fish, 2019).

Um estudo na Austrália, Inglaterra e EUA realizado em crianças entre 4 a 8 anos de idade, com Atraso de Fala (AF), foram 415 crianças mostram que um total de 82,2% apresentam o Transtorno Não Motor da Fala na avaliação, 12% são crianças com Atraso Motor da Fala, 3,4% com Disartria Infantil, 2,4% com Apraxia de Fala Infantil e 0% para Disartria Infantil e Apraxia de Fala Infantil simultâneos (Shriberg *et al.*, 2019). Outro estudo mostra distúrbios motores e da fala em pessoas com Transtornos Complexos do Neurodesenvolvimento (TCN), um estudo com 415 participantes 47,7% dos presentes participantes com TCN preencheram os critérios para um dos quatro distúrbios motores da fala, incluindo Atraso Motor da Fala. (25,1%), Disartria Infantil (13,3%), Apraxia de Fala Infantil (4,3%) e Disartria Infantil e Apraxia de Fala Infantil concomitantes (4,9%). Os

resultados indicam a presença dos distúrbios da fala e principalmente em distúrbios motores da fala em indivíduos com TCN (Shriberg *et al.*, 2019).

Outra pesquisa diz que, os distúrbios dos sons da fala são características frequentes da síndrome de deleção 22q 11.2 (22q), mostrando que 58,8% dos participantes com 22q apresentam 29,4% com atraso motor da fala, 29,4% com disartria infantil, 11,8% com apraxia de fala infantil e 11,8% com disartria infantil concomitante e apraxia de fala infantil (Shriberg; Baylis., 2019). Dessa forma, é percebido o crescente diagnóstico de AMF em crianças e conseqüentemente a necessidade dos profissionais fonoaudiólogos se aprofundarem no assunto e fim de intervir com metodologias e abordagens eficazes para o tratamento dessas crianças.

Com um amplo estudo sobre o tema foi analisado que existem diferentes abordagens de tratamento e manejo dos Distúrbios Motores da Fala (DMF) que podem ser utilizadas nas práticas terapêuticas para trazer os melhores resultados para o paciente. O efeito das estratégias de manejo depende do tipo e do nível de gravidade que se encontra (Ashraf; Mumtaz; Saqulain, 2024).

O profissional Fonoaudiólogo certificado com conhecimentos específicos em aprendizagem motora, diagnóstico de distúrbios motores da fala na infância e experiência em diversas abordagens de intervenção é competente e responsável pelo diagnóstico e tratamento individualizado para crianças com distúrbios de fala (ASHA, 2007).

É importante a produção de mais pesquisas sobre a prática colaborativa com os pais e fonoaudiólogos, com a finalidade de compreender como essa prática pode ser alcançada em diferentes contextos poderia ajudar os fonoaudiólogos a utilizar mecanismos para potencializar a prática colaborativa e adaptar as intervenções às necessidades específicas das famílias, melhorando assim a prática colaborativa entre pais e profissionais (Klatte *et al.*, 2020).

O trabalho se faz de suma importância para descrever estudos atualizados que corroborem para maior compreensão sobre os distúrbios motores da fala e seus possíveis tratamentos, visto que estudos feitos no Brasil sobre o determinado assunto são uma minoria, então se fez necessário realizar pesquisas de estudos que foram feitos em diferentes países e outro idioma. O objetivo deste artigo é propiciar mais conhecimentos de como o profissional fonoaudiólogo pode contribuir no tratamento de crianças com atraso motor da fala.

2 MÉTODOS

A metodologia adotada nesta pesquisa é qualitativa do tipo bibliográfica (Gerhardt; Silveira, 2009). Segundo Goldenberg (1997) a pesquisa qualitativa, não prioriza números, mas aprofundar o conhecimento. Este estudo trata-se revisão integrativa da literatura, buscando analisar as pesquisas existentes, pois sintetiza estudos sobre determinada temática e guia a prática fundamentando-se em conhecimento científico (Souza; Silva; Carvalho. 2010). Para nortear a busca bibliográfica, utilizou-se a seguinte pergunta: Quais abordagens podem ser utilizadas pelos fonoaudiólogos para contribuir com tratamento eficaz do atraso motor da fala?

A coleta de dados desta pesquisa é composta por artigos científicos, livros, capítulo de livros, teses e dissertações relacionadas a temática abordada, pesquisada nos bancos de dados do Google Acadêmico e PubMed, no período de 2019 a 2024. Para realização da pesquisa estabeleceram-se os seguintes construtos e descritores “protocol”, “apraxia”, “dysarthria” e “speech motor delay”, em inglês. Os critérios de seleção dos artigos foram: artigos que abordaram métodos de intervenção para o tratamento do atraso motor da fala, disponíveis online e publicados em português e inglês, gratuitos. Para a seleção foi realizado a leitura do título e resumo das bibliografias. Já os critérios de exclusão foram os seguintes: Indivíduos maiores de 12 anos, onde não se enquadram no público infantil, artigos repetidos e não apresentarem os critérios de inclusão para AMF, conforme descrito anteriormente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 55 artigos científicos nas bases de dados, sendo 54 artigos da Google Acadêmico e 1 da PubMed. Após análise e seleção pelos critérios de inclusão, foram selecionados 17 estudos, apenas 12 fizeram referências às abordagens fonoaudiológicas para o Tratamento do AMF em crianças. Este artigo teve o objetivo de realizar uma revisão bibliográfica, para investigar os métodos de intervenção utilizados no tratamento do AMF.

Existem diferentes métodos para tratamento do atraso motor da fala utilizados para adquirir melhores resultados na prática clínica. Para conseguir atingir os objetivos as estratégias traçadas devem ser orientadas a criança e família, para melhor qualidade de vida, levando em consideração a depender do tipo de gravidade dos distúrbios motores da fala e a prática que varia de idade e condições neurológicas (Ashraf; Mumtaz; Saqulain, 2024).

Um estudo recente realizado por Hilary *et al.* (2021) apresentou o Tratamento para Estabelecer a Organização do Programa Motor. Organização do Programa Motor

(TEMPOSM) na Apraxia de Fala na Infância (AFI), apontou a eficácia para tratar segmentais e suprasegmentais na fala dessas crianças. O TEMPOSM trabalha as dificuldades ao emitir som/sílaba, treinando a correlação de sílabas em unidades motoras mais longas. Outro ponto utiliza da prática repetida de sílabas, contrastes de acentuação silábica e sons de fala precisos em pseudo-palavras multissilábicas para aprimorar a inteligibilidade e a fala espontânea. O TEMPOSM está constituído dentro dos princípios de aprendizagem motora para potencializar a eficácia do tratamento.

Segundo Fish (2019), pontuou as pesquisas pertinentes a aprendizagem motora descreve princípios que propicia a aquisição e a retenção das habilidades motoras, descritas por Schmidt e Lee (2005), que são elas: Pré-Prática; Distribuição da Prática; Número de Tentativas; Esquema de Prática; Variabilidade da Prática; Frequência do Feedback; Tipos de Feedback e Momento do Feedback.

Em outro estudo, crianças com Paralisia Cerebral (PC), mostra que apresentam dificuldades de comunicação trazendo negativamente grande impacto, sendo necessária criar medidas para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos. A Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA) é uma opção, com benefícios, tendo em vista a escassez substancial de evidências a favor da intervenção articulatória direta na PC (Fiori; Ragoni; Podda *et al.*, 2022). O tratamento motor da fala PROMPT (Prompts for Restructuring Oral Muscular Phonetic Targets) é uma intervenção baseada na aprendizagem motora que fornece informações tátil-cinestésicas que propicia os movimentos articulatórios por meio de modelagem dinâmica, resultando em padrões motores mais eficientes, que contribuem para a comunicação e fala. Na PC, evidências exploratórias apoiam a viabilidade e vantagens preliminares na inteligibilidade de tratamentos motores de fala, como o PROMPT, com controle motor da fala, também documentado por análises cinemáticas (Fiori; Ragoni; Podda, 2022). A intervenção PROMPT mostrou avanços perceptíveis no controle motor da fala, na articulação da fala e na inteligibilidade da fala no nível das palavras. Apresentando baixos resultados na inteligibilidade da fala em nível de frase e na comunicação funcional (Namasivayam; Huynh; Granata, 2020).

Fiori, Pannek e Podda (2021) relata crianças com apraxia de fala na infância, com a finalidade de investigar os diferentes efeitos clínicos do tratamento PROMPT em comparação com um tratamento de rotina de fala e linguagem (LNSOM). O tratamento LNSOM é um programa com treinamento motor oral, de articulação e linguagem, embora de uma concepção diferente. A terapia integra a discriminação auditiva de categorias fonêmicas no nível da

sílaba e da palavra e exercícios motores orais, de sopro, labiais e linguais. No estudo, foi possível concluir que as crianças que fizeram o tratamento com o PROMPT mostram uma considerável melhora quanto a precisão da palavra, da diadococinesia trissílaba e nas áreas de Sequenciamento e Fala e Linguagem, bem como da inteligibilidade geral da fala. O grupo LNSOM consideráveis avanços no inventário fonético e da taxa de diadococinesiabissílaba.

As alterações estruturais comportamentais e naturais induzidas pelo tratamento, com efeitos mais marcantes no controle motor da fala e na conectividade relacionada após o PROMPT (Fiori; Pannek; Podda, 2021)

O Tratamento de Transição Rápida de Sílabas (ReST), é outro método utilizado para o tratamento do distúrbio motor da fala, é traduzido ao português brasileiro, para ser utilizado no contexto clínico, cabendo ao profissional, quando necessário realizar ajustes quanto a variação linguística de cada região aplicada (Oliveira; Oliveira, 2023).

Um recente estudo mostra que foram selecionados dois grupos (G1 e G2), onde objetiva aprimorar e a consolidar práticas de terapia intensiva, por meio do ReST, em diferentes intensidades, na forma de teleatendimento. O resultado obtido mostra que não houve significativa nos efeitos de intensidade, porém foi possível observar melhoria e evolução no pós- intervenção em curto e longo prazo (4 meses). Dessa forma, se torna necessário novos estudos com uma amostragem maior de crianças com AMF, que possibilite obter positivamente resultados quanto a aplicação do ReST em crianças com AMF e distúrbios que envolvam os sons da fala (Bucci; Oliveira, 2023) (Oliveira; Oliveira, 2023).

O Protocolo de Tratamento da Fala Motora (MSTP) para crianças com Distúrbio Motor da Fala - DMF é uma abordagem motora da fala que integra princípios para desenvolver o controle motor da fala, juntamente com estratégias de pistas hierárquicas, temporais e multissensoriais. A intervenção MSTP e a prática domiciliar alcançou positivamente avanços, mas não foram observadas diferenças estatísticas entre os grupos de alta e baixa frequência de intervenção para nenhuma das variáveis (Aravind *et al.*, 2019).

Os tratamentos com maiores resultados para crianças com AFI se baseiam nos princípios da aprendizagem motora. Os Tratamentos- Aprendizagem Sem Erros (DTTC) e Ponto de Desafio Estrutura- distinguem principalmente na taxa de erro alvo durante a prática, objetivando obter o mínimo possível de erros. Um estudo feito durante o período da Covi-19 realizado com quatro crianças, com idades de 4 a 5 anos, em investigação e com diagnóstico de AFI, realizaram 18 sessões de terapia fonoaudiológica, para equiparar a eficácia dos tratamentos pontuados, via teleprática. Foi utilizado o desingn N-de-1, para que cada

participante fosse avaliado separadamente. Foi inconclusivo os resultados do estudo, tendo em vista que um participante obteve avanços com aprendizagem sem erros, outro com ponto de desafio estrutura e os outros dois em ambos as condições (Moore; Kristen, 2021)

O tratamento de biofeedback visual ultrassonográfico é uma ferramenta que permite a visualização dos movimentos da língua e proporciona que o indivíduo aprenda novas articulações. Além disso, obter informações adicionais acerca do controle motor da fala, observando a precisão e consistência dos movimentos. Dessa forma, essa ferramenta pode ser aplicada para tratar erros linguais apresentados em crianças com vários distúrbios dos sons da fala, em diferentes níveis, de leves a graves. Considerando a necessidade de crianças com dificuldades na produção dos sons fala, o feedback visual possibilita atingir com eficiência aquisição desses sons (Cleland *et al.*, 2019) (McKeever; Cleland; Delafield-Butt, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consideração, a partir dos resultados alcançados nesta pesquisa de literatura, é notável a eficácia das estratégias utilizadas para o tratamento do AMF, é importante citar a individualidade de cada pessoa na escolha das abordagens para alcançar os objetivos. Existem várias intervenções, algumas são mais citadas, como o prompt que mostram relevantes avanços no tratamento.

O presente trabalho buscou trazer uma diversidade de métodos de invenção para o tratamento do AMF para que possibilite ao fonoaudiólogo atingir resultados positivos em sua prática terapêutica, proporcionando ao indivíduo uma melhor qualidade de vida.

Foi percebido que a grande maioria das pesquisas científicas é internacional, o que nos leva a entender a necessidade da produção de mais estudos no Brasil sobre o AMF para que possa contribuir com mais conhecimento para os profissionais fonoaudiólogos, profissionais da educação e também para as famílias que são as pessoas com maior convivência com o indivíduo e que testemunham as dificuldades na comunicação.

REREFÊNCIAS

ARAVIND, K. *et al.* **Investigating intervention dose frequency for children with speech sound disorders and motor speech involvement.** 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1460-6984.12472>. Acesso em: 05 fev. 2024.

ASHA. **Childhood apraxia of speech.** Rockville: ASHA, 2007.

ASHRAF, A.; MUMTAZ, N.; SAQULAIN, G. Abordagens de tratamento para distúrbios motores da fala: um passo em direção à prática baseada em evidências. **Jornal de Ciências Médicas do Paquistão**, v. 40, n. 3, 2023.

CHENAUSKY, K. V, TAGER-FLUSBERG, H. A importância da fenotipagem profunda da fala para distúrbios genéticos e do neurodesenvolvimento: uma revisão conceitual. **J Neurodevelop Disord**, v. 14, n. 36, 2022.

CLELAND, J. *et al.* **Habilitando novos gestos articulatorios em crianças com distúrbios persistentes dos sons da fala usando biofeedback visual por ultrassom**. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1044/2018_JSLHR-S-17-0360. Acesso em: 05 fev. 2024.

FIORI, S.; PANNEK, K.; PODDA, I. Neural Changes Induced by a Speech Motor Treatment in Childhood Apraxia of Speech: A Case Series. *Journal of Child Neurology*. V. 31, n. 11, p. 958-967, 2021.

FIORI, S.; RAGONI, C.; PODDA, I. PROMPT para melhorar as habilidades motoras da fala em crianças com paralisia cerebral: um protocolo experimental de grupo de controle em lista de espera. **BMC Neurol**, v. 22, n. 246, 2022.

FISH, M. **Como tratar apraxia da fala na infância**. São Paulo: Editora Pro-Fono. 2019.

HILARY, E. *et al.* Improvements in Speech of Children with Apraxia: The Efficacy of Treatment for Establishing Motor Program Organization (TEMPOSM). **Developmental Neurorehabilitation**, v. 24, n. 7, p. 494-509, 2021.

KLATTE, I. S. *et al.* Collaboration between parents and SLTs produces optimal outcomes for children attending speech and language therapy: Gathering the evidence. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 55, n. 4, p. 618-628. 2020.

MAAS, E. *et al.* Principles of motor learning in treatment of motor speech disorders. **American Journal of Speech-Language Pathology**, v. 17, n. 3, p. 277-298, 2008.

MCKEEVER, L.; CLELAND, J.; JONATHAN DELAFIELD-BUTT, J. Usando imagens ultrassonográficas da língua para analisar tarefas de desempenho máximo em crianças com autismo: um estudo piloto, **Clinical Linguistics & Phonetics**, v. 36, n. 2-3, p. 127-145, 2022.

MOORE, K. **What is the optimum amount of error during speech practice?** An N-of-1 randomized controlled trial of interventions for children with childhood apraxia of speech. 2021. Disponível em: <https://escholarship.mcgill.ca/concern/theses/bc386q65q>. Acesso em: 05 fev. 2024.

NAMASIVAYAM, A. K.; HUYNH, A.; GRANATA, F. Intervenção PROMPT para crianças com atraso motor de fala grave: um ensaio clínico randomizado. **Pediatr Res**, n. 89, p. 613-621, 2021.

OLIVEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. M. Tradução e adaptação cultural do manual de intervenção terapêutica Rapid Syllable Transition Treatment (REST) para o Português Brasileiro. **CoDAS**, v. 35, n. 2, 2023.

SHRIBERG, L. D. *et al.* A frequent acoustic sign of speech motor delay (SMD). **Clin Linguist Phon.**, v. 33, n. 8, p. 757-771, 2019.

SHRIBERG, L. D. *et al.* (2019) Estimativas da prevalência de distúrbios da fala e da fala motora em pessoas com distúrbios complexos do neurodesenvolvimento. **Clinical Linguistics & Phonetics**, v. 33, n. 8, p. 707-736, 2019.

CAPÍTULO 08

CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO TEACCH PARA A LINGUAGEM NO AUTISMO

Rosana Carvalho de Araújo Mendes⁴
Carla Jaiana Orsano Bezerra de Oliveira⁵
André Alelaf⁶

¹FAESPI (rosanamendes.fono@gmail.com)

²FAESPI (carlajaja@hotmail.com)

³UNINOVAFAP (andre_alelaf@hotmail.com)

Resumo

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento que afeta severamente a tríade: interação social, comunicação e comportamento. Tem início na infância, mais especificamente antes do terceiro ano de vida, não tem causa definida, porém alguns estudos evidenciam causas biológicas, pré-natais, entre outros. É mais prevalente no sexo masculino, tem como características: atraso na aquisição da fala, ecolalia, estereotipia, dificuldade na interação social e alteração no comportamento. O Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children (TEACCH) que significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit relacionados com a Comunicação, é uma forma de intervenção clínica e educacional que visa habilitar pessoas portadoras do espectro autista a ter um comportamento funcional, facilitar o aprendizado e ter autonomia. Este trabalho tem como objetivo analisar o uso do método TEACCH para o desenvolvimento da linguagem de pessoas com autismo, buscando elencar as contribuições que o mesmo pode trazer para o desenvolvimento da linguagem e sua inter-relação com a linguagem de autistas. Para tanto, este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica no qual foram analisados artigos publicados entre 2002 e 2012, relacionados com o tema e que mostrassem sua importância para o desenvolvimento da criança com autismo. Observou-se, portanto, que a maioria dos autores defende essa abordagem como uma forma de tratamento que proporciona grandes avanços, contribuindo não só na linguagem, mas também no comportamento de maneira geral, proporcionando maior autonomia na realização das atividades. Outros autores, no entanto, não são de acordo com o TEACCH, pois dizem que esse método tende a condicionar a criança, ou seja, condicionar as suas atitudes.

Palavras-chave: autismo; linguagem; desenvolvimento.

Área Temática: Método TEACCH na linguagem autista

E-mail do autor principal: rosanamendes.fono@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

⁴ Graduanda do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI. E-mail: rosanamendes.fono@gmail.com.

⁵ Graduanda do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI. E-mail: carlajaja@hotmail.com.

⁶ Especialista em Linguagem pelo Centro Universitário UNINOVAFAP. E-mail: andre_alelaf@hotmail.com.

A linguagem e seus distúrbios sempre foram objetos de estudo para grande parte da ciência. Várias áreas distintas do conhecimento, a exemplo da Fonoaudiologia, Psicologia, Pedagogia e a própria Medicina, sempre buscaram desvendar os mistérios que até hoje norteiam alguns transtornos que envolvem a comunicação humana, sendo o autismo, um dos principais transtornos do desenvolvimento que acometem a mesma.

A palavra autismo tem origem grega: *autos* “de si mesmo”. No ano de 1906, o termo ‘autista’ foi utilizado por Plouller na psiquiatria, porém o primeiro a difundir a palavra autismo foi Bleuler em 1911, referindo-se à esquizofrenia, relatando que a mesma consistia na limitação dos relacionamentos com o outro e o meio externo (Mascarenhas, 2009).

Em 1943, Leo Kanner, psiquiatra americano, realizou um estudo com um grupo de onze crianças que apresentavam inabilidade de relacionarem-se com outras pessoas e certas situações desde o início da vida, ou seja, apresentavam um extremo isolamento, falha na comunicação, forte resistência a qualquer tipo de mudança. Esta pesquisa foi publicada com o título: “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (Autistic Disturbances of Affective Contact), onde Kanner afirmava que autismo era causado por pais com nível intelectual muito alto, pessoas emocionalmente frias e que mostravam pouco interesse nas relações humanas com seus filhos. Com a evolução das pesquisas, chegou-se a conclusão de que o autismo não é um distúrbio de contato afetivo, e sim um transtorno do desenvolvimento (Pereira, 2007).

De acordo com a CID-10, o autismo é um transtorno global do desenvolvimento que se manifesta antes dos três anos de idade e que apresenta alterações nas seguintes áreas: interação social, comunicação e comportamento (Santos, 2008).

Existem outras alterações, especialmente em relação à linguagem, pois, grande parte dos autistas não apresenta Interação social, têm ausência ou grande defasagem da verbalização, ausência de espontaneidade, vocabulário pobre, com pouca informação, podem não agir de forma recíproca a estímulos emocionais e sociais (Facion, 2002).

São várias as formas de tratamento do espectro autístico: medicamentoso, psicoterapêutico, fonoaudiológico, entre outros (Brasil, 2000). Neste trabalho será enfatizado o método Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children (TEACCH), que significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados com a Comunicação.

Este programa foi desenvolvido na década de 60, precisamente em 1966, por Eric Schopler, na divisão de psiquiatria da Universidade da Carolina do Norte, Estados Unidos. O TEACCH envolve educação e clínica, fundamentadas nas teorias Behaviorista e

Psicolinguística, com práticas na abordagem psicoeducativa, ou seja, é um tratamento transdisciplinar. Tem como objetivo tornar mais prática a vida de pessoas autistas, reduzindo a dependência destas de outras pessoas no que diz respeito à comunicação, bem como, melhorar as habilidades escolares, o comportamento, a convivência com o meio social, dentro das possibilidades de cada indivíduo (Kwee; Sampaio; Atherino, 2009).

O método TEACCH funciona com a utilização de recursos visuais, estímulos auditivos, cenestésicos, estimulando à linguagem oral e/ou a comunicação alternativa. Cada autista tem um programa elaborado especificamente para seu caso, as atividades são direcionadas de acordo com a necessidade de cada um, de maneira que se tornem atraentes para o paciente, em especial, os autistas que se adaptam melhor às situações dirigidas e que mostram maior interesse por estímulos visuais que estímulos auditivos (Osbourn; Scott, 2004; Panerai; Ferrante; Zingale, 2002; Dawson; Osterling *apud* Guarlnick, 1997).

Quais as contribuições do uso do método TEACCH para o desenvolvimento da linguagem de pessoas portadoras do espectro autístico? Com base na problemática acima exposta, as questões norteadoras são: Quais são os princípios e objetivos do método TEACCH? Quais benefícios essa abordagem traz para um bom desenvolvimento da criança autista?

A escolha deste tema deu-se em virtude da necessidade de aprimorar os conhecimentos sobre o TEACCH e esclarecer suas contribuições para o desenvolvimento da linguagem de pessoas com autismo. Portanto, descrever-se-á o método TEACCH com o intuito de mostrar sua interrelação com o desenvolvimento da linguagem de pessoas com autismo, para isto foram analisadas várias fontes de pesquisas e, principalmente artigos publicados nos últimos dez anos, os quais tivessem relação com o tema abordado.

2 MÉTODOS

Esta pesquisa trata-se de uma revisão de literatura, um estudo descritivo, sobre o tema: Contribuições do método TEACCH para linguagem no autismo. As informações e dados nele contidos têm base em vários trabalhos originais e tem como objetivo, relatar sobre os temas abordados: o Autismo, o modelo TEACCH e sua relevância em relação ao desenvolvimento da linguagem de autistas e pessoas com deficiência em relação à comunicação. Desta forma, o objeto de estudo deste trabalho foi a produção científica sobre o tema, existente em periódicos indexados.

A busca de artigos foi realizada em junho de 2013 na base de dados da Literatura da América Latina e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), da Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE), da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e do United States National Library of Medicine (PubMed).

Para a realização do trabalho optou-se por estudos datados de 2002 a 2012, o mesmo tem como critérios de inclusão as publicações: (a) ocorridas entre 2002 a 2012; (b) redigidas em português, inglês ou espanhol e (c) que possuíssem dados sobre o Autismo e o método TEACCH.

Com as palavras chaves “Autismo” e “TEACCH” foram encontrados 47 resumos publicados no período de 2002 a 2012. Dos 47 trabalhos pesquisados nas bases Scielo.org., apenas 01 tinha relação direta com uso do Teacche Linguagem. Na LILACS, com a palavra-chave TEACCH, encontrou-se 03 publicações, destas, apenas 01 relacionava-se com linguagem, o que já havia sido encontrada em outra base de dados. As palavras utilizadas no DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) foram: autismo, linguagem e desenvolvimento.

Fazendo uma pesquisa mais refinada e utilizando como palavras-chave “Autismo” e “TEACCH” foram encontrados 11 resumos publicados no período de 2002 a 2012, pesquisados nas bases MEDLINE/PubMed. Dos 11 artigos, apenas 02 relacionavam o uso do método TEACCH e sua contribuição para o desenvolvimento da linguagem de pacientes portadores de autismo.

Com a pesquisa, foi possível observar que a bibliografia sobre o TEACCH e sua relação com a linguagem propriamente dita no autismo é escassa, além disso, foram encontradas muitas publicações internacionais, outras nacionais, que para se ter acesso às mesmas seria necessário cadastro no site ou adquirir através da compra do artigo - a exemplo do Sage Journals, o que impossibilitou o acesso ao arquivo.

Depois de uma análise detalhada das informações, foi possível elencar autores, ano de publicação, periódico de publicação, tipo de estudo, objetivos, características da amostra, metodologia aplicada e resultados do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os trabalhos pesquisados mostram em sua maioria que, o método TEACCH contribui de forma positiva para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que se trata de um ensino estruturado, o que permite a organização do pensamento da criança, possibilitando com que a mesma se comunique de forma eficiente e apresente menos comportamentos inadequados.

Segundo os autores Keew, Sampaio e Atherino (2009), Rodrigues e Spencer (2010), o TEACCH é uma intervenção baseada em uma abordagem psicoeducativa e comportamental que se refere a um modelo o qual abrange práticas clínica e educacional na intervenção terapêutica, sendo, portanto, um programa transdisciplinar.

Para Santos (2008), Morais (2012), Rodrigues e Spencer (2010), mencionam que o TEACCH requer uma estruturação do ambiente e a participação de familiares, com isto, a criança tem maiores possibilidades de desenvolver habilidades e organizar-se quanto à execução de atividades, tornando-se assim mais independente, de acordo com Amy (2001), com essa estruturação a criança autista é capaz de compreender melhor as ações e comportamentos dela esperados e diminuir os comportamentos inadequados, mediante reforço positivo. Mascarenhas (2009) acrescenta ainda que essa intervenção pretende garantir o desenvolvimento em uma vasta escala para autistas e suas famílias de forma vitalícia.

E para Morais (2012), a intervenção com o método TEACCH tem como objetivos proporcionar a autonomia e minimizar comportamentos inadequados, facilitar o desenvolvimento e aprendizagem, promover a comunicação, orientar e apoiar os pais e familiares, onde a participação dos mesmos contribui de forma significativa para reabilitação de seus filhos.

Montalva, Quintanilha e Solar (2012) afirma que esta abordagem facilita o desenvolvimento e aprendizagem de autistas, com contribuições acadêmicas ou não. Amy (2001) assegura que o objetivo desse método é adequar os comportamentos da criança, de modo que esta possa compreender o meio e ser capaz de agir sobre ele, pois a utilização de recursos nesse método estabelece a percepção, imitação e motricidade, o que contribuem muito para o desenvolvimento da comunicação, autonomia e interação social.

Os princípios deste método, conforme Marques (2000), Keew, Sampaio e Atherino (2009) e Morais (2012), são basicamente a adaptação de acordo com a necessidade de cada indivíduo, intervenção individualizada, estruturação adequada do ambiente, colaboração da família, capacitação de profissionais de forma generalizada, independente da sua formação, desde que estes estejam inseridos no trabalho de intervenção com autistas e reforço de habilidades adquiridas pela criança.

Keew, Sampaio e Atherino (2009) ressalta a importância de avaliar as habilidades atuais que a criança apresenta, observar a existência de capacidades que estão emergentes, buscando maneiras de aprimorá-las com base na realização de testes quando possível e através da observação por parte dos familiares.

Gándara Rossi (2007) confirma que o TEACCH melhora a compreensão de mundo por parte da pessoa autista, reduz a ansiedade, ajuda a controlar o ambiente, favorecendo uma melhor aprendizagem; já Montalva, Quintanilha e Solar (2012), diz que esses modelos de intervenção estruturada são eficientes, segundo estudos empíricos, mas há uma necessidade intensificar os estudos de validação que demonstrem cientificamente a eficácia dos modelos apresentados no artigo e de outras intervenções.

Em contrapartida, Amy (2001) revela que um ponto negativo do TEACCH é o condicionamento das estratégias que são usadas para a execução dos objetivos. Calanzas e Martins (2007) por sua vez, mencionam a visão negativa sobre o método TEACCH, pois diz que essa abordagem não traz resultados positivos no que diz respeito à subjetividade do indivíduo, pois o referido método leva em conta apenas o transtorno, devendo-se, portanto, educar e minimizar as alterações comportamentais sem dar importância ao outro e que não falar, para o autista, é uma maneira de se proteger do enigma que o outro representa para ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno do espectro autístico, apesar de ser um tema bastante abordado, tanto na área da saúde, quanto na área educacional e muitas outras, ainda é cercado de mistérios, principalmente quanto às suas causas, porém, os seus sinais e sintomas tornam-se cada vez mais evidentes, tendo em vista o grande avanço nos estudos e pesquisas quanto a este tema, ou seja, está mais claro para os profissionais identificarem as alterações logo nos primeiros anos de vida. Estes estudos também contribuem para o desenvolvimento de métodos e estratégias voltadas para o tratamento de alterações que o autismo traz à criança, seja no comportamento, comunicação e interação social.

Um dos métodos de intervenção é o TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children) – Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação, com este programa é possível ajudar a criança autista a estruturar seu pensamento, organizar suas ideias e torná-la menos dependente dos pais, professores e/ou cuidadores na realização de suas atividades, sejam escolares ou do dia a dia, bem como crianças que tenham outras patologias de base que afetam sua comunicação.

Este programa é direcionado principalmente para adequação de comportamento controverso, ou seja, tem uma visão mais globalizada para o desenvolvimento da criança, tendo em vista uma melhor convivência no âmbito social e familiar, no entanto, não tem um

objetivo específico para o desenvolvimento da linguagem em si, mas sim uma melhora geral na organização da criança, sendo que esta se comunicará de forma mais eficiente através de figuras e clareza na segmentação da rotina.

É evidente que o método TEACCH contribui para o desenvolvimento da linguagem expressiva e receptiva em crianças autistas, mesmo que de forma pouco significativa para oralização, principalmente em autistas não falantes. Este método prioriza a comunicação alternativa, ou seja, a expressão e compreensão através de imagens e rotinas programadas, no entanto, contribui para expressão não verbal, que é também uma forma de linguagem.

Diante dos resultados encontrados, verifica-se a necessidade de mais estudos que comprovem a real contribuição do método TEACCH para linguagem no autismo, principalmente na área da Fonoaudiologia, pois os estudos relacionados ao tema abrangem apenas de maneira geral a forma como esta abordagem atua sobre a criança, ou seja, não se baseia especificamente no desenvolvimento da linguagem, e sim no comportamento, organização do pensamento, melhor compreensão da rotina, realização de tarefas e autonomia, isto é, uma evolução global do desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

AMY, M. D. **Enfrentando o autismo:** a criança autista, seus pais e a relação terapêutica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Autismo:** orientação para os pais. Brasília: Casa do Autista, 2000.

CALAZANS, R.; MARTINS, C. R. Transtorno, sintoma e direção do tratamento do autismo. **Revista Estilos da Clínica**, v. 12, n. 22, p. 142-157, 2007. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282007000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 10 jan. 2024.

DAWSON, G.; OSTERLING, J. Early intervention in autism. *In*: GURALNICK, M. J. **Effectiveness of Early Intervention**. Baltimore: Brooks, 1997.

FACION, J. R. **Transtornos invasivos do desenvolvimento associados a graves problemas do comportamento:** reflexões sobre um modelo integrativo. Brasília: Ministério da Justiça, 2002.

ROSSI, C. C. G. Principios y estrategias de intervención educativa para personas com autismo: TEACCH. **Revista de Logopedia, Foniatria y Audiologia**, v. 27, n. 4, p. 173-186, 2007. Disponível em:<http://neuroharte.com>
<http://www.bireme.br/php/index.php>. Acesso em: 17 out. 2013

KWEE, C. S.; SAMPAIO, T. M. A.; ATHERINO, C. C. T. Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no TEACCH. **Revista CEFAC**, v. 11, supl. 2, p. 217-226, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11s2/a12v11s2/pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MARQUES, C. **Perturbações do espectro do autismo**: ensaio de uma intervenção construtivista desenvolvimentista com mães. Lisboa: Quarteto Editora, 2000.

MASCARENHAS, G. C. C. C. **Um certo olhar: sobre autismo**. 2009. Monografia (Especialização) – Instituto A vez do Mestre, Universidade Cândido Mendes, Niterói. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n203052.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

MONTALVA, N.; QUINTANILHA, V.; SOLAR, P. Modelos de intervenciónterapéutica educativa en autismo: ABA y TEACCH. **Revista Sociedad de psiquiatria y neurologia de laInfancia y Adolescencia**, Santiago, v. 16, n. 1, 2012. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe?iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=677242&indexSearch=ID>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MORAIS, T. L. C. **Modelo TEACCH**: intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo. 2012. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2673/_D.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 jan. 2024.

OSBOURN, P.; SCOTT, F. **Autism Spectrum Disorders**: Guidance on providing supports and services to young children with autism spectrum disorders and their families. New Mexico: Technical Assistance Manual, 2004.

PANERAI, S.; FERRANTE, L.; ZINGALE, M. Benefits of the Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children (TEACCH) programme as compared with a non-specific approach. **Journal of Intellectual Disability Research**, v. 46, n. 4, p. 318-327, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1046/j.1365-2788.2002.00388.x>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PEREIRA, A. M. **Autismo infantil**: tradução e validação do CARS (Childhood Autism Rating Scale) para uso no Brasil. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.scielo.com>. Acesso em: 10 jan. 2024.

RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. **A criança autista**: um estudo psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SANTOS, A. M. T. **Autismo**: desafio na alfabetização e no convívio escolar. 2008. Monografia (Especialização Latu Sensu) – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo. Disponível em: <http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CAPÍTULO 09

IMPACTOS DO AUTISMO NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Elizamar Secondes do Nascimento Jucá
André Alelaf

Resumo

O autismo é considerado como um dos distúrbios com maior prevalência no público infantil, caracterizado por déficits no processo de interação social, com uma série de limitações na linguagem falada. O objetivo geral da presente pesquisa consiste em analisar impacto do autismo no desenvolvimento da linguagem do público infantil. A problemática da pesquisa consiste no seguinte questionamento: quais as principais consequências do autismo no desenvolvimento da linguagem de crianças?. Para fundamentar a pesquisa houve a necessidade de uma revisão bibliográfica ou literária, por meio da análise de várias teorias atinentes com o tema, em especial a consultas em bases de dados, como a Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e LILACS, que disponibilizam artigos científicos. Concluiu-se por meio da investigação que o autismo é marcado por limitações na aquisição da linguagem, na interação social e no desenvolvimento do processo de alfabetização, com crianças com TEA geralmente não produzindo as primeiras palavras pelo período aproximadamente, de trinta e oito meses, além de inadequação do volume de fala, entonação cantada ou plana, hipernasalidade, rouquidão, estresse lexical com imprecisão e fraseado marcado pela lentidão necessitando, assim, de estudos contínuos sobre o tema e maior atenção com crianças com esse distúrbio.

Palavras-chaves: Autismo; Linguagem; alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um distúrbio que se evidencia por meio de uma série de limitações no que se refere linguagem, e conseqüentemente ao processo de interação social, constatando-se padrões de conversação com múltiplos prejuízos, com linguagem falada limitada, sendo um dos distúrbios mais incidentes, atualmente, sobre o público infantil de todo o mundo.

Dados advindos do Centro de Controle e Prevenção de Doenças demonstraram que, no ano de 2020 e 2023, aproximadamente, uma em cada trinta e seis crianças nos Estados Unidos da América foram diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (CDC 2023).

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é classificado em conformidade com o DSM-IV-tr(1) como um Transtorno Global do desenvolvimento, fundado em um desenvolvimento atípico no que e refere ao processo de interação social, no âmbito da

capacidade cognitiva e na esfera comunicativa com repertório limitado de atividades e interesses. Conforme os critérios diagnósticos, o laudo médico pauta-se em observações de comportamentos e em informações repassadas pelos pais, havendo assim a plena possibilidade de realizar uma classificação da gravidade, mensurando progressos a criação de intervenções (CAMPOS, 2016).

Deve ser dispensada uma atenção mais efetiva à crianças com autismo, com pesquisas contínuas em busca de compreender sobre comportamentos que são prejudicados pelo autismo, e, conseqüentemente, a análise de quais intervenções são dotadas de maior precisão, mesmo já sendo evidente, conforme diagnósticos clínicos e investigações empíricas já demonstrarem a questão de retardos nas habilidades de linguagem no público com TEA, com o desenvolvimento da linguagem pautados na ecolalia (imitação da fala de outros indivíduos) e utilização em excesso de jargões e prosódia diversificada.

Quando há um comparativo entre crianças sem autismo e crianças com TEA, o público com esse distúrbio produz rótulos mais idiossincráticos, com frases sem coerência e sentido semelhante ao uso da ecolalia, o jargão possui um papel especial no processo de aquisição e no desenvolvimento da linguagem infantil. Vários fazem uso do jargão como uma forma de conseguir uma manutenção de diálogos ou para expressar ideias, todavia sua utilização ainda pode significar limitações para a atualização de informações, sendo também constatada uma produção atípica de características suprasegmentais, podendo citar como exemplo o ritmo, o sotaque, a entonação e a ênfase (FREITAS, 2023).

Dessa forma o objetivo da presente pesquisa consiste em analisar impacto do autismo no desenvolvimento da linguagem do público infantil. Já a problemática da investigação consiste no seguinte questionamento: quais as principais conseqüências do autismo no desenvolvimento da linguagem de crianças?

Justifica-se a escolha do tema em razão de ser evidenciado que crianças autistas possuem uma série de limitações no âmbito do processamento quanto na conclusão de tarefas e medidas referentes à prosódia, com características suprasegmentais atípicas, em especial no que associa-se a inadequação do volume de fala, uma entonação cantada ou plana, rouquidão, nasalidade extrema, estresse lexical pautado na imprecisão, fraseado mais devagar e quantitativo elevado de falas atípicas.

2 MÉTODOS

Fundamenta-se em uma revisão integrativa da literatura (RIL) do tipo descritiva, de natureza qualitativa, caracterizada pela integração de opiniões, ideias e conceitos de pesquisas disponíveis sobre determinado tema. A trajetória metodológica desenvolvida segue 5 etapas, destacando-se a criação da questão norteadora; a efetuação da busca de fontes na literatura, além da etapa referente à categorização das pesquisas, a interpretação dos resultados obtidos e a síntese da revisão realizada

No que se refere a primeira etapa, esta esteve relacionada com a pergunta norteadora da revisão integrativa: “quais as principais consequências do autismo no desenvolvimento da linguagem das crianças com esse distúrbio?”.

As bases de dados consultadas foram: *Scientific Electronic Library Online*, e LILACS e MEDLINE, além de consultas em sítios eletrônicos. No que se refere às estratégias de busca, inicialmente foram realizadas por meio dos seguintes descritores: Autismo, linguagem. crianças as buscas foram efetuadas no período de janeiro a outubro do ano de 2023.

No que se refere aos critérios de inclusão foram inseridas na pesquisa apenas publicações, que embora escritos, originalmente em língua inglesa ou espanhola, se encontravam devidamente traduzidas para a língua portuguesa. O segundo critério de inclusão pautou-se na questão de serem incluídas apenas pesquisas com resultados profícuos sobre os impactos do autismo no desenvolvimento da linguagem do público infantil, sendo desconsiderados artigos que abordavam sobre outras consequências do TEA. O terceiro critério de inclusão pautou-se na questão temporal, sendo inseridos na investigação apenas fontes teóricas publicados entre os anos de 2013 a 2023, ou seja, nos últimos dez anos procurando, assim, proporcionar uma maior atualidade ao estudo.

Dentre os critérios de exclusão não foram inseridos na presente pesquisa artigos em duplicidade de bases de dados diversas, sem disponibilidade digitalmente ou artigos meramente simulados. Outro critério de exclusão pautou-se na delimitação do recorte temporal, sendo excluídas as fontes teóricas publicadas, anteriormente, ao ano de 2013.

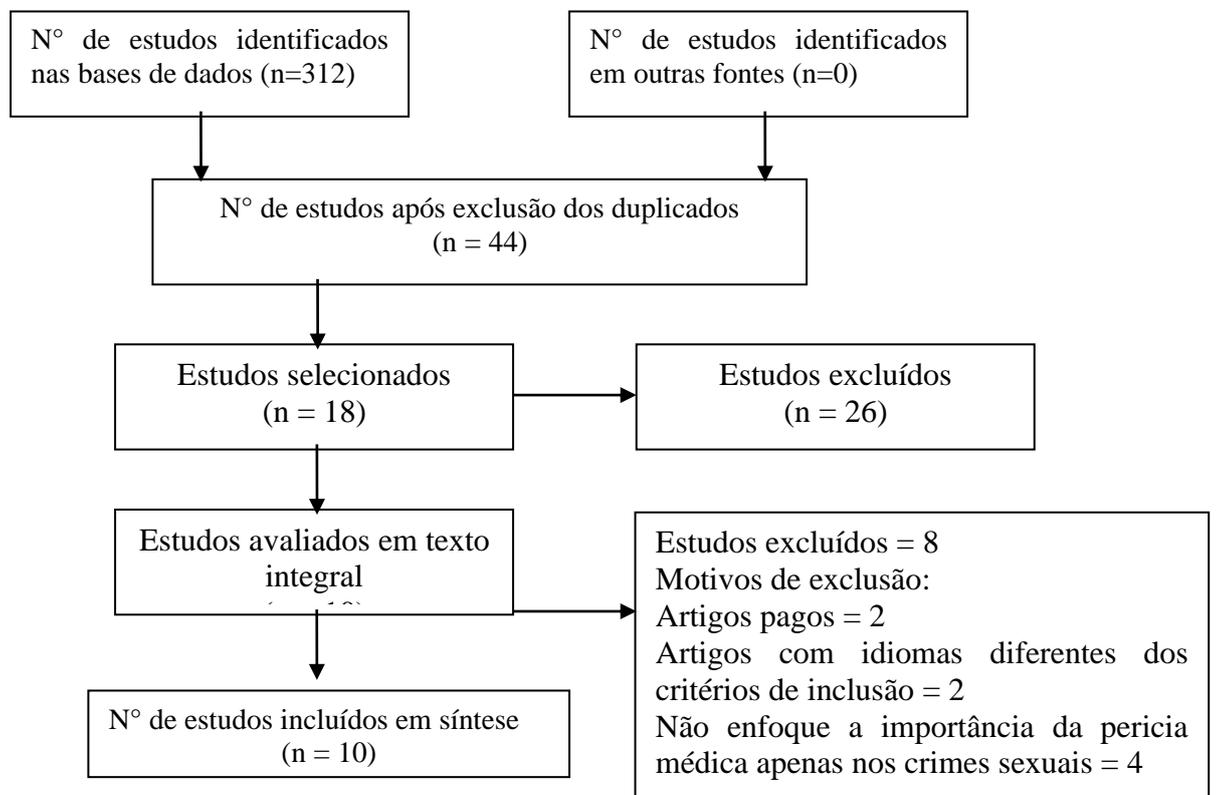
Houve ainda a realização de uma revisão atinente aos títulos e aos resumos dos artigos com relevância para fundamentar a pesquisa. As pesquisas que atenderam aos condicionantes tiveram a leitura integral dos artigos, extraindo-se múltiplas variáveis, como por exemplo, o ano da publicação; o país de origem; o detalhamento amostral; espécie de estratégia efetuada; aferição do desfecho; síntese dos resultados encontrados e as principais recomendações desses artigos.

Posteriormente, com o escopo de apresentar e discutir os resultados, cada pesquisa inserida na amostra final passou a receber os seguintes códigos: E = ESTUDO, e ordenadamente seguida pelos algarismos arábicos (1, 2, 3, 4...,10), sendo a fonte de pesquisa inicial inserida, sendo individualizada com E1, e, desse modo, de maneira consecutiva, até o E10, em razão de serem incluídos o quantitativo de 10 artigos na revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Objetivando a manutenção de uma maior exatidão possível da revisão integrativa, a busca final nas duas bases de dados ocorreu no dia 21 de setembro do ano de 2023 na qual houve a identificação de 312 artigos científicos. Houve a utilização simultânea do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), conforme pode ser evidenciado na Figura 1, sendo selecionado o quantitativo de 10 estudos. Posteriormente serão apresentados os resultados da pesquisa.

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos primários, elaborado a partir da recomendação PRISMA



Ainda houve a necessidade da elaboração do quadro 1, no qual foi demonstrado as principais características dos artigos inseridos na pesquisa, destacando-se o nome do Autor, o Ano de publicação, Título, Base de dados, Objetivo, Método e Resultados.

Quadro 1. Artigos selecionados nas bases de dados pesquisadas, Teresina-PI, Brasil, 2023.

E	Autor (ano)	Título	Base de dados	Objetivo	Método	Resultados
E1	SERBAI, & PRIOTT O 2021	Autismo na adolescência uma revisão integrativa da literatura	SCIELO	Conhecer o que a literatura dos últimos cinco anos apresenta sobre o TEA na adolescência e como objetivos específicos identificar, sintetizar e analisar a produção acadêmica nacional e internacional no idioma espanhol e português sobre adolescentes com TEA	Metodologia qualitativa	Conclui que existem diferentes olhares sobre o autismo na adolescência e como ponto comum a preocupação com os aspectos relacionados ao comportamento, as habilidades de comunicação e a autonomia.
E2	Agurto et al (2019)	Funções executivas e bem-estar subjetivo em estudantes com transtorno do espectro do autismo e inteligência acima da média.	SCIELO	determinar um perfil de funcionamento executivo (FE) e bem-estar subjetivo (CS) de estudantes com duplas exceções.	Estudantes foram pareados por sexo, idade e nível socioeconômico. Através de um método quantitativo, descritivo, comparativo e transversal, foram avaliados 10 homens; cinco alunos EaD (M= 12,65 [4,18]) e cinco do grupo comparativo (M=12,48 [4,10])	O perfil dos estudantes com autismo apresentou déficit nas funções executivas, mas apenas em sua manifestação comportamental.
E3	Flagge (2017)	Evolução e acompanhamento de adolescentes e adultos jovens com	SCIELO	Avaliar a evolução das características clínicas de um grupo de pacientes com	Foram coletadas informações de um total de 30 pacientes, entre 12 e 25 anos, com diagnóstico de	Os pacientes apresentaram evolução heterogênea quanto ao grau de apresentação dos

		autismo		Transtorno do Espectro Autista (TEA), a adaptação e independência e necessidades atuais.	TEA, avaliados no período entre 1993 e maio de 2017	sintomas e nível de funcionalidade, sobretudo, de desenvolvimento social. Todos continuam dependentes. Há necessidade de centros de atendimento maiores e aconselhamento para pacientes após completar o ensino secundário
E4	Coutinho (2018)	Desenvolvimento da comunicação e linguagem na criança Com transtorno do espectro autista	SCIELO	Compreender e avaliar a aquisição e o desenvolvimento da comunicação e linguagem na criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA, analisando a maneira que elas interagem com o meio social, como se expressam, como recebem e emitem as informações.	Natureza qualitativa, configurando-se como estudo de caso	
E5	Campos (et al., 2016)	Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo	SCIELO	verificar a correlação entre tempo de permanência semanal na escola, e o desempenho de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em teste de inteligência não verbal e em habilidades comunicativas e de comportamento	Participaram deste estudo 44 crianças e adolescentes, com idade entre 6 e 12 anos. Todos os participantes estão matriculados em escolas regulares.	De forma geral os resultados de ambos os grupos indicam que crianças com melhores resultados em inteligência não verbal e melhores habilidades de comunicação e comportamento tendem a permanecer mais tempo na escola por semana.
E6	Backes (et al., 2017)	Características Sintomatológicas de Crianças com Autismo e	SCIELO	investigou as características da regressão da linguagem oral e da	Foi utilizado um banco de dados com 150 crianças norte-americanas, sendo as	Em relação à sintomatologia, alguns comportamentos destacaram-se por

		Regressão da Linguagem Oral		sintomatologia em crianças pré-escolares com Transtorno do Espectro Autista, relacionando-o com os pressupostos da perspectiva sociopragmática	informações referentes à regressão da linguagem oral e à sintomatologia obtidas por meio da <i>Autism Diagnostic Interview - Revised</i> .	apresentarem maior comprometimento, como o direcionamento da atenção, a conversação recíproca e o uso repetitivo de objetos.
E7	Barrros (2016)	Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo	MEDLINE	Discutir o lugar do autista na linguagem considerando os movimentos de negação que apresentam diferentes configurações multimodais do 'não' no autismo.	Estudo de caso de uma criança autista participante do Grupo de Estudos e Atendimento ao Espectro Autista - GEAUT/UNICAP	Nos dados encontrados constatamos que as estereotipias motoras e vocalizações com sentido de negação representam recursos multimodais enunciativos de sujeitos autistas na linguagem.
E8	Ishihara (2016)	Compreensão de ambiguidade em crianças com Transtorno Específico de Linguagem e Fala e Transtorno do Espectro Autista	MEDLINE	Verificar e comparar o desempenho de crianças e adolescentes com Transtorno Específico de Linguagem e Fala (TEL) e Transtorno do Espectro Autista (TEA) em teste formal e padronizado que avalia a competência de linguagem, especificamente e em prova de ambiguidade.	A amostra foi constituída por 19 indivíduos, de 6 a 14 anos, de ambos os gêneros, divididos em dois grupos: Grupo TEA (9) e Grupo TEL (10). Utilizamos a prova de Sentenças Ambíguas do Teste de Competência de Linguagem – TLC (Wiig, Secord, 1989). Para a análise, foram comparadas as pontuações totais dos grupos.	Foi possível analisar e comparar a <i>performance</i> dos grupos em atividade metalinguística e verificar melhor desempenho do grupo Transtorno Específico de Linguagem e Fala em relação ao Transtorno do Espectro Autista, na interpretação de informações ambíguas.
E9	Meneses e Silva (2020)	Transtorno do espectro autista (TEA) e linguagem: a importância de desenvolver a comunicação	LILACS	Demonstrar a importância de buscar mecanismos que viabilizem a comunicação em crianças com TEA visando a sua socialização	pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias	As crianças com TEA apresentam dificuldades na linguagem que comprometem a sua interação social. Dentre as manifestações mais comuns estão: a ecolalia, o uso

						inadequado dos pronomes e de linguagem idiossincrática. O TEA não possui cura, sendo assim crianças que possuem o terão por toda a vida, por este motivo o diagnóstico deve ser feito o mais rápido possível para que seja possível buscar alternativas que permitam que elas possam viverem sociedade da melhor forma possível.
E10	Bosa (2017)	Regressão de linguagem no transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática	LILACS	revisar sistematicamente as publicações sobre esse fenômeno, caracterizando a perda de habilidades no TEA.	Foi realizada uma busca sistemática de referências bibliográficas em cinco bases de dados: PubMed, Web of Science, PsycINFO, Lilacs e Scielo	Foram identificadas lacunas importantes para o desenvolvimento de novas pesquisas, como a carência de estudos prospectivos e a necessidade de discussões acerca da definição conceitual da regressão desenvolvimental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Serbai (et al., 2021) e Flagee (2017) destacam como principal preocupação o comportamento, às habilidades de comunicação e à autonomia de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, devido a evidência de limitações indivíduos com TEA têm para a devida manutenção de interações sociais, sendo necessário a constituição de medidas para uma efetiva avaliação e a busca pelo desenvolvimento de habilidades para crianças autistas, como por exemplo metodologias adequadas com a constituição de grupos de apoio para a percepção subjetiva desse público no que se refere a satisfação pessoal em TEA e sobre a compreensão de sintomas compulsivos, com a finalidade de promover melhorias para as habilidades sociais, para o processo comunicativo, manejo de emoções e para a resolução de problemas.

Bosa (2017) aponta que uma parcela importante de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é acometida pela perda de habilidades de linguagem. A regressão de linguagem, e mais especificamente a perda de palavras, tem sido destacada como um potencial indicador precoce do TEA para aquele subgrupo cujo padrão de emergência do transtorno refere-se ao “início regressivo”. Destaca-se que a regressão de linguagem, mais

especificamente a perda de palavras, e não de outras habilidades, tende a se mostrar característica de crianças com TEA

Conforme Agurto (et al., 2019), devido a uma série de limitadores e condutas atípicas na linguagem, as práticas educativas são indispensáveis para que realmente se conheça como ocorre o funcionamento de crianças autistas deve ser priorizado o desenvolvimento de habilidades associadas a autoconsciência e a autonomia, por meio do desenvolvimento competências pessoais em indivíduos autistas.

Coutinho (2018) defende que crianças com TEA possuem dificuldade para a estruturação de discursos, podem apresentar somente jargões ininteligíveis, com estruturas gramaticais e fonologia sem maturação na evocação, com a utilização de estereotípias e repetições gerando uma espécie de linguagem metafórica, com múltiplas alterações na estrutura do discurso, falta de adequação na utilização da prosódia, desvios das normas gramaticais e limitações na questão atinente com a manutenção de tópicos, sendo o âmbito sintático muito afetado com fala constituída por vocabulário sem elementos de coesão, além da dificuldade na aquisição do pronome “EU”, com o autista usando com frequência a terceira pessoa para referir-se a si.

Com base no estudo de Campos (et al. 2016) o déficit de linguagem é uma característica marcante em pessoas com TEA, com múltiplas dificuldades de engajamento social trazendo prejuízos para as habilidades verbais e não verbais, com algumas crianças não sendo capaz de desenvolverem habilidades comunicativas, com ausência total da linguagem falada. Outras crianças com TEA pode apresentar reversões de pronome, prosódia anormal e entonação de maneira monótona e mesmo os indivíduos que conseguem lograr habilidades verbais demonstram déficits no âmbito da conversação, sem reciprocidade social. A compreensão da linguagem pauta-se em atrasos e a utilização funcional da linguagem com perturbações, no que se associa ao humor e sentido figurado, com prejuízos para a compreensão de sutilezas de linguagem, com problemas para o processo de interpretação linguagem gestual, corporal ou expressões faciais.

Backes (et al., 2017) e Barros (2016) discorrem que crianças autistas apresentam limitações na linguagem em razão de comportamentos, como o direcionamento da atenção, a questão atinente com a conversação recíproca e a utilização repetitiva de objetos. Os teóricos estabelecem em seus estudos que as estereotípias motoras e vocalizações com sentido de negação podem ser consideradas como recursos multimodais enunciativos de sujeitos autistas na linguagem. Assim é essencial que terapeutas e interlocutores compreendam as pistas

multimodais, gestuais ou vocais, da linguagem das crianças com TEA que se encontram inseridas no contexto interativo, para que haja a possibilidade da promoção e constituição da linguagem, levando em consideração a saída do isolamento autístico.

Ishihara (2016) e Bosa (2017) revelaram um repertório menor de vocabulário em crianças com autismo, além de um período mais extenso para resposta e menos benefícios quando há uma exposição a facilitadores contextuais. Salienta-se que pessoas com TEA possuem inabilidade na compreensão de truques e manejos metalinguísticos capazes de enriquecimento da linguagem, com dificuldades na capacidade de planejamento e de realizar mudanças nas próprias ações conforme um contexto inesperado.

Para Meneses e Silva (2020) ausência de utilização da linguagem como maneira de comunicação funcional pode ser entendido com uma das principais condicionantes para interação e socialização das crianças autistas. Destaca-se que a assimilação de regras para que ocorra o estabelecimento de uma comunicação efetiva é uma tarefa árdua para quem apresenta transtorno, pois a comunicação efetiva necessita da transmissão e recepção de uma informação, a assimilação, a compreensão e a resposta do destinatário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a presente investigação constatou-se que os principais déficits comuns atinentes ao processo de desenvolvimento da linguagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista, consistem em atrasos iniciais de linguagem, geração de linguagem atípica e limitações de discurso. Destaca-se que crianças sem autismo apresentam um desenvolvimento típico proferindo as palavras iniciais no período de oito a quatorze meses de vida, e crianças autistas não conseguem produzir as primeiras palavras até 38 meses de vida, além de atrasos nas linguagens expressivas e receptivas, sendo essa última a mais prejudicada.

Destaca-se que compreender uma estereotipia como possibilidade de linguagem, possibilita que pensemos no autismo como uma forma especial de funcionamento subjetivo, sempre considerando comportamentos que a literatura científica e não científica destaca por estereótipos.

Por fim a falta de utilização da linguagem como um modo comunicativo funcional é uma das principais dificuldades no processo de socialização das crianças com TEA, pois a devida compreensão de regras para esse público é extremamente complicada, principalmente

em razão de a comunicação exigir que ocorra a transmissão, recepção, assimilação da resposta de quem a ouviu.

REFERÊNCIAS

AGURTO, Catalina Sabat; PÉREZ-SALAS, Claudia; VÉLIZ, Cristian Oyanedel. Funciones ejecutivas y bienestar subjetivo en alumnos que presentan trastorno del espectro autista e inteligencia sobre el rango promedio. *Rev. chil. neuropsicol.*v. 14, n. 2, p.25-30,2019.

BACKES, Bárbara Características Sintomatológicas de Crianças com Autismo e Regressão da Linguagem Oral. *Psicologia Clínica e Cultura • Psic.: Teor. e Pesq.* 33 • 2017 • <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3343> .

BARROS, Isabela Barbosa do Rego. Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo *Rev. bras. linguist. apl.* 16 (4) • Dez 2016 • <https://doi.org/10.1590/1984-639820169895>

BOSA, Cleonice Alves. **Regressão de linguagem no transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática.** *Psicol. teor. prat.* vol.19 no.2 São Paulo ago. 2017.

CAMPOS. Larriane Karen. **Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo.** *CoDAS* 2016;28(3):234-243

COUTINHO, Felipe Teixeira. **Desenvolvimento da comunicação e linguagem na criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA.** 2018. 12f. Programa de Pós-Graduação em Psicomotricidade Clínica e Escolar, Departamento de Educação Física, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2018.

FLAGGE, Noris de Moreno. Evolución y seguimiento de adolescentes y adultos jóvenes con autismo. *Pediátr. Panamá,* v.46, n. 2, p. 13-18, 2017.

FREITAS, Michelli. **O impacto dos déficits da linguagem na alfabetização de crianças autistas.** IEAC, 2023. Disponível em:< <https://blog.ieac.net.br/desenvolvimento-da-linguagem-e-da-alfabetizacao-de-criancas-com-autismo/>> Acesso em 12 de setembro de 2023.

ISHIHARA, Mariana Katsumi. Compreensão de ambiguidade em crianças com Transtorno Específico de Linguagem e Fala e Transtorno do Espectro Autista *CoDAS* 28 (6) • Nov-Dec 2016 • <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015260> .

Meneses e Silva, E. A. . (2020). Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a linguagem: a importância de desenvolver a comunicação. *Revista Psicologia & Saberes,* 9(18), 174–188. Recuperado de <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1221>

SERBAI, F., & PRIOTTO, E. M. T. de P. AUTISMO NA ADOLESCÊNCIA UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA . *Educação Em Revista,* 37(1), 2021.

CAPÍTULO 10

IMPORTÂNCIA DA TERAPIA FONOAUDIOLÓGICA EM CRIANÇAS COM DESVIO FONOLÓGICO: DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA

Autora: Jéssica Rayane Sena de Sousa

E-mail: fonojessicasena@gmail.com

Resumo

Revisão integrativa da literatura, realizada no mês de dezembro de 2023 por meio da busca nas bases de dados ScIELO. Foram selecionados 10 artigos científicos. Utilizou-se como critérios de inclusão: ano e período de publicação; disponibilidade do artigo na íntegra; publicação no Brasil. É possível observar que a terapia fonoaudiológica está presente em todos os artigos que foram descritos nessa pesquisa, evidenciando a sua importância em crianças com desvio fonológico. Conclusão: A partir da comparação de artigos e levando em conta o que todos os autores afirmam, nota-se que todos eles concordam que é importante a terapia fonoaudiológica em crianças com desvio fonológico, com o objetivo de minimizar os impactos na leitura escrita e um melhor convívio social.

Descritores: Desvio Fonológico, Leitura, Escrita, Linguagem, Fonoaudiologia.

1 INTRODUÇÃO

A aquisição fonológica normal é caracterizada por produções governadas por processos fonológicos considerados simplificações realizadas pela criança, visando facilitar aspectos complexos da fala dos adultos. Esses processos estão presentes nas primeiras fases do desenvolvimento linguístico. À medida que a criança vai aprendendo sua língua, esses processos devem ser superados, permitindo a adequação para o padrão adulto. Quando os processos fonológicos naturais não são suprimidos até os 4 anos de idade, essas crianças são classificadas como portadoras de desvio fonológico (LAMPRECHT, 1986)

O desvio fonológico, também denominado transtorno fonológico, é uma desordem que afeta a produção e que decorre de problemas na representação mental dos sons da fala, no domínio do conhecimento internalizado da língua. Quando ocorre uma falha na representação mental destes sons, o desvio fonológico pode ser caracterizado por uma alteração fonêmica, cujo modo que a informação sonora foi armazenada e representada no léxico mental estará prejudicado, tendo, portanto, uma origem linguística ou cognitiva (WERTZNER et al, 2012).

O nível fonológico é o primeiro nível de organização da linguagem, nível dos sons ou fonemas em palavras. É o nível que corresponde à programação, escolha dos sons que entram na constituição das palavras e sua sequência correta. Esta organização pode ser alterada durante o desenvolvimento normal da fala, mas se esta alteração persistir além do período normal de aquisição, que pode ser fixado em torno dos cinco anos, pode ser considerada patológica (CHEVRIE-MULLER, 2005).

Existe um grande risco de crianças com transtorno fonológico apresentarem problemas nas habilidades em consciência fonológica e, conseqüentemente, dificuldades na alfabetização (STACKHOUSE, 1997; BIRD, 1992).

Neste contexto, este estudo teve como objetivo analisar as evidências científicas disponíveis sobre a importância da terapia fonoaudiológica no desenvolvimento da leitura e escrita em crianças com diagnóstico de desvio fonológico, com o intuito de minimizar os impactos negativos na leitura e escrita dessas crianças.

2 MÉTODO

Para o alcance do objetivo proposto, foi utilizado como método para a presente investigação a revisão integrativa da literatura, a qual consiste numa análise de pesquisas relevantes, possibilitando a síntese do conhecimento em um determinado assunto, além de mostrar as lacunas que devem ser preenchidas com a realização de novos estudos (SOARES, et. al.,2014)

Embora haja variações para a condução de métodos para o desenvolvimento de revisões integrativas, existem padrões a serem seguidos. Na operacionalização da presente revisão, foram utilizadas seis etapas: elaboração da questão de pesquisa, amostragem ou busca na literatura dos estudos primários, extração de dados, avaliação dos estudos primários incluídos, análise e síntese dos resultados e apresentação da revisão (GALVÃO; MENDES; SILVEIRA, 2010).

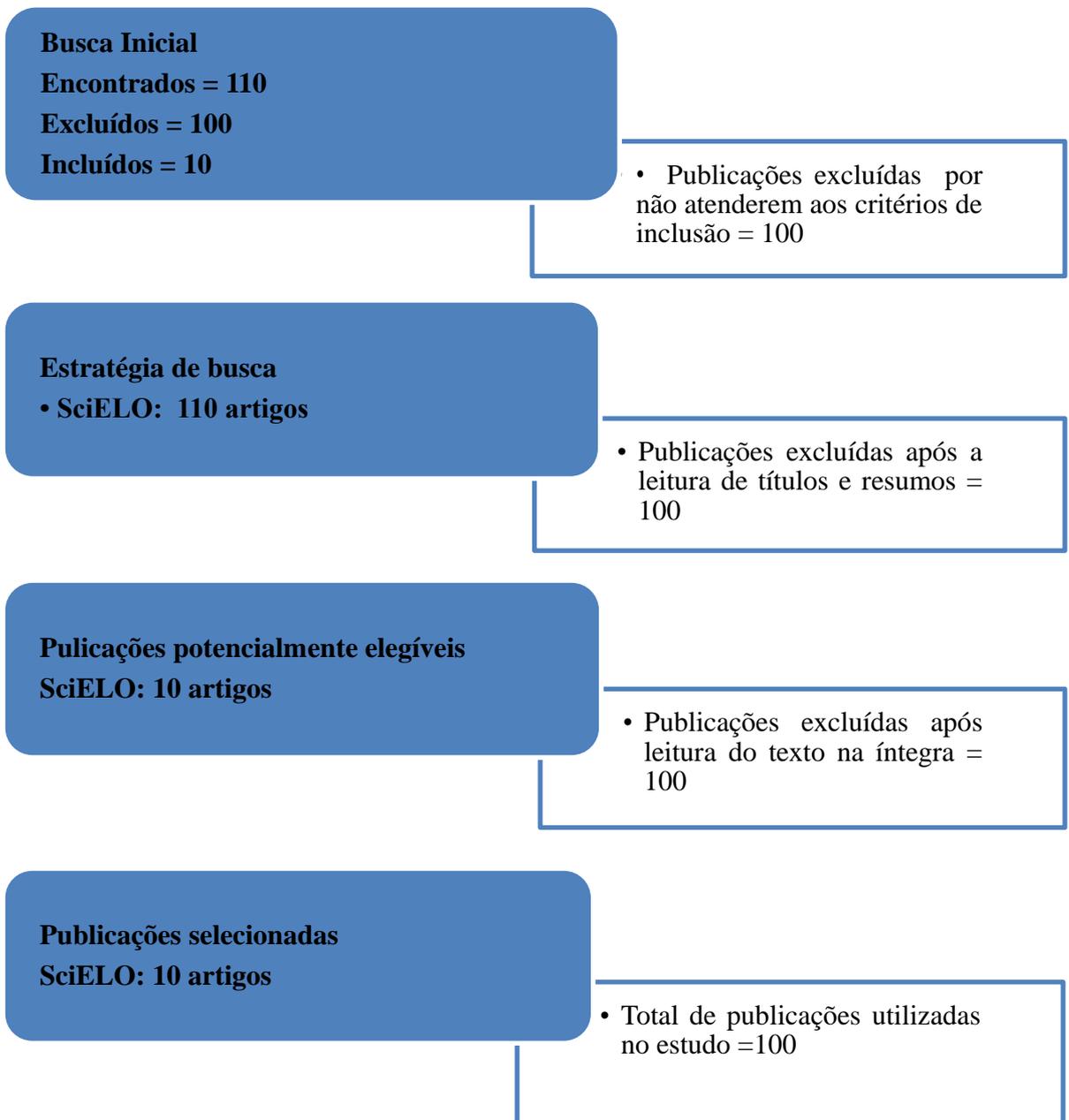
O presente projeto trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa, que tem como objetivo, analisar a importância da terapia fonoaudiológica no desenvolvimento da leitura e escrita em crianças com diagnóstico de desvio fonológico, tendo como referência autores clássicos da fonoaudiologia, bem como artigos publicados nos últimos 10 anos.

A questão de pesquisa que norteou a elaboração da presente revisão integrativa consistiu em: “Qual a importância da terapia fonoaudiológica no desenvolvimento da leitura e escrita em crianças com diagnóstico de desvio fonológico?”

O estudo foi elaborado com base em publicações e documentos de autores renomados da área de Linguagem, através das análises de 110 artigos científicos encontrados nas bases de dados Scielo, buscando textos relacionados à temática escolhida. Dos artigos encontrados, apenas 10 atenderam ao critério de inclusão: publicações em textos completos em português e que contemplam a temática, publicados entre os anos de 2010 a 2020. Foram utilizados os seguintes descritores: Desvio Fonológico, Leitura, Escrita, Linguagem, Fonoaudiologia. A pesquisa foi realizada no mês de dezembro de 2023.

O fluxograma (Figura 1) descreve o percurso de identificação, seleção e inclusão dos estudos primários selecionados, segundo as bases de dados.

Figura 1 - Estratégia de busca para seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa Teresina, PI, 20



A análise dos resultados foi realizada de forma descritiva, enfatizando a importância da terapia fonoaudiológica no desenvolvimento da leitura e escrita em crianças com diagnóstico de Desvio Fonológico.

Não ocorreu nenhum tipo de financiamento para o estudo. Também não houve conflito de interesse na condução desta revisão integrativa da literatura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de busca aos bancos de dados foram identificadas 110 publicações das quais 10 artigos foram selecionados e após leitura de títulos e resumos, 10 foram potencialmente elegíveis para leitura do texto na íntegra, em seguida houve necessidade de mais um refinamento em relação a duplicidade de indexação e os descritores utilizados e 100 estudos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão. Sendo assim, obteve-se 10 artigos que foram selecionados por serem potencialmente relevantes e atenderem aos critérios de inclusão previamente estabelecidos para o estudo.

Os estudos selecionados para o presente estudo, foram distribuídos para melhor identificação dos artigos elegidos e organizou – se uma exposição em ordem cronológica de publicação (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição dos estudos selecionados para análise

Identificação do estudo (Autores, título e periódico)	Ano de publicação	Objetivo	Base de dados
GUBIANI; BRANCALIONI; KESKE-SOARES. Mudanças no sistema fonológico após terapia fonológica de abordagem contrastiva. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia , v. 17, n. 4, p. 435-440	2012	Verificar as mudanças no sistema fonológico (aquisição de fonemas) e na gravidade do desvio fonológico de sujeitos submetidos à terapia fonológica de abordagem contrastiva, em comparação a um grupo de sujeitos sem intervenção.	SCIELO
COSTA; MEZZOMO; SOARES. Verificação da eficiência da abordagem terapêutica miofuncional em casos de desvio fonológico, fonético e fonético-	2013	Analisar a eficiência da abordagem terapêutica miofuncional em casos de desvio fonológico, fonético	SCIELO

fonológico. Revista CEFAC , v. 15, n. 6, p. 1703-1711		e fonético- fonológico.	
MELO; BACKES; MOTA. Percepções de pais/responsáveis de crianças com desvio fonológico acerca do desvio fonológico e da terapia fonoaudiológica. Revista CEFAC , v. 17, n. 6, p. 1802-1813	2015	Investigar a percepção de pais/responsáveis de crianças com desvio fonológico em relação ao próprio desvio e terapia fonoaudiológica aplicada.	SCIELO
BAGETTI, et al Mudanças fonológicas após aplicação de abordagem terapêutica baseada em traços distintivos no tratamento do desvio fonológico. Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia , v. 24, n. 3, p. 282-287	2012	Comparar as mudanças fonológicas decorrentes da aplicação de uma abordagem de terapia fonológica baseada em traços distintivos, utilizando dois tipos de sons-alvo (que enfatizam o "contraste" ou o "reforço" de traços distintivos) no tratamento de crianças com desvio fonológico, que foram tratadas pelo Modelo de Oposições Máximas Modificado.	SCIELO
WIETHAN e MOTA Propostas terapêuticas para os desvios fonológicos: diferentes soluções para o mesmo problema. Revista CEFAC , v. 13, n. 3, p. 541-551	2011	Realizar análise dos estudos em terapia fonológica, nacionais e internacionais, publicados a partir do ano de 2000, a fim de verificar as contribuições destes para a clínica fonoaudiológica, além de apontar novas possibilidades em pesquisa.	SCIELO
GIACCHINI; MOTA; MEZZOMO Diferentes modelos de terapia fonoaudiológica nos casos de simplificação do onset complexo com alongamento compensatório. Revista CEFAC , v. 13, n. 1, p. 57-64	2011	Verificar a abordagem terapêutica mais eficaz às crianças com desvio fonológico que realizam a estratégia de alongamento compensatório (EAC) nos casos de $C^1C^2V \rightarrow C^1V$.	

..... Continuação

Tabela 2 - Distribuição dos estudos selecionados para análise

<p>MARCHETTI; MEZZOMO; CIELO Habilidades em consciência silábica e fonêmica de crianças com fala desviante com e sem intervenção fonológica. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 15, n. 1, p. 80-87</p>	<p>2010</p>	<p>Comparar o desempenho de crianças com desvio fonológico evolutivo (DFE) que receberam intervenção fonoaudiológica com enfoque fonológico e de crianças com DFE que não receberam esta em habilidades de consciência fonológica (CF)</p>	<p>SCIELO</p>
<p>SOTERO e PAGLIARIN Intervenção fonoaudiológica com a utilização de software em casos de distúrbios dos sons da fala. In: CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia</p>	<p>2018</p>	<p>Verificar os efeitos da terapia fonoaudiológica com enfoque na consciência fonológica e fonoarticulatória nas habilidades de fala e no processo de alfabetização de crianças com distúrbios dos sons da fala.</p>	<p>SCIELO</p>
<p>STEFANINI et al Desempenho em consciência fonológica por crianças com transtorno fonológico: comparação de dois instrumentos. Revista CEFAC, v. 15, n. 5, p. 1227-1235</p>	<p>2013</p>	<p>Analisar e comparar o desempenho em consciência fonológica em dois grupos de crianças com transtorno fonológico, sendo um em tratamento fonoaudiológico e outro sem intervenção, a partir de dois instrumentos de avaliação</p>	<p>SCIELO</p>
<p>LEITE; WERTZNER; MATAS Potenciais evocados auditivos de longa latência em crianças com transtorno fonológico. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, v. 22, n. 4, p. 561-566</p>	<p>2010</p>	<p>Caracterizar os resultados dos Potenciais Evocados Auditivos de Longa Latência (PEALL) N1, P2, N2 e P300 obtidos em crianças com transtorno fonológico, e verificar a evolução dos resultados destes potenciais frente à terapia fonoaudiológica.</p>	<p>SCIELO</p>

Para contemplar o objetivo proposto buscou – se analisar estudos relevantes, e o método investigativo de escolha foi a revisão integrativa da literatura pela possibilidade de mostrar através das publicações as lacunas que se pretendeu identificar com o presente estudo (SOARES, et. al.,2014)

Os estudos selecionados foram distribuídos de forma sistemática de acordo com o ano de publicação, onde obteve – se em 2010 (02), 2011 (02), 2012 (02), 2013 (2), 2015 (01), 2018 (01), totalizando 10 artigos que foram sumarizados em uma tabela com quatro colunas de acordo com os seguintes critérios: identificação do estudo, autores, título e periódico (coluna 1), ano de publicação (coluna 2), objetivo (coluna 3) e base de dados (coluna 4).

De acordo com os autores GUBIANI; BRANCALIONI; KESKE-SOARES (2012), relatam que Para o tratamento do desvio fonológico, existem diferentes modelos terapêuticos com base fonológica, com o mesmo objetivo central: a reorganização do sistema fonológico, tendo como base o sistema alvo adulto, e a promoção de generalizações. Embora apontem diferenças no tempo de tratamento, na aquisição de fonemas ou no aumento do Percentual de Consoantes Corretas (PCC) no desvio fonológico, estudos mostraram que os diferentes modelos existentes são eficazes no tratamento para as diferentes gravidades do desvio fonológico.

Segundo os autores COSTA; MEZZOMO; SOARES (2013), pode-se perceber que a terapia miofuncional pode beneficiar a adequação dos fones e aquisição dos fonemas da fala, através da adequação dos aspectos (mobilidade, tensão muscular e postura) e estruturas (lábios língua e bochechas) do sistema estomatognático, tanto nos desvios fonológicos, nos distúrbios fonéticos como nas alterações fonético/fonológicas. Especialmente, isso ocorre no caso dos sons líquidos, que foram adequados em todos os casos.

Autores como MELO; BACKES; MOTA (2015), Ao visar à superação do desvio fonológico com a terapia fonoaudiológica, alguns modelos de terapia preveem em seus procedimentos, dentre outras atividades, a contribuição dos familiares. O Modelo de Ciclos Modificado², por exemplo, enfatiza ser de extrema importância a participação dos pais, que devem ser orientados a colaborar, estimulando a criança no ambiente familiar. Estas atividades restringem-se à entrega da lista de palavras do bombardeio auditivo e das figuras representativas das palavras-estímulo, os pais ou os responsáveis são então instruídos a praticá-las com a criança.

Segundo BAGETTI, et al (2012), os autores afirmam que um meio que tem se mostrado eficaz para o tratamento do desvio fonológico é a aplicação de modelos de terapia

com base fonológica. Esse tipo de tratamento é uma terapia de linguagem, cujo objetivo é promover a reorganização do inventário fonológico por meio de mudanças fonológicas, visando a generalização ⁽¹⁾ e conseqüentemente, a melhora na inteligibilidade de fala da criança.

De acordo com os autores WIETHAN e MOTA (2011), Desde a década de 1970, grande atenção tem sido dada à aquisição fonológica, típica ou atípica, pelas crianças. Os estudos em aquisição realizados até então, permitem ao clínico o conhecimento dos padrões normais e desviantes do desenvolvimento fonológico, auxiliando sobremaneira no diagnóstico do desvio fonológico (DF). A partir da determinação deste diagnóstico, torna-se extremamente importante a busca por estratégias que visem à adequação dos padrões de fala, levando a criança ao maior número de generalizações possível e reduzindo o tempo necessário para a supressão destas alterações.

GIACCHINI; MOTA; MEZZOMO (2011), afirmam que nos casos de alteração de fala, as principais abordagens de tratamento são: a fonológica que visa promover uma reorganização do sistema segmento na tentativa de preencher o constituinte do segmento ausente. Isso revela o conhecimento do infante sobre a estrutura silábica e uma representação subjacente abstrato de sons da criança e é usada, frequentemente, nos casos de desvio fonológico; e a fonética, em que há uma atenção especial à correção articulatória e é usada em casos de distúrbios fonéticos de causas diversas.

De acordo com MARCHETTI; MEZZOMO; CIELO (2010), a intervenção que utiliza os modelos fonológicos baseia-se no fato de que as dificuldades na organização dos sons na fala são de natureza fonológica, que essa fala constitui um sistema fonológico inadequado e que a terapia fonoaudiológica atua como um reorganizador deste sistema. Assim, o objetivo da terapia fonológica é facilitar a reorganização cognitiva do sistema fonológico da criança com fala desviante, sendo que tais mudanças devem ocorrer em nível de representação mental e não apenas em nível articulatório.

Segundo SOTERO e PAGLIARIN (2018), afirma que é importante que crianças escolares e pré-escolares com distúrbios dos sons da fala, sejam identificadas o mais cedo possível e inseridas em programas de intervenção que estimulem não apenas a fala em si, mas a consciência fonológica, a fim de evitar futuras dificuldades no desenvolvimento da escrita.

Os autores STEFANINI et al (2013), afirmam que a eficiência de modelos terapêuticos que utilizam tarefas de consciência fonológica é descrita por vários autores. Seja para prevenção ou intervenção, estes modelos melhoram a capacidade na identificação das letras,

análise fonológica, reconhecimento global da palavra, leitura de palavras isoladas, letramento, entre outros. Portanto, facilitam a aquisição do código alfabético, necessário para a habilidade de leitura e escrita.

LEITE; WERTZNER; MATAS (2010), afirma que as modificações observadas nos componentes do PEALL (Potenciais Evocados Auditivos de Longa Latência) após terapia fonoaudiológica sugerem que a prática de determinadas habilidades ou a exposição frequente a um estímulo durante o processo terapêutico favorecem a ocorrência de plasticidade neuronal.

Diante disso, é possível observar que a terapia fonoaudiológica está presente em todos os artigos que foram descritos nessa pesquisa, evidenciando a sua importância em crianças com desvio fonológico. O Fonoaudiólogo por meio de técnicas, realiza sessões de acordo com a necessidade de cada paciente, sendo o atendimento com objetivos específicos para o Desvio Fonológico.

4 CONCLUSÃO

A partir da comparação de artigos e levando em conta o que todos os autores afirmam, nota-se que todos eles concordam que é importante a terapia fonoaudiológica em crianças com desvio fonológico, com o objetivo de minimizar os impactos na leitura escrita e um melhor convívio social.

Assim, de acordo com a comparação dos resultados obtidos através da pesquisa de revisão integrativa na literatura, e analisando a opinião de diferentes autores fica notória a importância da terapia fonoaudiológica em crianças diagnosticadas com desvio fonológico, para uma minimizar os impactos na leitura e escrita, contribuindo assim para um melhor convívio social dessas crianças.

REFERÊNCIAS

GUBIANI, Marileda Barichello; BRANCALIONI, Ana Rita; KESKE-SOARES, Márcia. Mudanças no sistema fonológico após terapia fonológica de abordagem contrastiva. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 17, n. 4, p. 435-440, 2012.

COSTA, Patricia Pereira; MEZZOMO, Carolina Lisboa; SOARES, Márcia Keske. Verificação da eficiência da abordagem terapêutica miofuncional em casos de desvio fonológico, fonético e fonético-fonológico. Revista CEFAC, v. 15, n. 6, p. 1703-1711, 2013.

MELO, Roberta Michelin; BACKES, Fabieli Thaís; MOTA, Helena Bolli. Percepções de pais/responsáveis de crianças com desvio fonológico acerca do desvio fonológico e da terapia fonoaudiológica. *Revista CEFAC*, v. 17, n. 6, p. 1802-1813, 2015.

BAGETTI, Tatiana et al. Mudanças fonológicas após aplicação de abordagem terapêutica baseada em traços distintivos no tratamento do desvio fonológico. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 24, n. 3, p. 282-287, 2012.

WIETHAN, Fernanda Marafiga; MOTA, Helena Bolli. Propostas terapêuticas para os desvios fonológicos: diferentes soluções para o mesmo problema. *Revista CEFAC*, v. 13, n. 3, p. 541-551, 2011.

GIACCHINI, Vanessa; MOTA, Helena Bolli; MEZZOMO, Carolina Lisbôa. Diferentes modelos de terapia fonoaudiológica nos casos de simplificação do onset complexo com alongamento compensatório. *Revista CEFAC*, v. 13, n. 1, p. 57-64, 2011.

MARCHETTI, Paula Tavares; MEZZOMO, Carolina Lisbôa; CIELO, Carla Aparecida. Habilidades em consciência silábica e fonêmica de crianças com fala desviante com e sem intervenção fonoaudiológica. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 15, n. 1, p. 80-87, 2010.

SOTERO, Laura Karolainy Barcelos; PAGLIARIN, Karina Carlesso. Intervenção fonoaudiológica com a utilização de software em casos de distúrbios dos sons da fala. In: *CoDAS*. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2018.

STEFANINI, Marcela Rosolen et al. Desempenho em consciência fonológica por crianças com transtorno fonológico: comparação de dois instrumentos. *Revista CEFAC*, v. 15, n. 5, p. 1227-1235, 2013.

LEITE, Renata Aparecida; WERTZNER, Haydée Fiszbein; MATAS, Carla Gentile. Potenciais evocados auditivos de longa latência em crianças com transtorno fonológico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 22, n. 4, p. 561-566, 2010.

HAUPT, Carine; AGUIAR, Patrícia Gomes. Variações fonético-fonológicas e desvios fonológicos—um estudo de caso. *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 4, n. 2, p. 12-25, 2013.

DIAS, Roberta Freitas et al. Consciência fonológica nos desvios fonológicos avaliação e terapia. 2015. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

MOTA, Helena Bolli; MELO FILHA, Maria das Graças de Campos; LASCH, Sabrina Schützenhorfer. A consciência fonológica e o desempenho na escrita sob ditado de crianças com desvio fonológico após realização de terapia fonoaudiológica. *Revista CEFAC*, v. 9, n. 4, p. 477-482, 2007.

ROSAL, Angélica Galindo Carneiro et al. Contribuições da consciência fonológica e nomeação seriada rápida para a aprendizagem inicial da escrita. *Revista CEFAC*, v. 18, p. 74-85, 2016.

CAPÍTULO 11

MÉTODOS DE INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA PARA APRAXIA DE FALA NA INFANCIA: REVISÃO SISTEMÁTICA

Yasmin Andréa Batista Lima

Faculdade de Ensino Superior do Piauí

E-mail: yasminandreabatistalima@gmail.com

Resumo

Devido ao aumento dos números de diagnósticos de apraxia de fala na infância, muito tem se discutido entre os fonoaudiólogos sobre qual o melhor método/tratamento para as crianças com TMF, em específico, o AFI. O objetivo deste estudo é identificar os principais métodos utilizados para o tratamento de crianças com apraxia de fala. É uma revisão sistemática, inicialmente foi utilizado DeCS, depois realizou-se um levantamento de buscas com os seguintes descritores: apraxia de fala na infância, terapia de linguagem, intervenção fonoaudiológica, transtornos motores de fala, distúrbios de fala e de linguagem em dois idiomas (Português e Inglês), as bases de dados utilizadas foram: MEDLINE, LILACS e SCIELO, no período de 2013 á novembro de 2023. Após a realização da pesquisa, ocorreu a seleção das publicações de acordo com os critérios de inclusão exclusão. Ao analisar os artigos encontrados, constatou-se que existem diferentes abordagens e técnicas no mercado terapêutico atualmente e cada um respeitando a demanda e as dificuldades encontradas em seus participantes e todos apresentando evolução em seu quadro clínico. Portanto, considera-se que a intervenção fonoaudiológica é de suma importância para crianças com AFI e foi possível observar nesta pesquisa as diferentes técnicas e abordagens existentes para o tratamento da mesma, e os resultados positivos que se pode adquirir com o uso da estratégia adequada utilizada por partes dos profissionais dos estudos analisados

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é a ação de transmitir e/ou receber informações daquilo que se quer passar, pode ser de forma visual, que faz uso de formas e imagens, temos a forma não-verbal que ocorre sem a fala, a escrita, que pode ser feita por cartas, e-mails, anúncios, entre outros, e temos a comunicação verbal, onde é utilizado palavras para se expressar, ou seja, a fala.

A fala é um ato motor, usado de forma funcional pelos seres humanos a fim de expressar aquilo que se quer informar ao outro. É um sistema simples e para que a fala aconteça de maneira adequada, é necessária a integridade cognitiva, condições estruturais, organização

fonológica, planejamento e programação de fala suficientes. Com todos os sistemas supracitados trabalhando em harmonia há uma mensagem sendo transmitida e compreendida por seu interlocutor. Quando há falha em algum dos sistemas citados acima, temos o que chamamos de transtornos dos sons da fala (Santos et al.,2020).

Os transtornos dos Sons da Fala para Shriberg et al. (2010) são classificados em três tipos principais de desordens da fala, atraso de fala que são erros residuais de fala e os transtornos motores da fala, que são divididos em quatro tipos: apraxia de fala na infância (AFI), disartria infantil (DI), atraso motor de fala (AMF) e AFI e DI associadas.

A apraxia de fala infantil (AFI) é um distúrbio raro que afeta 0,1% da população, afetando a habilidade de produzir fonemas e sílabas com precisão e consistência, considerando-se aspectos articulatórios e suprasegmentais. A criança com apraxia de fala na infância muitas vezes compreende a linguagem, sabe o que quer comunicar, porém quando tenta se expressar parece não saber o que fazer, a fala se torna ininteligível, isso ocorre porque a criança a programação das estruturas articulatórias em uma sequência adequada para a produção dos sons (Oliveira; Oliveira 2023). Apresentando assim dificuldades para planejar, de maneira eficaz, a sequência de atos motores necessários para a fala, uma vez que tal tarefa exige movimentos orofaciais rápidos e precisos (Oliveira et al., 2021).

O diagnóstico de AFI é feito pelo fonoaudiólogo com treinamento em distúrbios motores da fala que está especificamente qualificado para fazer um diagnóstico diferencial e determinar um curso de ação para tratamento, ou seja, avaliar, diagnosticar e tratar esses tipos de patologias através da elaboração de um plano terapêutico individual elaborado pelo fonoaudiólogo (Fish, 2019).

Segundo Maas (2008) na literatura, o tratamento de crianças com TMF é feito associado ao tratamento intensivo, o mesmo realizado para crianças com dificuldade nos sons da fala, especificamente, os transtornos motores de fala.

A terapia fonoaudiológica para AFI vai consistir na aplicação dos princípios da Aprendizagem Motora, descritos como: tipo de feedback- feedback de Informação de Desempenho ou Informação de Resultado ;frequência de feedback- alta frequência durante a fase de pré-prática e diminuição gradual durante a fase prática; variabilidade de prática- variar parâmetros como o ritmo, a velocidade de fala, a intensidade, o timbre e o tom vocal; e o aumento da complexidade do estímulo com base no desempenho da criança (Preston, 2016).

Todavia, considerando o crescente aumento de casos de crianças com o diagnóstico de AFI, a escassez de tratamento fonoaudiólogos voltados para os transtornos motores de fala, e

as dificuldades enfrentadas por parte dos fonoaudiólogos no tratamento de casos de crianças com apraxia de fala, justifica-se um estudo que vise auxiliar esses profissionais quanto aos melhores métodos a serem utilizados.

2 OBJETIVO

Identificar os principais métodos utilizados para o tratamento de crianças com apraxia de fala através de uma revisão sistemática.

3 MÉTODOS

3.1 Tipo de Pesquisa

Refere-se a um trabalho de revisão sistemática, pois apresenta um método de estudo muito utilizado na saúde, visto que proporciona um reconhecimento das melhores informações e as sintetiza para fundamentar sugestões de mudança nas áreas de prevenção, reabilitação, tratamento e diagnóstico (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2018).

3.2 Critérios de Seleção e Localização dos Estudos

Através de um levantamento de buscas eletrônicas com os seguintes descritores: apraxia de fala na infância, terapia de linguagem, intervenção fonoaudiológica, transtornos motores de fala, distúrbios de fala e de linguagem. No levantamento dos descritores, foi utilizado o DeCS (Descritores em Ciências da Saúde).

3.3 Fonte de Estudo

A busca por artigos que integraram a pesquisa foi realizada por meio do portal BVS que abriga as seguintes bases de dados: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Outra base de dado eletrônica que utilizada foi a Scientific Electronic Library Online (SCIELO).

3.4 Avaliação e Seleção dos Estudos

Para fazer parte dessa revisão, foram selecionados somente artigos publicados entre Janeiro de 2013 á Outubro de 2023, na língua portuguesa e/ou inglesa com acesso ao texto completo, que investigassem a problemática da pesquisa, através de estudo de casos, de casos, estudo clínico, ensaio clinico controlado feito com humanos. Foram excluídos dessa pesquisa, monografias e teses, artigos publicados fora do tempo estimado, sem possível acesso ao texto completo e que tenham como o tipo de estudo a revisão sistemática, revisão integrativa, estudo de casos, relato de casos, estudo clínico, ensaio clínico controlado feito com animais. Porém, foram considerados somente os artigos que seguissem os critérios de inclusão: a) serem publicados entre Janeiro de 2013 até Outubro de 2023; b) estarem na língua portuguesa e/ou inglesa; c) terem o texto completo; d) serem estudos de casos, estudo clínico e ensaio clínico controlado feito com humanos. A seleção dos estudos foi realizada em três etapas: 1^a) os artigos foram selecionados através da leitura do titulo; 2^a) em seguida realizou-se a leitura dos resumos dos artigos; 3^a) a leitura dos resultados encontrados na pesquisa.

3.5 Organização dos Estudos

Após a escolha e análise dos artigos criou-se uma tabela no Microsoft Word 2010, contendo a quantidade de artigos encontrados em cada base de dados eletrônica, outra para o resumo da busca realizada e uma abrangendo os nomes dos autores, ano de publicação do artigo, objetivos, métodos e resultados obtidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O número de publicações encontradas, a partir das buscas realizadas nas bases de dados, com os descritores citados na metodologia, encontra-se na tabela 1.

Quadro 1. Resultado da pesquisa efetuada nas bases de dados: MEDLINE, LILACS e SCIELO.

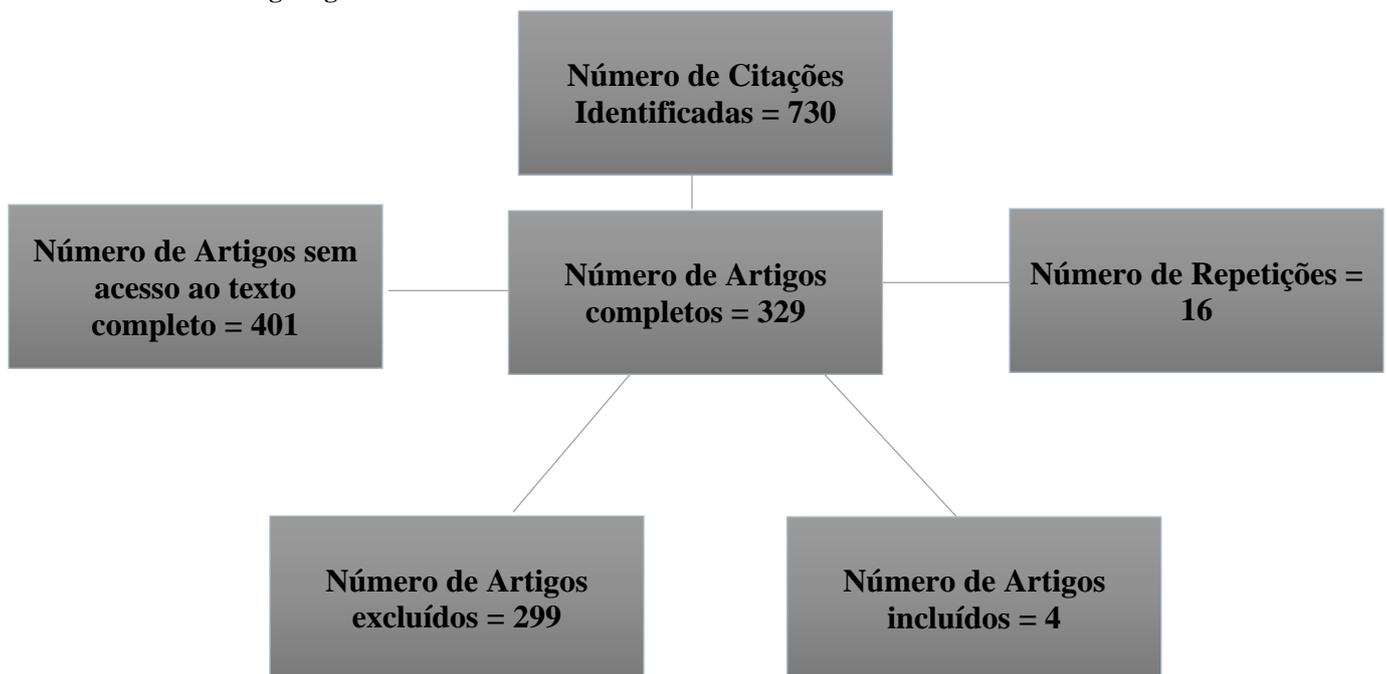
BASES DE DADOS/FERRAMENTAS DE BUSCA				
TERMOS UTILIZADOS	MEDLINE	LILACS	SCIELO	TOTAL
Apraxia de fala	31	13	4	48

na infância				
Terapia de fala	24371	1600	165	26136
Intervenção Fonoaudiológica	395	366	160	921
Transtornos Motores da Fala	306	32	5	343
Distúrbio de Fala e da Linguagem	515	209	37	761

Fonte: LIMA, 2023

Entre as 730 publicações encontradas, 329 eram artigos completos, dos quais 16 foram excluídos por serem repetidos, diminuindo o número para 313. Dos artigos que restaram somente 04 atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa, como pode ser observado na tabela 2.

Organograma. Resumo da busca realizada.



Fonte: LIMA, 2023

Dos 04 artigos encontrados para a pesquisa, um é de 2015, um de 2019, um de 2020 e um de 2022. Eles podem ser encontrados na tabela 3.

Quadro 2. Distribuições das publicações conforme autores, objetivo, método e resultados obtidos.

AUTOR/ANO	OBJETIVO	MÉTODO	RESULTADOS
(ALMEIDA- VERDU et al.,2015)	Este estudo propõe relatar o efeito do fortalecimento de relações de leitura e da transferência de controle de estímulos sobre a produção da fala de uma criança com apraxia de fala	Utilizou-se o programa Aprendendo a Ler e a Escrever em Pequenos Passos®. As atividades foram realizadas em 22 sessões, com duas sessões semanais, de 30 minutos cada.	Como resultados houve aumento na porcentagem de acertos na produção da fala do participante frente a diferentes estímulos. Os resultados corroboram os estudos anteriores sobre o favorecimento da fala por meio de relações de equivalência e dados sobre o benefício do trabalho a partir do fortalecimento da rede de leitura e escrita.
(ALVES; SALES, 2019)	Alertar acerca da população de adolescentes que podem apresentar AFI associada a suas condições clínicas, para que a intervenção nestes casos possa ser acrescida com novas técnicas e estratégias.	Trata-se de um estudo de caso realizado com um adolescente de 13 anos com diagnóstico de TEA e intervenção fonoaudiológica tardia para AFI, condição avaliada aos 11 anos. Estudo realizado com consentimento dos responsáveis.	No período do estudo (2016-2019) o sujeito apresentou aumento de vocabulário verbal, cerca de 300 palavras contextualizadas, produção de frases simples (4 a 5 elementos) e tentativas de relatos (2 a 3 ações sequenciais). O uso do PROMPT mostrou-se uma ferramenta efetiva na articulação e execução dos sons de fala, tornando possível a modelagem de fonemas e palavras, com associação ao

			<p>uso de pistas visuais (Speech EZ). Destacam-se ainda contribuições para o desenvolvimento de habilidade de Consciência Fonológica.</p>
(SILVA et al ., 2020)	<p>Apresentar a intervenção fonoaudiológica voltada à apraxia de fala em uma criança com SD.</p>	<p>O participante foi um menino com 07 anos de idade, diagnosticado com apraxia de fala associada à SD. A intervenção foi individualizada, baseada nos princípios do aprendizado motor e realizada durante 10 sessões, de 30 minutos cada. Na apresentação do caso, são abordados os dados da avaliação fonoaudiológica, os objetivos e procedimentos utilizados no planejamento terapêutico proposto.</p>	<p>Os dados coletados durante as sessões foram descritos e os efeitos da fonoterapia foram analisados. Os dados da reavaliação apontaram que os movimentos de praxias não verbais apresentaram melhores escores após a intervenção, sendo os resultados mais expressivos. Além disso, os resultados foram positivos quanto à estimulação para o desenvolvimento da fala, com os melhores resultados obtidos nos fonemas bilabiais /p, b e m/ e no fonema glotal /h/.</p>
(ESTEVES; ORTIZ, 2022)	<p>Compreender a atuação dos fonoaudiólogos brasileiros nos transtornos motores de fala infantil.</p>	<p>Foi elaborado um questionário para investigar a respeito da prática clínica fonoaudiológica e conhecimentos sobre os Transtornos Motores da Fala (TMF), onde 95 fonoaudiólogos preencheram um questionário online, desenvolvido exclusivamente para esta pesquisa. O questionário foi</p>	<p>Este estudo favoreceu a caracterização de quem são os profissionais que atuam com TMF no Brasil e mostrou que a maioria está na rede privada de saúde e tinham alguma formação dedicada à atuação desses transtornos. Os dados também são explanados com relação à dinâmica</p>

		<p>elaborado na plataforma Google Forms TM; com perguntas objetivas. O estudo caracteriza-se por ser do tipo exploratório, transversal, descritivo, quantitativo. Para a análise dos dados, após a finalização os dados dos sujeitos foram tabulados individualmente e assim passaram por tratamento estatístico e descrição quantitativa.</p>	<p>dos atendimentos, frequência e duração demonstrando que o serviço no Brasil está distante de realidades internacionais.</p>
--	--	--	--

Verificou-se que dos 04 artigos escolhidos para estarem nesta pesquisa, três deles abordam a problemática sobre métodos de intervenção a serem utilizados nos transtornos motores de fala, em específico, a apraxia de fala. Cada um desses três artigos utilizou abordagens diferentes para tratar a AFI.

Almeida-Verdu et al. (2015), adotou como abordagem os programas de “Avaliação da Rede de Leitura e Escrita” e “Aprendendo a Ler e a Escrever em Pequenos Passos” mediados pela plataforma LECH-GEIC. O programa foi utilizado inicialmente na caracterização do repertório do participante, avaliando sua elegibilidade para o programa de ensino de leitura, que foca no ensino de repertórios básicos de leitura e escrita de palavras simples, constituídas predominantemente de sílabas do tipo consoante-vogal.

Já no trabalho de Alves e Sales (2019), utilizou o Prompt como ferramenta para intervenção. Segundo a Abrapraxia, o Prompt é uma abordagem multidimensional indicada para os distúrbios de produção da fala, que abrange não apenas os aspectos físico-sensoriais do controle motor da fala, mas também os aspectos cognitivo-linguísticos e sócio-emocionais. Não é apenas uma técnica de tratamento para ensinar os sons da fala, a abordagem Prompt envolve muitos aspectos. E na pesquisa de Alves e Sales (2019), ele se mostrou um método efetivo na articulação e execução dos sons da fala, tornando possível a modelagem de fonemas e palavras, com associação ao uso de pistas visuais, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica.

Com relação à pesquisa de Silva et al. (2020), os autores se basearam nos princípios da aprendizagem motora e utilizaram pistas tátil/proprioceptivas, visuais, auditivas e metacognitivas, visando estimular a produção de fala, além de fazer uso de intervenção miofuncional para promover ajustes nas dificuldades encontradas nas configurações dos órgãos fonoarticulatórios.

Esteve e Ortiz (20220, não usaram métodos de intervenção em sua pesquisa, mas fizeram um levantamento de dados fazendo uso de um questionário para fonoaudiólogos de todo o Brasil, buscando compreender e investigar possíveis soluções que contemplam a atuação da fonoterapia para tratar os transtornos motores da fala em sua prática clínica. A pesquisa mostrou que os métodos mais utilizados pelos fonoaudiólogos na intervenção dos TMF foram prompt, multigestos e DTTC.

O objetivo desta pesquisa foi auxiliar e orientar os profissionais da área de Fonoaudiologia quanto a intervenção de crianças com transtornos motores de fala, em específico, a apraxia de fala na infância, dado ao aumento dos números de casos de crianças com esse diagnóstico, e as dúvidas recorrentes dos fonoaudiólogos quanto ao melhor método a ser utilizado e sua eficácia no tratamento dessas crianças.

Foi observado que neste estudo após a pesquisa feita com todos os descritores citados na metodologia, podemos afirmar que apenas 04 seguiram de acordo com o objetivo do mesmo, sendo que 03 deles são estudo de casos e fala de fato sobre o tipo de técnica, protocolo utilizado e o resultado obtido com eles. Um desses artigos faz um levantamento sobre os tipos de métodos usados pelos fonoaudiólogos de todo o Brasil e traz relevância para o estudo, pois mostra a variedade presente no mercado, empregada por colegas, e até então desconhecida para muitos da área da Fonoaudiologia, como Prompt, Dttc, ReST, Multigestos PAM, Dedinhos, Plus Hands, Signs.

Em comparação com os outros 03 artigos podemos notar que apenas um deles faz uso dos métodos citados acima, Alves e Sales (2019), utilizou o prompt para executar e articular os sons da fala, modelando fonemas e palavras, obtiveram sucesso no tratamento da criança, e alcançando o seu objetivo e ainda conseguindo desenvolver a habilidade de consciência fonológica. A intervenção foi realizada com um adolescente que não teve o diagnóstico fonoaudiológico específico, ou seja, os autores conseguiram um avanço importante ao utilizar o método do Prompt.

No estudo de Almeida-Verdu et al. (2015), o método utilizado foi um programa chamado “Avaliação da Rede de Leitura e Escrita” e “Aprendendo a Ler e a Escrever em

Pequenos Passos”mediados pela plataforma LECH-GEIC, a abordagem escolhida teve com o intuito o fortalecimento da rede de leitura e escrito e atingiram o seu objetivo ao melhorar a produção de fala da criança frente a diferentes estímulos. Vale ressaltar que no estudo pode-se perceber que a criança tinha compreensão da linguagem escrita, a dificuldade estava na produção da fala oral.

Já Silva et al. (2020), fizeram uso de pistas tátil/proprioceptivas, visuais, auditivas e metacognitivas para uma criança com Síndrome de Down e AFI, o método escolhido para a criança também foi assertivo pois conseguiram resultados positivos com apenas 10 sessões de 30 minutos, ao final do experimento a criança conseguia produzir os fonemas bilabiais (p/b/m) e o glotal (h).

Ao compararmos os artigos podemos verificar que ambos usaram diferentes abordagens e técnicas cada um respeitando a demanda e as dificuldades encontradas em seus participantes e todos apresentaram evolução, lembrando que terapias para crianças com AFI é um processo longo e de lenta evolução, que tem por base recursos de compensação, atividades planejadas, monitoramento, intervenção precoce e motivação (Ortiz, 2004). O método escolhido por parte dos terapeutas deve ser feito após uma avaliação detalhada, respeitando as dificuldades e as habilidades de cada criança, seja ela, sensorial , motora , memória, atenção, entre outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os artigos encontrado, podemos compreender que a intervenção fonoaudiológica é de suma importância para crianças com AFI e foi possível observar nesta pesquisa as diferentes técnicas e abordagens existentes para o tratamento da mesma, e os resultados positivos que se pode adquirir com o uso da estratégia adequada utilizada por partes dos profissionais dos estudos analisados.

Verificou-se que apesar dos achados encontrados , existe a necessidade de mais estudos publicados sobre a AFI e principalmente sobre a comprovação da eficácia de novos métodos presentes do mercado , na pesquisa foram achados poucos artigos que abordassem a problemática da pesquisa.

Evidenciando que este trabalho buscou identificar os métodos utilizados no tratamento das AFI e apresentá-los junto a sua eficácia para auxiliar fonoaudiólogos que se deparam com dificuldades no processo terapêutico de crianças que possuem transtornos motores da fala, principalmente, a apraxia de fala na infância.

REFERÊNCIAS

Maas E, Robin DA, Austermann Hula SN, Freedman SE, Wulf G, Ballard KJ, Schmidt RA. Principles of motor learning in treatment of motor speech disorders. *Am J Speech Lang Pathol.* 2008 Aug;17(3):277-98. doi: 10.1044/1058-0360(2008/025). PMID: 18663111.

PAYÃO, L. M. da C.; LAVRA-PINTO, B. de; CARVALHO, Q.; CARVALHO, Q. Características clínicas da apraxia de fala na infância: revisão de literatura. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. 24–29, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/10245>. Acesso em: 9 dez. 2023

Preston JL, Leece MC, Maas E. Intensive Treatment with Ultrasound Visual Feedback for Speech Sound Errors in Childhood Apraxia. *Front Hum Neurosci.* 2016 Aug 30;10:440. doi: 10.3389/fnhum.2016.00440. PMID: 27625603; PMCID: PMC5003919.

Shriberg LD, Fourakis M, Hall SD, Karlsson HB, Lohmeier HL, McSweeny JL, Potter NL, Scheer-Cohen AR, Strand EA, Tilkens CM, Wilson DL. Extensions to the Speech Disorders Classification System (SDCS). *Clin Linguist Phon.* 2010 Oct;24(10):795-824. doi: 10.3109/02699206.2010.503006. PMID: 20831378; PMCID: PMC2941221.

OLIVEIRA, B; OLIVEIRA AM. Tradução e adaptação cultural do manual de intervenção terapêutica Rapid Syllable Transition Treatment (ReST) para o português brasileiro. **Revista CoDAS**, vol.35, n2, e20210257, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20212021257en> . Acesso em: 9 dez. 2023.

OLIVEIRA, AM; NUNES, I; CRUZ, G. S; GURGEL, L. G. Métodos de avaliação de apraxia de fala na infância: revisão sistemática. **Audiol Commun Res.** 2021;26:e2524. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2021-2524>. Acesso em: 9 dez. 2023.

CATRINI, M; LIER-DE-VITTO, M.F. Apraxia de Fala e atraso de linguagem: a complexidade do diagnóstico e tratamento em quadros sintomáticos de crianças. **Revista CODAS**, vol 31, n5, e20180121, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192018121>. Acesso em: 8 dez 2023.

SILVA, R.S; COELHO, J.F; VASCONCELOS, M. L; DELGANO, I. C; ALVES, G. A. S. Análise da intervenção fonoaudiológica em apraxia de fala na síndrome de Down: um estudo de caso. **Distúrbios da comunicação.** Vol 32, n 4, p. 658 - 668, 2020. DOI: 10.23925/2176-2724.2020v32i4p658-668. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/48103>. Acesso em: 2 jan. 2024.

ALMEIDA-VERDU, A. C. M; GIACHETI, C. M; LUCCHESI, F.M; FREITAS, G. R; RILLODUKTA, J. C; ROVARIS, J. A; MARQUES, P.F. Apraxia e produção da fala: efeitos do fortalecimento de relações verbais. **Revista CEFAC.** vol 17, n 3, Jun 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-021620150614>. Acesso em : 2 jan 2024.

ESTEVEES, C; ORTIZ, S. R. M. Transtornos motores da fala: uma análise da atuação de fonoaudiólogos brasileiros. **Research, Society and Development**.v. 11, n. 12, e112111234165, 2022. Disponível: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34165>. Acesso em : 2 jan 2024.

ALVES, R. V; SALES, A. C. Apraxia de fala e autismo na adolescência: estudo de caso. In: **SEMAFON**, n 7, 2019, Campinas. Artigo. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas, 2019.

SANTOS, G. B; GUBIANI, M.B; NÓRO, L.A; MOTA, H. B. Atraso motor de fala não especificado: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n.10, e2249108480, 2020. Disponível: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8480>. Acesso em: 20 dez 2023.

NAVARRO, P. R.; SILVA, P. M. V. A.; BORDIN, S. M. S. Apraxia de fala na infância: para além das questões fonéticas e fonológicas. **Distúrbios da Comunicação**. v. 30, n. 3, p. 475–489, 2018. DOI: 10.23925/2176-2724.2018v30i3p-475-489. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/36071>. Acesso em: 2 jan. 2024.

SOUZA, T. U; PAYÃO, L. M. Apraxia da fala adquirida e desenvolvimental: semelhanças e diferenças. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**. vol 13, n2 , pag.193-202, 2008.

ORTIZ, K. Z. Alterações da fala: disartrias e dispraxias. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO. **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Editora Roca; 2004. p. 304-14.

GUBIANI, M.B, PAGLIARIN, K.C, KESKE-SOARES. M. Instrumentos para avaliação de apraxia de fala infantil. **Revista CoDAS**. vol 27, n 6, pag. 610-615, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20152014152>. Acesso em 2 jan 2024.

CAPÍTULO 12

OS PREJUÍZOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM CAUSADOS PELO USO EXCESSIVO DE APARELHOS ELETRÔNICOS

**Karen Amorim Costa Damasceno¹, Glésia Thayra Campos Carvalho², Thalysom
Henrique Barbosa Ferreira³**

¹Faculdade de Ensino Superior do Piauí - Faespi, (karen_amorin@hotmail.com)

²Faculdade de Ensino Superior do Piauí - Faespi, (fonoglesiathayra@gmail.com)

³Faculdade de Ensino Superior do Piauí - Faespi, (thalleshenrique.1111@gmail.com)

Resumo

Os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento das habilidades auditivas e de linguagem, pois este é o período em que ocorre o auge do processo de maturação do sistema auditivo central e da plasticidade neuronal da via auditiva. Para o desenvolvimento da linguagem é essencial a entrada da criança no mundo simbólico, para que assim, ela possa atingir os níveis de maior complexidade na linguagem. O presente artigo tem como objetivo relacionar o atraso de linguagem e o uso de aparelhos eletrônicos. O artigo trata-se de uma revisão bibliográfica, do tipo exploratória e explicativa, realizado com 14 artigos. Foram aceitos e incluídos os artigos segundo seus títulos e resumos, que estivessem dentro do prazo de 10 anos após a publicação e que incluíam as palavras telefone-celular, atraso fala e linguagem. Como resultado certificou-se que a atual geração de crianças, por nascer conectadas digitalmente, possui necessidade imediata de construção de habilidades emocionais, sociais e linguísticas para o uso adequado dos meios digitais. A tecnologia está presente na vida dessas crianças e elas têm necessidade de estar conectadas. Com isso, conclui-se que há relação entre o desenvolvimento da linguagem e o uso de dispositivos eletrônicos e que nesta relação existem pontos positivos e negativos. Sentiu-se também a necessidade de estudos do tipo quantitativo para maior evidência da relação destes dois fatores.

Palavras-chave: Telefone celular; Atraso fala; Linguagem.

Área temática: Linguagem.

E-mail do autor principal: karen_amorin@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento das habilidades auditivas e de linguagem, pois este é o período em que ocorre o auge do processo de maturação do sistema auditivo central e da plasticidade neuronal da via auditiva (SOBREIRA et al., 2015).

Para Piaget o desenvolvimento infantil se subdivide em estágios que começa pelo sensorio- motor (até aproximadamente 2 anos); inteligência simbólica ou pré-operatória (2 a 7-8 anos); estágio da inteligência operatória concreta (7-8 a 11-12 anos); e estágio da

inteligência formal (a partir, aproximadamente, dos 12 anos). No qual o período sensório-motor é o mais importante para o desenvolvimento cognitivo (CAVICCHIA, 2020).

Para o desenvolvimento da linguagem é essencial a entrada da criança no mundo simbólico, para que assim, ela possa atingir os níveis de maior complexidade na linguagem (SOBREIRA et al., 2015). Ainda segundo o autor, a função simbólica consiste na capacidade de representar o mundo vivido e é composta pela linguagem, brincadeira simbólica, imitação, resolução de problemas por combinação mental de ações e as imagens mentais.

Os primeiros 1.000 dias de vida compreendem desde o momento da concepção do indivíduo até os dois anos de idade da criança. Esse período é contabilizado desde o início da gestação até os seus dois anos de idade. Esse período é crucial para o crescimento e desenvolvimento infantil, pois se trata de um período que denominamos de ‘janela de oportunidades’, no qual é possível adotar hábitos e atitudes que irão influenciar o futuro do bebê. Assim, a epigenética corrobora que os efeitos do ambiente tais como alimentação, estresse, atividade física, exposição ao fumo e álcool, uso de telas, entre outros hábitos e atitudes, neste período, irão causar um impacto nos indicadores de saúde e doença em curto e longo prazo (PANTANO, 2018).

Rosa e Souza (2021) citados por Passos (2021) relatam que a dependência digital da geração online causou mudanças significativas no processo cognitivo das crianças e adolescentes. Tais modificações afetam, em primeira instância, a capacidade de concentração, porque a internet retira com facilidade a atenção. Como resultado temos a desatenção e a dificuldade de pensar e concentrar. Este comprometimento também influencia nos comportamentos e atitudes dos indivíduos, pois esta é uma geração que usa mais seu tempo em atividades online que presencialmente, tais comportamentos afetam diretamente o desenvolvimento cognitivo e de linguagem da criança.

Segundo Bettio, Bazon e Schmidt (2019) o desenvolvimento de linguagem oral adequado na infância é fundamental para obtenção de outras habilidades como, por exemplo, socialização, leitura e escrita. Quando ocorre atraso nesse processo tem se uma preocupação dos profissionais da saúde e da educação, pois quando não há o desenvolvimento adequado pode ocorrer dificuldade de aprendizagem posteriormente.

O desenvolvimento adequado da linguagem depende de vários fatores, dentre eles está a integridade dos órgãos fonoarticulatórios, maturação do sistema nervoso central e aspectos socioemocionais (WILLIAMS et. al., 2021).

De acordo com Lin, et.al., (2021) as causas etiológicas do atraso de linguagem são desconhecidas, pois é considerado que existem condições multifatoriais que envolvem fatores biológicos e ambientais, o que tem chamado atenção para que esse aumento de prevalência ocorreu em consonância ao uso cada vez mais precoce de dispositivos eletrônicos. A acessibilidade e conveniência dos dispositivos móveis tecnológicos torna-se excessivo às crianças, especialmente por serem de fácil manuseio e pela forma intuitiva de utilizá-los.

O uso em demasia das telas é considerado um fator de risco para o atraso do desenvolvimento da linguagem, bem como para transtornos comportamentais, transtornos alimentares, transtornos psiquiátricos, transtornos do sono, problemas auditivos, entre outros (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019). Entretanto, as tecnologias sendo usadas de forma correta e com supervisão podem ajudar na estimulação global da criança.

A partir dos achados bibliográficos que discorrem sobre o desenvolvimento infantil, o presente artigo tem como objetivo relacionar o atraso de linguagem e o uso de aparelhos eletrônicos.

2 MÉTODO

Foi realizada uma revisão integrativa e não sistemática da literatura com o objetivo de analisar e sintetizar as informações presentes nas publicações científicas a respeito da relação entre o uso de aparelhos eletrônicos e o atraso de fala e linguagem. As bases de dados utilizadas para esta pesquisa foram Sites, Livros, Scielo, Pubmed, LILACS, Medline e Google Acadêmico.

As buscas incluíram as palavras “telefone celular”, “atraso fala” e “linguagem” como termos indexadores. Foram incluídas apenas pesquisas que tinham ligação com a temática deste artigo, no qual publicados em língua portuguesa ou inglesa nos últimos 10 anos, os estudos foram pré-selecionados pelos títulos e seus resumos, sendo, em seguida, realizada a leitura, na íntegra, dos artigos mais relevantes para a realização da revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos analisados foram publicados em periódicos nacionais. Foram selecionados 67 estudos. O mais recente foi publicado no ano de 2023 e o mais antigo no ano de 2015. Dos 67 estudos, foram selecionados 14, descritos na Tabela 1, apresentaram maior relevância para este estudo e denotam uma síntese dos principais referenciais teóricos obtidos nesta busca

bibliográfica. Esses trabalhos foram selecionados de acordo com título, ano de publicação, resumo e palavras chaves.

Tabela 1. Quadro síntese de acordo com o título da obra, ano de publicação, resumo e palavras-chave.

TÍTULO DA OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO	RESUMO	PALAVRAS-CHAVE
Alpha, a geração hiperconectada e a educação emocional	2021	A denominada Geração Alpha é constituída por todos os cidadãos nascidos a partir do ano de 2010. Estudos afirmam que esta geração é a primeira 100% tecnológica e hiperconectada, no entanto, apesar de todas as tecnologias ofertadas, a mesma carece de habilidades socioemocionais. Nesse sentido, o papel da educação socioemocional visa desenvolver competências e habilidades que promovam pessoas aptas e confiantes para lidar com frustrações, temores e aflições. Como resultados obteve-se que essa geração referida necessita de uma educação plena e humanizadora, que preze pela educação integral. Para isso, viu-se a necessidade de educar emocionalmente, buscando formar o ser de maneira integral.	Geração Alpha, Hiperconexão, Habilidades, Socioemocionais.
Entre atrações, brincadeiras e limite ao acesso: reflexões sobre as telas na primeira infância.	2023	O acesso às telas pelo público infantil tem crescido a partir das transformações tecnológicas da sociedade. Dessa forma, a presente pesquisa tem por objetivo compreender os sentidos atribuídos pelas mães/pais e responsáveis acerca da presença de telas na primeira infância potencializadas a partir do contexto pandêmico.	Telas; Tecnologias, Infância; Mães e pais responsáveis.
Mídias digitais e atraso de fala: uma nova visão acerca da era digital	2021	O avanço da tecnologia tem provocado profundas mudanças na sociedade e as crianças têm contato cada vez mais cedo, são os chamados “nativos digitais”. O Objetivo central do trabalho foi analisar a influência negativa no desenvolvimento de fala da criança exposta precoce e excessivamente às mídias digitais, tendo como parâmetro o modelo de desenvolvimento de fala abordados pela literatura.	Atraso de fala, Mídias digitais, Tecnologia.
Uso abusivo de telas na infância e suas consequências	2023	A tecnologia cada vez mais está se tornando mais presente e indispensável no dia a dia de todos ao redor do mundo. De acordo Rosa PMF e Souza CHM (2021), este uso intenso dos meios tecnológicos vem se intensificando desde o século XX. Objetivo: Avaliar as consequências do uso abusivo de telas	Tempo de tela, Televisão, Computador, Smartphone, Criança.

		por crianças de até 6 anos.	
A influência do uso de smartphones na aquisição da linguagem: artigo de revisão.	2021	Nas últimas décadas tem se observado um aumento significativo no número de casos de atraso no desenvolvimento da linguagem e da fala, cujas causas ainda não são totalmente conhecidas. Coincidentemente, uma das principais alterações ambientais ocorridas neste período foi a maciça introdução de aparelhos de telefonia móvel (os smartphones) em nossa sociedade. O objetivo deste artigo é revisar a literatura atual explorando a hipótese de que o uso precoce e excessivo destes aparelhos pelas crianças e, extensivamente por seus pais e cuidadores pode estar associado a este atraso no neurodesenvolvimento	Telefones Celulares, Fala, Linguagem.
A influência das mídias sociais no consumo alimentar infantil	2022	Os padrões e hábitos alimentares vem mudando nos últimos anos devido a vários fatores, principalmente às inúmeras atribuições que o mundo globalizado exige. Este estudo teve como objetivo identificar a influência das mídias sociais e tecnologias digitais sobre a formação do comportamento alimentar e a saúde infanto-juvenil.	Consumo alimentar infantil, Obesidade infantil, Mídias Sociais, Comunicação digital, Gerações digitais.
Desenvolvimento de fala e linguagem na deficiência auditiva: relato de dois casos	2015	O objetivo é monitorar o desenvolvimento de fala e linguagem de duas crianças deficientes auditivas, utilizando os protocolos da Lista de Avaliação de Vocabulário Expressivo e Maturidade Simbólica, sendo uma criança do sexo masculino, três anos de idade, perda auditiva neurossensorial moderada na orelha esquerda e profunda na orelha direita, usuária de prótese auditiva bilateral e a outra do sexo feminino, ambas atendidas no ambulatório de audiologia educacional da Universidade Federal de São Paulo, na abordagem auricular.	Perda Auditiva, Surdez, Criança, Fala, Audição.
Apresentação – a educação é um território de responsabilidades.	2022	As redes sociais, os canais midiáticos e diversas outras tecnologias aproximam, distraem e acompanham os cotidianos de muitas pessoas nos dias de hoje. Possibilidades de entretenimento, formação e capacitação por meio de diferentes mídias é uma das características do modo de estar no mundo contemporâneo.	•
Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância	2019	O uso de mídias por crianças na primeira infância está cada vez mais habitual, o que torna necessário investigar os fatores determinantes para o tempo de tela, entendido como o tempo total pelo qual a criança permanece exposta a todas as telas, incluindo televisão e mídias interativas. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e exploratório, realizado com 180 crianças, entre 24 a 42 meses de idade,	Mídia audiovisual, Aplicativos móveis, Televisão, Tempo de exposição, Desenvolvimento infantil.

		alocadas em: Grupo 1, exposição à tela inferior a duas horas/dia; Grupo 2, exposição à tela igual/superior a duas horas/dia.	
A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?	2015	O presente trabalho tem a finalidade de discutir as influências causadas pela tecnologia na vida da criança. A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica e de cunho comparativo. Diante da realidade, objetiva-se analisar as consequências do uso indiscriminado da tecnologia na infância. Nesse sentido, os objetivos específicos a partir do aporte teórico são: identificar a influência da tecnologia no relacionamento da criança como o meio social e analisar a influência da tecnologia no aprendizado da criança.	Tecnologia, Influência, Infância, Crianças e aparelhos eletrônicos.
Primeiros 1.000 dias de vida.	2018	Os primeiros 1.000 dias de vida compreendem desde o momento da concepção do indivíduo até os dois anos de idade da criança. São 270 dias da gestação, mais 365 dias do primeiro ano de vida somados aos 365 dias do segundo ano.	-
Fatores de risco e de proteção para atrasos no desenvolvimento da linguagem.	2017	O objetivo deste trabalho foi elencar fatores de risco e de proteção que, segundo a literatura nacional e internacional, estão associados com atrasos no desenvolvimento da linguagem oral de crianças. A maioria dos trabalhos identificou fatores de risco estáticos, os quais são principalmente variáveis biológicas, ou da história de vida da criança.	Fatores de risco; fatores de proteção, Desenvolvimento da linguagem.
Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital	2019	A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) produziu em 2016 o primeiro documento sobre Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital a respeito das demandas das tecnologias da informação e comunicação (TICs), redes sociais e Internet, com recomendações para pediatras, pais e educadores na era digital, que teve impacto positivo em múltiplas palestras, eventos e entrevistas nas mídias.	-
Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil, populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia.	2021	Pandemia é um termo que designa uma tendência epidemiológica. Indica que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda parte. Este livro é o resultado das atividades e produtos gerados no eixo Impactos Sociais da Pandemia e seus quatro subgrupos de trabalho: Ética e Bioética; Saúde Indígena; Covid-19 nas Favelas; Gênero e Covid-19.	-

A primeira infância é o período que compreende do nascimento aos seis anos de idade, sendo considerada uma fase crucial para o desenvolvimento cognitivo, educacional, físico, sensorial e comportamental do indivíduo.

Nunes et al, (2018), Tancredi et al, 2022, Lima, 2011 citado por Alexandre, 2021 afirmam que o processo de desenvolvimento da linguagem é dividido em duas fases: o período pré-linguístico e o período linguístico. O período pré-linguístico ocorre durante primeiro ano de vida qual é caracterizado pelo aparecimento da intenção comunicativa, com o início das vocalizações e pela capacidade de discriminação de sons ambientais. Já o período linguístico inicia quando a criança verbaliza as primeiras palavras no qual esta transformação está relacionada com o desenvolvimento de domínios como a forma de falar e o conteúdo selecionado para falar sobre que vai evoluindo durante toda a vida.

De acordo com Guenther (2026) durante o desenvolvimento infantil as áreas específicas do cérebro estão em constante processo de maturação para processar e produzir sons, palavras e estruturas gramaticais, em que desempenham um papel fundamental na expressão e compreensão da linguagem oral e gestual. No entanto, fatores ambientais, como a exposição à linguagem e a interação com os pais e cuidadores, desempenham um papel crucial no desenvolvimento saudável da fala, contribuindo para a formação de conexões neurais especializadas que facilitam a aquisição das habilidades linguísticas.

Para Nunes (2023) a neurociência relata que o cérebro da criança pequena tem uma grande plasticidade, ou seja, está sempre aprendendo e é sensível a modificações e em particular nos primeiros 1.000 dias, desde a concepção até os dois anos de idade. Nesse período, o desenvolvimento cerebral ocorre em uma velocidade incrível: as células cerebrais podem fazer até um milhão de novas conexões neuronais a cada segundo, uma velocidade única na vida. Essas conexões formam a base das estruturas que dão sustentação à aprendizagem ao longo da vida.

Alexandre et al., (2020) discorre que na área de neurociência a linguagem é um dos exemplos clássicos de um período “crítico” ou “sensível” para o desenvolvimento. Estudos referem-se a diferentes janelas temporais para o aprendizado dos diferentes níveis de linguagem. Em relação a aprendizagem da fonologia seria entre o nascimento e o final do primeiro ano de vida, enquanto para o desenvolvimento sintático seria entre 18 e 36 meses de idade, já para o vocabulário haveria um marco importante de aumento lexical aos 18 meses de idade, porém vale ressaltar que a aquisição ocorre durante toda a vida. A exposição à linguagem no primeiro ano de vida influencia no desenvolvimento do cérebro ainda no período pré-verbal e o desenvolvimento do vocabulário durante os primeiros anos de vida está associado ao sucesso acadêmico posterior. A extensão do vocabulário oral aos 24 meses de idade pode predizer o desempenho acadêmico (leitura e matemática), na idade pré-escolar.

As habilidades cognitivas não são determinadas apenas por fatores congênitos, pois se relacionam às práticas e vivências no contexto cultural e social em que o indivíduo se desenvolve. Seu histórico (pré, peri e pós-natal), os estímulos recebidos, sua capacidade orgânico-funcional e o ambiente, são fatores cruciais no processo de desenvolvimento cognitivo e de comunicação.

A sociedade é formada por uma mistura de gerações as quais se destacam: Baby boomers (nascidos entre os anos de 1946 a 1964), Geração X (entre 1965 e 1976), Geração Y (entre 1977 e 1994), Geração Z (entre 1995 e 2009) e a mais atual Geração Alpha (entre 2010 e 2025) (MARTINS e FARINAZZI-MACHADO, 2022).

Considerando as gerações mais atuais, a geração Z representa nascidos na era digital, manifestados por facilidade e agilidade com qualquer equipamento eletrônico e tecnológico, enquanto a geração sucessora, Geração Alpha, conhecidos como “nativos digitais”, apresentam-se de pensamentos e habilidades mais aceleradas, estimulados por jogos, vídeos, redes sociais, aplicativos, entre outras tecnologias (ZANBELLO et al., 2021).

A geração Alpha demonstra-se muito apta ao uso e domínio da tecnologia que o mundo atual nos dispõe. Isto ficou ainda mais evidente, depois do grande acontecimento global (COVID-19), onde se espalhou a contaminação de uma doença associada ao SARS-CoV-2, sendo considerada uma pandemia (FIOCRUZ, 2021).

Nesse contexto, as crianças sem dúvidas foram muito afetadas uma vez que passaram a ter pouco ou nenhum contato com seus semelhantes (FIOCRUZ, 2021).

Considerando as medidas de prevenção estabelecidas durante a pandemia, os meios de diversão, principalmente de crianças, ficaram muito reduzidos, restando apenas poucos recursos e que, em sua maioria, eram dispositivos eletrônicos, já que estes proporcionam entretenimento e conformação em estar preso dentro de casa.

Um estudo publicado pela Fiocruz (2021) mostrou que as crianças fizeram uso de tela digital na pandemia durante todos os dias e com média de uso diário por mais de 3 horas. Nesta mesma publicação da revista (FIOCRUZ, 2021) diz como os achados são preocupantes, pois a literatura evidencia que o uso da tecnologia parece afetar funções cerebrais, como percepção visual, linguagem e cognição.

O brincar se manifesta de maneira natural, faz parte da natureza das crianças, elas definem, decidem, conversam, interagem e interpretam as visões dos seus contextos sociais, embora o brincar das crianças de hoje seja diferente do brincar de anos atrás, pois consideramos a infância geracional, e é claro que as mudanças sociais reconfiguram as

infâncias, por isso, as crianças, influenciadas pelo contexto social atual, possuem diferentes formas para se expressarem, seja na brincadeira presencial ou por meio dos recursos tecnológicos. Este contexto atual tem, como uma das ferramentas principais, recursos tecnológicos tem se evidenciado ainda mais depois que ocorreu a pandemia de covid-19, pois já não era mais possível desenvolver interação social devido ao confinamento como medida de prevenção.

Ramos e Abigail (2021) falam sobre que a exposição excessiva às telas pode ocasionar atrasos no desenvolvimento da fala, na cognição e nas relações sociais das crianças e ainda mencionam que os atrasos no desenvolvimento de fala e linguagem de bebês que ficam expostos passivamente às telas por longos períodos é mais frequente.

Barbosa et al, (2020) explicam que o processo de interação ou socialização é muito relevante para a construção social em diversos espaços da sociedade, é por meio dele que os sujeitos interagem e se compõem por meio da comunicação e ao mesmo tempo constroem os espaços sociais. Mas sem essa interação, a capacidade de desenvolver as habilidades que contribuem para a fala e linguagem, ficam reduzidas e tudo isso se dá ao tempo de tela maximizado, causando uma diminuição no tempo de socialização como também no próprio interesse da criança.

A autora Alves, M. A. D. (2017) defende que é nítida a relevância que as relações sociais têm para as crianças e quão importante são, justificando que é a partir destas relações que elas estabelecem sua compreensão de mundo social, e que por isso se fazem tão importantes. Ainda acrescenta que, constantemente, ao estar em sociedade, compreende as ações dos outros, cria novas relações, além das que já existem e que sem estes ambientes, as habilidades agora citadas, não são possíveis de serem desenvolvidas e que estas são importantes para o desenvolvimento saudável de qualquer ser humano.

Os autores Nascimento, Rodrigues e Pinheiro (2013) afirmam que a linguagem é tão natural ao ser humano que temos a impressão de já nascer dominando a habilidade de comunicação oral, mas que apesar da convicção, é necessário que o indivíduo esteja inserido em meios de interações sociais, pois é um dos fatores, dentre outros, de maior relevância para se aprender a falar.

Com isso, vê-se a necessidade que o indivíduo, ainda em sua primeira infância, tem de socializar com outros que já possuem outras e mais complexas habilidades desenvolvidas, pois a partir das trocas durante a socialização que pessoas aprendem novas habilidades por imitação, que por vez, só acontece durante essas interações.

Entender a criança implica em reconhecê-la como um ator social, com autonomia para participar ativamente do seu mundo social. A criança e a infância nos fazem pensar nas culturas infantis, sendo um termo plural e polissêmico. As culturas infantis se configuram como as ações que são produzidas pelas crianças nos seus momentos de interações sociais, e “para além da brincadeira, existem outras formas de manifestação das culturas infantis que se produzem de acordo com os contextos de inserção das crianças, sobretudo, da relação destas com os limites, as possibilidades e os referentes culturais que oferecem estes contextos” (ARENHART, 2016, p. 12).

As telas anteriormente restritas à televisão avançaram para dispositivos móveis e portáteis (NOBRE et al, 2021).

Sousa e Carvalho (2023) e Lin et al. (2021), justificam a diminuição da interação social e o atraso da linguagem oral ao tempo de uso em excesso das telas, principalmente, sem a expectativa de um adulto. Quanto ao uso dos dispositivos, durante as refeições e sob a demanda da criança foram os que mais prevaleceram.

O tempo de tela, compreendido pelo tempo total que a criança fica exposta às telas, tem aumentado. No estudo de (NOBRE et al, 2021), 63,3% das crianças usam o tempo de tela superior a 2 horas/dia, sendo a TV a mídia mais utilizada, seguida de smartphone e tablet. Concordando com (CUNHA e NASCIMENTO, 2023) que apresentou o tempo de acesso de 26,4% (1-2 horas/dia) e 25,6% (2-3 horas/dia), tendo como percentual 86,8% o uso de televisão e 73,6% o uso do celular, seguido do tablet com 16,4%, contrariando as indicações da Sociedade Brasileira de Pediatria.

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), crianças menores de 2 anos de idade não devem ser expostas a telas, crianças entre 2 e 5 anos devem ter o tempo de tela limitado a, no máximo, 1hora/dia, com supervisão de pais/cuidadores/responsáveis, crianças entre 6 e 10 anos devem utilizar telas de 1-2 horas/dia, enquanto crianças maiores e adolescentes, entre 11 e 18 anos, não devem ultrapassar o tempo limite de 3 horas de tela por dia, incluindo o uso de videogames.

Nobre et al., (2021) afirma que a fase da primeira infância deve ser oportuna para brincadeiras livres dispondo de brinquedos e materiais estimuladores, bem como liberdade de movimento e vínculo afetivo saudável.

A partir da revolução industrial os familiares saíram para trabalhar fora do ambiente doméstico, externalizando a educação dos seus filhos. Com o passar dos anos a sociedade e a infraestrutura das cidades modernas não permitem às crianças explorarem o ambiente

interagindo de forma livre, com brincadeiras de rua, de forma espontânea (ZANBELLO et al., 2021).

Paiva e Costa, (2015) relatam que brincadeiras como pega-pega, brincadeira de rodas, esconde-esconde, jogos com bolas, atividades que envolvem movimentos com o corpo foram substituídas por estímulos condicionados, como jogos eletrônicos, videogames, entre outros, comprometendo a saúde física e psicológica da criança.

No momento presente, são as telas/ecrãs que educam, tirando a possibilidade de interação entre familiares e amigos.

O site da Sociedade Brasileira de Pediatria e Nobret et al., (2021) afirmam que o uso excessivo de telas pode causar alterações no sono, reduzir o tempo de interação social e familiar, sedentarismo, transtornos de saúde mental (depressão, ansiedade e irritabilidade) problemas comportamentais, favorecer a exposição a conteúdos impróprios, dependência digital, transtornos alimentares (sobrepeso, obesidade, anorexia, bulimia), problemas auditivos e perda auditiva induzida pelo ruído, problemas de visão (miopia e síndrome da visão do computador).

Quando se fala em sistema sensorial do corpo humano, a visão é o sistema mais complexo. A sua maturação continua ocorrendo até o oitavo e décimo ano de vida aproximadamente, e têm como os cinco primeiros anos os mais importantes.

Bozza (2016) afirma que o tempo de tela foi associado à diminuição do período total de sono, início prolongado do sono e atraso na hora de dormir. Os distúrbios do sono foram associados a deficiências neurológicas, cognitivas e psicossociais, bem como a um aumento na sobrecarga dos cuidadores. Pois ao acordar, as crianças podem apresentar um aumento da sonolência diurna, problemas de memória e concentração durante a fase de aprendizado, o que consequentemente diminui o rendimento escolar associando aos transtornos de déficit de atenção, hiperatividade e transtornos ligados à ansiedade.

Com toda via é importante destacar que a tecnologia quando usada de forma correta pode trazer vantagens para as crianças. Souza (2019, p. 198) descreve que “nas brincadeiras desenvolvidas na atualidade, a exemplo, os jogos que promovem a simulação ou a realidade aumentada, podemos dizer que a imaginação é potencializada e, muitas vezes, colocada em prática, ao proporcionar à criança uma imersão plena no contexto da brincadeira”.

Ao mergulharem em um mundo virtual, as crianças podem ser o que quiserem: um personagem que elas gostam, piloto de corrida, super-heróis, princesas, e vários outros. Os jogos virtuais envolvem situações em que a imaginação é aguçada, à medida que estão

inseridos em diversos cenários. Isso possibilita a criação, recriação e aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento. De acordo com Souza (2019):

[...] as crianças precisam tanto das experiências que acontecem nos ambientes digitais quanto dos brinquedos e espaços criados para as práticas lúdicas presenciais. Portanto, não se trata de oferecer uma experiência ou outra, e sim que, a depender dos seus 31 interesses, elas possam ter as duas possibilidades – o digital e o analógico (SOUZA, 2019, p. 225).

O desenvolvimento e a evolução das tecnologias entre os diversos grupos sociais – e as informações contidas nesse processo – foram e são essenciais para a transformação da cultura. No cenário atual, diferentes grupos, incluindo as crianças mais novas, estão em contato direto com os diversos recursos tecnológicos, em que a produção cultural, facilitada pelo acesso aos dispositivos móveis, ganhou e ganha novos contornos, ampliando ainda mais as linguagens, a comunicação, o lazer e as vivências (SOUSA, Joseilda Sampaio., 2019, P. 138)

É evidente que o acesso à tecnologia que a geração alpha tem a sua disposição, sobretudo dispositivos móveis como tablets e smartphones, proporcionam um mundo de imaginação e de estímulos muito mais ricos do que apenas o simbolismo natural pode nos oferecer, além de aumentar o seu acervo de comunicação e linguagens. Tal fator de peso, contribui positivamente para um cérebro mais estimulado e, por tanto, um cognitivo mais desenvolvido, mais ágil e raciocínios mais aprofundados. Mas como todo benefício, em excesso pode trazer também sérios prejuízos que vão se desenvolvendo e acumulando a longo prazo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual geração de crianças, por nascer conectadas digitalmente, possui necessidade imediata de construção de habilidades emocionais, sociais e linguísticas para o uso adequado dos meios digitais. A tecnologia está presente na vida dessas crianças e elas têm necessidade de estar conectadas.

O uso de tecnologias de forma demasiada traz grandes prejuízos para o desenvolvimento infantil, principalmente, nos dois primeiros anos de vida. Podemos citar, por exemplo, o atraso de linguagem, distúrbios alimentares, do sono, possíveis alterações visuais e muitos outros.

Embora conhecimento prévio aponte desvantagens no uso de telas na infância, é certo que a temática não está totalmente elucidada, pois em determinadas situações a tecnologia pode ser uma aliada ao desenvolvimento infantil como, por exemplo, no uso para desenvolver mecanismos que envolvam a Comunicação Alternativa Aumentativa.

Porém é de suma importância destacar que o uso inadequado e sem supervisão dos meios tecnológicos podem gerar prejuízos inimagináveis no processo de desenvolvimento global de uma criança. Desta forma, é importante seguir diretrizes de instituições e profissionais que estimulem e protejam as crianças de forma adequada.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Mônica Alexandra Dias. **A importância das interações sociais no desenvolvimento das competências sociais**. Instituto Superior De Educação e Ciências. ISEC Lisboa. Maio de 2017
- BARBOSA, A. M. et al.; **Os impactos da pandemia COVID-19 na vida das pessoas com transtorno do espectro autista**. Revista da SJRJ, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, mar./jun. 2020, p. 91-105
- BETTIO, C. D. B.; BAZON, R. B., SCHMIDT, A.; **Fatores de risco e de proteção para atrasos no desenvolvimento da linguagem**. Psicol. estud., v. 24, e41889, 2019.
- CARVALHO, J. N. M. et al. **A sociologia da infância: Possibilidade/s de voz e ação da criança e sua/s infância(s)**. 1ª edição. Campo Grande - MS: Editora UFMS, 2022.
- CAVICCHIA, DURLEI DE CARVALHO. **O Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida**. Psicologia do desenvolvimento 2020.
- CUNHA, C. M.; NASCIMENTO, D.H. G.; **Entre atrações, brincadeiras e limite ao acesso: reflexões sobre as telas na primeira infância**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.
- LIN et al., **A influência do uso de smartphones na aquisição da linguagem: artigo de revisão**. Bol Curso Med UFSC 2021.
- MARTINS, A. M. .; FARINAZZI-MACHADO , F. M. V.; **The Influence of social media on child food consumption. Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 14, p. e592111436935, 2022.
- MORETTI, C. Z.; DARSIE, C.; **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 3, p. 171-184, set./dez. 2022.
- NOBRE, J. N. P. et al. **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância**. Ciência & Saúde Coletiva, 26(3):1127-1136, Minas Gerais, Mar. 2021.
- PANTANO, Mariana. **Primeiros 1.000 dias de vida**. Rev Assoc Paul Cir Dent 2018;72(3):490-94.
- PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S.; **A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?** Psicologia. pt, v. 1, p. 1-13, Teresina, 2015.
- SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A.; **Crianças com Síndrome de Down e suas Interações Familiares**. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 15(2), 155-165. São Paulo, SP, maio-ago. 2013. 161 ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (on-line).

SOBREIRA A. C. O., CAPO, B. M., SANTOS, T. S., Gil, D. **DESENVOLVIMENTO DE FALA E LINGUAGEM NA DEFICIÊNCIA AUDITIVA: RELATO DE DOIS CASOS.** Rev. CEFAC. Jan-Fev 2015; 17(1):308-317

SOUSA L. L.; CARVALHO J. B. M. de. **Uso abusivo de telas na infância e suas consequências.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 23, n. 2, p. e11594, 10 fev. 2023.

WILLIAMS et. al., **Mídias digitais e atraso de fala: uma nova visão acerca da era digital** Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.7, p. 73835-73850 jul. 2021.

ZANBELLO, B. L. et al. **Alpha, a Geração Hiperconectada e a Educação Emocional.** Saber e Educar, [S. l.], v. 30, n. 1, 2021.

MATTA, G. C. et al.; **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia.** Ministério da Saúde FIOCRUZ. 2021.

CAPÍTULO 13

PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO E O PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL (PAC) EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGEM (TDL)- ESTUDO DE REVISÃO

Raniele Santana Andrade de Oliveira

Fatepi/Faespi (rannysan@gmail.com)

Resumo:

O objetivo deste estudo é verificar investigar a provável relação entre o Transtorno do Processamento Auditivo Central (PAC) em crianças com Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL); verificar os achados dos testes do PAC nos pacientes com TDL; verificar os processamentos linguísticos e quais combinações de traços nas crianças com TDL pode se apresentar alterados de acordo com as habilidades auditivas defasadas. Trata-se de estudo exploratório por meio de revisão de literatura do tipo qualitativa revisão sistemática da literatura, baseada em recomendações nacionais e internacional, que buscará responder à seguinte pergunta: “Qual a relação entre o TDL e alterações do processamento linguístico e auditivo?”. A pesquisa bibliográfica utilizará como bases de dados: Pubmed e Web of Science, no período de outubro e janeiro de 2023. Serão utilizados descritores do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e termos. Os autores de um estudo demonstraram que a maioria das pesquisas já realizadas e publicadas nas bases de dados Pubmed e Web of Science revelou que existe associação entre alterações de processamento auditivo e alterações de linguagem. Observaram que crianças com prejuízos no desenvolvimento linguístico apresentaram desempenho inferior nos testes auditivos, quando comparadas àquelas com desenvolvimento típico. Verificou-se através da seguinte pesquisa que de que pode existe correlação entre o processamento linguístico, o TPAC e o TDL, justificando-se assim realização dessa revisão, pois, foi possível definir que existe relação entre ambos e este trabalho permitirá a buscar por diagnósticos associados e na elaboração de processos terapêuticos mais eficazes na área da linguagem ao envolver a estimulação do PAC e TDL.

Palavras-chave: Linguagem; Processamento Auditivo, Transtorno.

Área Temática: Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem- TDL e o Processamento da Informação a Nível Central.

E-mail do autor principal: rannysan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a literatura, o transtorno do desenvolvimento da linguagem (TDL) é caracterizado por importantes prejuízos, que se configuram como atrasos e alterações persistentes na aquisição da linguagem, na ausência de patologia que desencadeie tal atraso ou alteração, este por si só pode apresentar grande variabilidade nas manifestações clínicas,

estando na dependência do grau de gravidade do caso, e pode ser modificado durante o desenvolvimento.

Para que ocorra um desenvolvimento adequado de fala e linguagem faz-se necessário que ocorra uma integração dos sistemas motor, sensorial e auditivo, e diante de qualquer falha ocorrida em um destes sistemas pode trazer danos(e alterações no Processamento Auditivo Central - PAC podem estar associadas a dificuldades de linguagem, aprendizado e funções comunicativas, e executivas, levando em consideração que o desenvolvimento auditivo dentro dos padrões de normalidade é essencial para o desenvolvimento de linguagem, ambos depende um do outro (STÜLP, Camille 2019).

As experiências auditivas têm um papel importante na capacidade de comunicação e, por sua vez, na compreensão e a na socialização. Nesse contexto, o processamento auditivo central (PAC) é a eficiência e a efetividade com que o sistema nervoso central utiliza a informação auditiva. Diante de alguma intercorrência no processo maturacional, dificuldades podem ser observadas em algumas habilidades auditivas principalmente quando a criança se encontra em idade escolar configurando um Transtorno do Processamento Auditivo (Central) [TPAC)]. Dessa forma, o convívio com outras crianças ou adultos proporciona a observação do impacto nas situações comunicativas, na socialização, bem como, em outros aspectos necessários à aprendizagem como a cognição.

A principal hipótese deste trabalho é de que pode existir correlação entre o processamento auditivo e/ou linguístico, o TPAC e o TDL, justificando-se assim a realização do mesmo, pois, caso exista esta relação este trabalho permitirá a elaboração de estratégias terapêuticas mais eficazes na área da linguagem ao envolver a estimulação do PAC.

De acordo com as premissas apresentadas este trabalho tem como objetivos: investigar a provável relação entre o processamento linguístico, PAC em crianças com TDL; verificar os achados dos testes do PAC nos pacientes com TDL; verificar os processamentos linguísticos e quais combinações de traços nas crianças com TDL pode se apresentar alterados de acordo com as habilidades auditivas defasadas.

2. MÉTODO

Trata-se de estudo exploratório por meio de revisão de literatura do tipo qualitativa revisão sistemática da literatura, baseada em recomendações nacionais e internacional, que buscará responder à seguinte pergunta: “Qual a relação entre o TDL e alterações do processamento linguístico e auditivo?”.

A pesquisa bibliográfica utilizará como bases de dados: Pubmed e Web of Science, no período de outubro 2023 e janeiro de 2024. Serão utilizados descritores do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e termos.

No que se refere aos critérios de seleção, uma pesquisadora realizará, de forma independente, com auxílio de orientador a busca de artigos, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Os textos que não tiveram respostas coincidentes entre as pesquisas, serão excluídos. Serão selecionados artigos publicados nos últimos dez anos, ou seja, de 2013 a 2023 e auxílio de livros.

Os critérios de inclusão utilizados serão os seguintes: os artigos de estudos clínicos prospectivos e retrospectivos que envolverem o relato de casos ou conteúdos relacionados com Transtorno do Processamento Auditivo e o Transtorno do Desenvolvimento de Linguagem, publicados nas línguas inglesa e português brasileiro entre os anos de 2013 à 2023. Serão excluídos da pesquisa os artigos que não contemplarem os objetivos aqui propostos.

Será realizada a análise dos dados, inicialmente, por meio dos títulos e resumos dos artigos. Aqueles selecionados foram, então, submetidos à leitura do texto completo. Apenas os estudos enquadrados nos critérios estabelecidos serão utilizados para a revisão.

A análise dos artigos se dará por meio de um protocolo criado para a elaboração do presente estudo. Para isto, serão utilizados os seguintes aspectos: autor, ano, local, delineamento, amostra, faixa etária, testes utilizados e resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este artigo teve como objetivo principal identificar na literatura investigar a provável relação entre o processamento linguístico, PAC e associação com TDL; correlacionar os achados dos testes do PAC com achados no paciente com TDL; verificar o processamento linguísticos e quais combinações de traços nas crianças com TDL pode se apresentar alterados de acordo com as habilidades auditivas defasadas.

Partindo deste princípio foram encontrados cinquenta (40) artigos nas bases de dados Scielo, Cefac, Pub Med, Bireme e Lilacs, após a leitura dos resumos foram excluídos vinte e sete (27) artigos da pesquisa, por não atenderem aos critérios prévios de inclusão.

Portanto a primeira dimensão de análise deste estudo refere-se ao ano de publicação destes artigos, que atenta-se para os anos descritos de (2013-2023), ou seja, artigos publicados nos últimos 10 anos que apresentavam publicações inerentes ao tema desta

pesquisa. No geral após seleção previa foram encontrados e selecionados somente (13) treze artigos que contemplavam todos os critérios aqui propostos perante a análise de todos os resumos e leitura de todos dos periódicos encontrados.

Em relação ao primeiro objetivo da pesquisa que se refere em descrever e correlacionar o TDL e o TPAC, foram encontrados artigos, no que diz respeito à importância da realização da avaliação do processamento auditivo em indivíduos com diagnóstico de TDL e a possível relação entre os dois.

Segundo os autores aqui mencionados, o transtorno específico de linguagem (TDL) é manifestado por importantes prejuízos, tais como atrasos e alterações persistentes no desenvolvimento e aquisição da linguagem, porém não se associa com outras comorbidades e/ou patologias que possam justificar tais prejuízos, porém pode vir a apresentar um vasto grupo nas manifestações clínicas, a depender do seu grau de diagnóstico, podendo haver variações durante o seu desenvolvimento.

Em alguns casos a imaturidade pode ocorrer de até 12 meses em relação a idade cronológica do indivíduo, com a variação de graus uns podem ter prejuízo de expressão e/ou compreensão e em outros os casos vir em ambos. Pode ser observado que estes indivíduos levam um tempo maior no reconhecimento, recuperação, formulação e produção das palavras, devido à lentificação no processamento das informações, que pode estar relacionada a falhas nas representações semânticas e a organização cognitiva.

Tabela 1. Descrever e correlacionar o TDL e o TPAC e à importância da realização da avaliação do processamento auditivo em indivíduos com diagnóstico de TDL e a possível relação entre os dois.

AUTOR/ANO	ARTIGO	RESULTADOS
Barroso TF, Pagan-Neves LO, Vilela N, Caravilho RMM, Wertezner HF 2016.	A influência do distúrbio do processamento auditivo (central) nos distúrbios dos da fala.	O processamento auditivo central (PAC) tem função primordial no desenvolvimento da fala e da linguagem, sendo responsável pelos mecanismos, processos e fenômenos comportamentais do sistema auditivo, este configura um conjunto de habilidades necessárias para processar o sinal sonoro, tais como atenção, localização, discriminação, identificação e memória se relacionando diretamente com a compreensão dos sons da fala.
Rinker T, Yu YH, Wagner M, Shafer VL, 2021.	Language Learning Under Varied Conditions: Neural Indices of Speech Perception in	As crianças identificadas como deficientes de linguagem, ou seja, com deficiência específica de linguagem (TDL) ou, mais recentemente, chamada de Transtorno do

	Bilingual Turkish-German Children and in Monolingual Children With Developmental Language Disorder (DLD).	Desenvolvimento da Linguagem, muitas vezes apresentam desenvolvimento e habilidades fonológicas deficientes, bem como aprendizagem de palavras e habilidades gramaticais deficientes.
Crestani AH, Oliveira LD, Vendruscolo JF, Ramos-Souza AP, 2013.	Distúrbio Específico De Linguagem: A Relevância Do Diagnóstico Inicial	Os dados analisados sugerem que marcos evolutivos de linguagem devem ser conhecidos e observados pelos profissionais da saúde que atendem à infância para detecção precoce deste distúrbio. O progresso terapêutico, a aprendizagem escolar e adaptação social podem ser maiores se a intervenção iniciar já ao segundo ano de vida.
Souza MA, Pasaglio NJS, Lemos SMA, 2016.	Alterações de linguagem e processamento auditivo: revisão de literatura	Verificou-se que há interdependência entre os processos auditivos e de linguagem, e o bom desempenho de um deles contribui para o adequado funcionamento do outro.
Treinamento Auditivo Nas Alterações Do Processamento Auditivo: Estudo De Caso, 2015.	Treinamento Auditivo Nas Alterações Do Processamento Auditivo: Estudo De Caso.	O processamento auditivo (PA) refere-se aos mecanismos e aos processos utilizados pelo sistema auditivo, responsáveis por fenômenos comportamentais, como localização e discriminação sonora, reconhecimento auditivo, aspectos temporais da audição, desempenho auditivo com sinais acústicos em competição e desempenho auditivo em situações acústicas desfavoráveis tanto para estímulos verbais, quanto para estímulos não verbais.
Kujala T, Leminen M, 2017.	Low-level neural auditory discrimination dysfunctions in specific language impairment-A review on mismatch negativity findings	No Transtorno do Desenvolvimento da linguagem (TDL), há um atraso nas habilidades de linguagem oral da criança quando comparadas às habilidades cognitivas não-verbais. Os problemas normalmente estão relacionados ao processamento fonológico e morfológico e ao aprendizado de palavras.

A segunda dimensão de análise desta pesquisa refere em verificar os achados dos testes do PAC nos pacientes com TDL, onde observou que os achados aqui selecionados apresentou uma variedade de testes processamento auditivo selecionados de acordo com os objetivos estabelecidos para cada estudo, onde verificou-se que para os teste de processamento auditivo a maioria priorizava o do Staggered Spondaic Word – SSW, Fala

com Ruído, os testes Pediatrics Speech Intelligibility – PSI, Dicótico de Dígitos, Padrão de Frequência e Avaliação Simplificada do Processamento Auditivo.

O processamento auditivo central (PAC) tem função primordial no desenvolvimento da fala e da linguagem, sendo responsável pelos mecanismos, processos e fenômenos comportamentais do sistema auditivo, este configura um conjunto de habilidades necessárias para processar o sinal sonoro, tais como atenção, localização, discriminação, identificação e memória se relacionando diretamente com a compreensão dos sons da fala.

Em relação aos testes de linguagem, observou a preferência pela Prova de Consciência Fonológica. Onde foi possível verificar o interesse dos pesquisadores na investigação de habilidades de integração binaural e fechamento auditivo, dando preferência por utilizar os testes SSW e Fala com Ruído, pois tais habilidades são extremamente importantes no desenvolvimento da linguagem.

Os autores de um estudo demonstraram que a maioria das pesquisas já realizadas e publicadas nas bases de dados Pubmed e Web of Science revelou que existe associação entre alterações de processamento auditivo e alterações de linguagem. Observaram que crianças com prejuízos no desenvolvimento linguístico apresentaram desempenho inferior nos testes auditivos, quando comparadas àquelas com desenvolvimento típico.

Verificou-se que a memória fonológica de trabalho e o acesso fonológico ao léxico mental permitem o processamento e a organização da linguagem. Da mesma forma, eles são solicitados pelo componente executivo central na realização de qualquer tarefa, inclusive nas de consciência fonológica e associação fonema-grafema, ocasionado déficits também da aprendizagem da leitura escrita.

Tabela 2. Os achados dos testes do PAC nos pacientes com TDL

AUTOR/ANO	ARTIGO	ACHADOS
Fortunato-Tavares T, Rocha CN, Andrade CRF de, Befi-Lopes DM, Schochat E, Hestvik A, Schwartz RG	Processamento linguístico e processamento auditivo temporal em crianças com distúrbio específico de linguagem	Como esperado, crianças com TEL apresentaram desempenho no TPF fora dos valores de referência. No grupo DEL, as correlações entre os resultados do TPF e do TCCS foram positivas.
Guarald, Isabella Passos, Bagetti, Tatiana, 2021.	Syntactic and phonological processing of children with learning disabilities	O desempenho das crianças com dificuldades de aprendizagem demonstra-se alterado somente para as habilidades de processamento fonológico.
Murphy-Ruiz PC, Penaloza-	Right cerebral hemisphere and central	As funções da linguagem relacionadas ao processamento do hemisfério direito são principalmente

Lopez YR, Garcia Pedroza F, Poblano A, 2013.	auditory processing in children with developmental dyslexia	pragmáticas; análise de informações prosódicas; reconhecimento de vozes, sons naturais, melodias; e o processamento de padrões auditivos simples e complexos.
STULP, Camille Bertha, 2019	Relação entre o desvio fonológico e o processamento auditivo central.	Não foram encontradas relações estatisticamente significativas entre os graus de desvio fonológico leve e leve-moderado e o processamento auditivo central. Mas provavelmente exista uma relação uma vez que toda a amostra apresentou alteração em pelo menos duas habilidades do processamento auditivo central.
Kujala T, Leminen M, 2017.	Disfunções de discriminação auditiva neural de baixo nível em deficiências específicas de linguagem - uma revisão sobre resultados de negatividade de incompatibilidade	Esses estudos encontraram amplitudes de resposta menores e latências mais longas para alterações de sons de fala e não-fala em crianças com DEL do que em crianças com desenvolvimento típico, sugerindo discriminação auditiva prejudicada e lenta no DEL. Além disso, sugerem duração reduzida da memória sensorial e vulnerabilidade da memória sensorial a efeitos de mascaramento.

A terceira dimensão de análise deste estudo foram encontradas em artigos que visam verificar os processamentos linguísticos e quais combinações de traços nas crianças com TDL pode se apresentar alterados de acordo com as habilidades auditivas e quais os benefícios ocorridos após o olhar associativos para as duas abordagens.

De acordo com os autores, é possível inferir que há interdependência entre os processos auditivos e de linguagem e que o bom desempenho de um deles contribui para o adequado funcionamento do outro.

Os autores abordaram que o déficit de percepção auditiva se interligam com os déficits de percepção da fala em crianças com TDL, ou pelo menos interagem com, deficiências cognitivo-linguísticas, tais como aspectos fonológicos da representação, como limites de categorias, representação lexical, atenção, memória e controle atencional, referindo também que a má percepção de morfemas com baixa substância fonética (por exemplo, breve, baixa intensidade, etc.) precisam de maiores recursos de processamento para a aprendizagem morfossintática para crianças com TDL.

Tabela 3. verificar os processamentos linguísticos e quais combinações de traços nas crianças com TDL pode se apresentar alterados de acordo com as habilidades auditivas e quais os benefícios ocorridos após o olhar associativos para as duas abordagens;

AUTORES/ANO	ARTIGO	ACHADOS
<p>Heim S, Keil A, Choudhury N, Thomas Friedman J, Benasich AA, 2013.</p>	<p>Oscilações gama precoces durante o processamento auditivo rápido em crianças com comprometimento de aprendizagem de linguagem: alterações na atividade da massa neural após o treinamento. (traduzido)</p>	<p>Crianças com comprometimento de aprendizagem de linguagem têm demonstrado consistentemente dificuldade em tarefas que exigem processamento auditivo rápido e preciso. A remediação baseada na plasticidade neural pressupõe que a precisão temporal da codificação neural pode ser melhorada por protocolos de treinamento intensivo. Nossas descobertas sugerem que aspectos específicos do processamento sensorial cortical ineficiente na linguagem são melhorados após o treinamento.</p>
<p>Schwartz RG, Scheffler FLV, Lopez K, 2013.</p>	<p>Speech perception and lexical effects in specific language impairment</p>	<p>O estudo apoia a visão de que os déficits perceptivos associados ao DEL refletem fatores cognitivo-linguísticos (Sussman, 1993) e não o processamento auditivo (Tallal et al., 1993). Além disso, sugere que as pistas fonéticas são substituídas pela informação linguística, fazendo com que algumas representações fonológicas sejam atípicas.</p>
<p>Stroiek S, Quevedo LS, Kieling CH, Battezzini ACL, 2015.</p>	<p>Treinamento Auditivo nas Alterações do Processamento Auditivo: Estudo de Caso.</p>	<p>Dessa forma, supõe-se que a plasticidade ocorrida neste estudo foi a relacionada com a aprendizagem, uma vez que o programa de TA utilizado induziu mudanças benéficas nas habilidades auditivas relacionadas ao sistema nervoso central, as quais puderam ser confirmadas pela melhora na performance do paciente nos testes utilizados na avaliação comportamental do PA.</p>
<p>Barrozo TF, Pagan-Neves LO, Vilela N, Carvalho RMM, Wertzner H, 2016</p>	<p>The influence of (central) auditory processing disorder in speech sound disorders</p>	<p>A fala inteligível depende de uma programação fonológica eficiente, que reflete a capacidade do indivíduo em selecionar o fonema-alvo e em organizar os sons em sequências corretas.¹⁵ A dificuldade na programação fonológica pode ser avaliada pela prova de inconsistência de fala,^{12,15} que reflete um possível déficit nas habilidades cognitivo-linguísticas, o que interfere na internalização das regras fonológicas da língua em que a criança está inserida.</p>

Verificou-se que apesar das dificuldades auditivas são as principais queixas de crianças com TPAC, porém estudiosos observaram que outros comprometimentos podem vir associados, tais como os relacionados à linguagem, à leitura e à escrita, e também às dificuldades de aprendizagem, enfatizando que processamento auditivo é sensível a fatores ambientais, de linguagem, alterações auditivas periféricas e alterações neurológicas, podendo inferir em desempenhos inferiores nos testes de PAC, pois observam-se dificuldades de discriminação dos sons da fala, que por sua vez levariam a construções mentais menos estáveis e por consequência afetariam a percepção e produção fonológica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se através da seguinte pesquisa que de que pode existe correlação entre o processamento linguístico, o TPAC e o TDL, justificando-se assim realização dessa revisão, pois, foi possível definir que existe relação entre ambos e este trabalho permitirá a buscar por diagnósticos associados e na elaboração de processos terapêuticos mais eficazes na área da linguagem ao envolver a estimulação do PAC e TDL, visto que o treinamento auditivo tem como finalizada a reorganização neuronal do sistema auditivo e das conexões com outros sistemas sensoriais a ele relacionados, ocasionando uma melhora das habilidades que estavam alteradas.

Todavia faz-se importante ressaltar que há uma escassez de exposição atualizada no que se refere aos últimos 10 anos e aos objetivos aqui propostos, existindo poucos trabalhos que demonstrem tal relação, tornando esta pesquisa de grande relevância.

REFERÊNCIAS

Barrozo TF, Pagan-Neves LO, Vilela N, Carvallo RMM, Wertzner HF. A influência do distúrbio do processamento auditivo (central) nos distúrbios dos sons da fala. *Braz J Otorrinolaringologista*. 2016;82:56-6. 5.

Crestani AH, Oliveira LD, Vendruscolo JF, Ramos-Souza AP. Distúrbio Específico de Linguagem: a Relevância do Diagnóstico Inicial. *Rev. CEFAC*. 2013 Jan-Fev; 15(1):228-237.

Gonçalves-Guedim TF, Capelatto IV, Salgado-Azoni CA, Ciasca SM, Crenitte PAP. Leitura e escrita em escolares com TDAH. *Rev. CEFAC*. 2017 Mar-Abr; 19(2):242-252 doi: 10.1590/1982-0216201719220815.

Guarald, I. P., & Bagetti, T. (2021). Processamento sintático e fonológico de crianças com dificuldades de aprendizagem. *Distúrbios Da Comunicação*, 33(4), 712–728. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2021v33i4p712-728>

Heim S, Keil A, Choudhury N, Thomas Friedman J, Benasich AA. Early gamma oscillations during rapid auditory processing in children with a language-learning impairment: changes in neural mass activity after training. *Neuropsychologia*. 2013 Apr;51(5):990-1001. doi: 10.1016/j.neuropsychologia.2013.01.011. Epub 2013 Jan 24. PMID: 23352997; PMCID: PMC3633611.

Kujala T, Leminen M. Low-level neural auditory discrimination dysfunctions in specific language impairment-A review on mismatch negativity findings. *Dev Cogn Neurosci*. 2017 Dec;28:65-75. doi: 10.1016/j.dcn.2017.10.005. Epub 2017 Oct 24. PMID: 29182947; PMCID: PMC6987907.

Murphy-Ruiz PC, Penaloza-Lopez YR, Garcia Pedroza F, Poblano A. Right cerebral hemisphere and central auditory processing in children with developmental dyslexia. *Arq Neuro-Psiquiatr* [periódico na internet]. Nov 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004282X2013001200883&script=sci_arttext&tlng=pt. 2.

Rinker T, Yu YH, Wagner M, Shafer VL. Language Learning Under Varied Conditions: Neural Indices of Speech Perception in Bilingual Turkish-German Children and in Monolingual Children With Developmental Language Disorder (DLD). *Front Hum Neurosci*. 2022 Jan 4;15:706926. doi: 10.3389/fnhum.2021.706926. PMID: 35058761; PMCID: PMC8764933.

Schwartz RG, Scheffler FLV, Lopez K. Speech perception and lexical effects in specific language impairment. *Clin Linguist Phon*. 2013;27(5):339-54.

Souza MA, Passaglio NJS, Lemos SMA. Alterações de Linguagem e o processamento auditivo. *Rev. CEFAC*. 2016 Mar-Abr; 18(2):513-519. 6

Stroiek S, Quevedo LS, Kieling CH, Battezzini ACL. Treinamento Auditivo Nas Alterações Do Processamento Auditivo: Estudo De Caso. *Rev. CEFAC*. 2015 Mar-Abr; 17(2):604-614B

STULP, Camille Bertha. Relação entre o desvio fonológico e o processamento auditivo central . Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina FON 7707 ao curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizadores, Newra Tellechea Rotta, Lygia Ohlweiler, Rudimar dos Santos Riesgo. – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2016. Editado como livro impresso em 2016. ISBN 978-85-8271-265-8.

CAPÍTULO 14

SÍNDROME DE DOWN: A IMPORTÂNCIA DA FONOAUDIOLOGIA E DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Francisca Vânia dos Santos Souza⁷, André Alelaf⁸

¹FAESPI (vaniaconsultoria2@gmail.com)

²FAESPI (andre_alelaf@hotmail.com)

Resumo

Este estudo visa abordar a criança com Síndrome de Down (SD) com destaque ao desenvolvimento da linguagem e a importância do fonoaudiólogo e família nesse processo. A intervenção de um fonoaudiólogo é fundamental para orientar e auxiliar a família desde o nascimento da criança, com os devidos cuidados e com a estimulação da criança no ambiente familiar para o desenvolvimento da linguagem. A Fonoaudiologia e a Síndrome de Down têm sido uma união muito eficaz, pois tem gerado grandes benefícios no desenvolvimento motor oral desse grupo de pacientes. Essa terapia deve ser realizada em conjunto com o paciente com a trissomia do 21 e comunicação entre a equipe multiprofissional e a família para garantir o sucesso do tratamento. A família é o primeiro lugar onde a criança irá estabelecer seus vínculos, deduz-se que é também dela que receberá seus primeiros estímulos. Sendo assim, é necessário que os pais estejam preparados e saibam a maneira de proporcionar os melhores estímulos a essas crianças. Pelo exposto, este estudo teve como objetivo investigar a interação de pais de crianças com Síndrome de Down e seus filhos e de pais de crianças com alteração de linguagem e seus filhos. Conclui-se que a criança com SD apesar de ter um atraso no desenvolvimento da linguagem com o acompanhamento de um fonoaudiólogo e ajuda da família conseguirá atingir sua independência em se comunicar e desenvolver suas potencialidades.

Palavras-chave: fonoaudiologia; família; linguagem.

1 INTRODUÇÃO

A Importância do Fonoaudiólogo e da Família no Desenvolvimento da Linguagem, onde a princípio se conceitua a Síndrome de Down (SD) como resultado de um acidente genético causado pela trissomia do cromossomo 21 que ocorre em uma determinada fase do desenvolvimento intra-uterina (Ramos *et al.*, 2006). Em seu aspecto clínico, a Síndrome de Down pode ocorrer de três maneiras diferentes: por trissomia simples ou não disjunção do cromossomo de número 21, nos quais se observa a presença desse cromossomo extra em

⁷ Graduanda do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI. E-mail: vaniaconsultoria2@gmail.com.

⁸ Especialista em Linguagem pelo Centro Universitário UNINOVAFAP. E-mail: andre_alelaf@hotmail.com.

todas as células, resultando um cariótipo constituído por 47 cromossomos; por translocação, sendo que o cromossomo 21 extra, está ligado a outro cromossomo formando um cariótipo com 46 cromossomos; e por mosaicismo, apresentando dois tipos de célula, um com número normal de cromossomo (46) e outro com 47, em reação da trissomia 21 (Limongi *apud* Ferreira, 2004).

As crianças com Síndrome de Down, quando se trata da aquisição da linguagem, são propensas ao atraso do desenvolvimento geral, apesar do seu desejo de se integrar e comunicar-se com os outros, enfrentam obstáculos que se constituem no seu desenvolvimento educacional, comportamental, emocional e no âmbito familiar, o que os leva a restrições no aprendizado da linguagem. (Brandão, 2006).

Assim, é essencial que os pais e familiares de crianças com Síndrome de Down necessitem de informações sobre todos os problemas que a síndrome pode trazer para o seu filho, para que assim eles possam se capacitar e buscar tomar as atitudes certas em relação ao seu comportamento diante de tal situação procurando o melhor para o desenvolvimento emocional, motor, cognitivo e linguístico que favoreça a comunicação, educação, convívio com a família e em demais meios sociais.

É importante que os pais busquem conhecimentos sobre serviços de assistência e tratamento adequado a pessoas que apresentem dificuldades que são observadas na síndrome e procurem inserir o filho nesses programas, sem esquecer que não se deve isolar a criança do convívio com outras que tenham o desenvolvimento da linguagem normal.

A percepção que os pais têm sobre o desenvolvimento normal da linguagem dos filhos com SD será muito importante para análise e orientação sobre suas dúvidas, para que assim eles possam ter uma comunicação mais efetiva com ele e possibilitar que no futuro, quando estes já estiverem adultos tenham condições de ir à busca de suas próprias conquistas sendo compreendido no que diz respeito à linguagem.

Com base neste complexo cenário, adotou como problema norteador deste trabalho: Qual a influência da família e do Fonoaudiólogo no desenvolvimento da linguagem em crianças com Síndrome de Down?

Frente a isso, temo como objetivo do estudo de analisar a contribuição da família, em relação ao desenvolvimento da linguagem em crianças com Síndrome de Down.

Em relação à Síndrome de Down, ainda não se chegou a um consenso sobre em que momento ocorre um padrão normal da linguagem e nem sobre os campos que apresentam maiores atrasos, portanto este estudo considera como fonte de pesquisa, questionamentos e

esclarecimentos na questão prognóstica da criança com SD, na intervenção do fonoaudiólogo, de acordo com as necessidades de cada paciente e contribuir para que a família interaja nesse processo de crescimento da criança. Enfim, há atualmente a necessidade de pesquisas neste campo, por isso espera-se com esta monografia contribuir com material relevante para acadêmicos e profissionais desta área.

2 MÉTODOS

2.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura onde analisam-se pesquisas relevantes de um assunto sendo que este também permite sintetizar diversos estudos publicados e possibilita a construção de conclusões gerais de uma determinada área ou assunto específico (Benefield, 2003).

A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

2.2 Amostra, critérios de inclusão e exclusão

Nesta revisão integrativa da literatura foram realizadas consultas de artigos científicos às seguintes bases de dados: Scielo, Revista Distúrbios da Comunicação, LILACS e MEDLINE com os descritores “atraso”, “estimulação”, “fonoaudiologia”, “Síndrome de Down”, “linguagem”, “família”, “criança”, “aprendizagem” e “comunicação”. As informações extraídas foram avaliadas quanto à relevância, atualização, citações e adequação técnica. Os critérios de inclusão foram estudos originais disponíveis na íntegra de forma eletrônica e gratuita, que foram publicados no recorte temporal de Janeiro de 2006 a Janeiro de 2016 e artigos que respondesse aos nossos objetivos voltados para área de pesquisa da fonoaudiologia.

No estudo foram excluídos livros, cartas ao editor, artigo de opinião, editoriais e todos aqueles artigos que não responderam aos nossos objetivos.

Com relação à amostra, utilizando as palavras chaves citadas anteriormente nas diversas bases de dados resultou no “N” com total de 188 artigos científicos, após uma análise dos estudos foram eliminados aqueles que se repetiam entre as bases de dados e que não

abordavam aspectos relacionados ao tema resultando o “n” um total de 11 artigos descritos na tabela sinóptica (Quadro 1) onde foram extraídas as informações necessárias que respondesse aos objetivos, destes resultados encontrados que foram dispostos em forma de gráficos e tabelas para melhor compreensão e interpretação e em seguida a elaboração de categorias.

2.3 Coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados foram às partes constituintes dos artigos, incluindo introdução, metodologia, resultados e discussão, conclusão, referências, nas quais se fizeram estudos e delineamento acerca do objetivo da pesquisa. Após a busca dos artigos contemplando os critérios acima citados, fez-se a leitura dos artigos científicos e a organização dos resultados com a elaboração de categorias através de similaridade de conteúdo.

2.4 Análise de dados

O presente estudo foi realizado com base na leitura de artigos científicos sem a necessidade de programas de bioestatística. Foram levadas em significância as partes constituintes dos trabalhos publicados, bem como foi realizado uma construção da ficha de análise (levantamento dos resultados expressos em tabelas, gráficos) e a inserção da categorização dos artigos científicos nesse cenário. No entanto foi necessário uso do programa Microsoft Excel para construção de gráficos referentes aos resultados contabilizados ao decorrer da pesquisa.

2.5 Aspectos éticos e legais

Levando em conta a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, informa-se que esta pesquisa não se enquadra nesse critério, não havendo a necessidade de ter sido submetida à Plataforma Brasil, assim como não existiu a necessidade de ter sido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Instituição. Foi assegurada a autoria sobre as ideias apresentadas nos artigos pesquisados, por meio de citação e referências dos autores conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em relação às características gerais dos onze artigos encontrados, somaram-se 30 autores. Desses autores, um deles é psicanalista, vinte deles fonoaudiólogos, uma doutora em letras, cinco das autoras ainda acadêmicas em fonoaudiologia, um fisioterapeuta, um odontólogo e um mestre em Distúrbios da Comunicação Humana. Os artigos aqui utilizados foram todos publicados em diversas revistas. Quatro dos artigos foram publicados na Revista Distúrbios da Comunicação, outros quatro publicados na Pró-Fono, Revista de Atualização Científica, dois artigos publicados na CoDAS e um artigo teve sua publicação na Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.

Os cenários das pesquisas dos artigos foram variados, onde pode-se observar uma pesquisa realizada na APAE de São Paulo no estado de São Paulo, uma na APAE de Belo Horizonte em Minas Gerais, uma na APAE de Marau no estado do Rio Grande do Sul, uma na Clínica Escola de Fonoaudiologia de uma Instituição de Ensino Superior privada do estado do Paraná, e outras quatro no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica de São Paulo no estado de São Paulo. Uma outra pesquisa foi realizada em duas instituições da APAE simultaneamente, sendo uma sede de APAE em Santo André e a outra em Mauá no estado de São Paulo. Outra pesquisa foi feita no Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia ocupacional da faculdade de medicina da Universidade de São Paulo - SP e outra no Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de odontologia de Baurú, Universidade de São Paulo - SP.

Todas as pesquisas foram publicadas em Revistas por se tratar de artigos científicos encontrados nas bases de dados referidas anteriormente na metodologia.

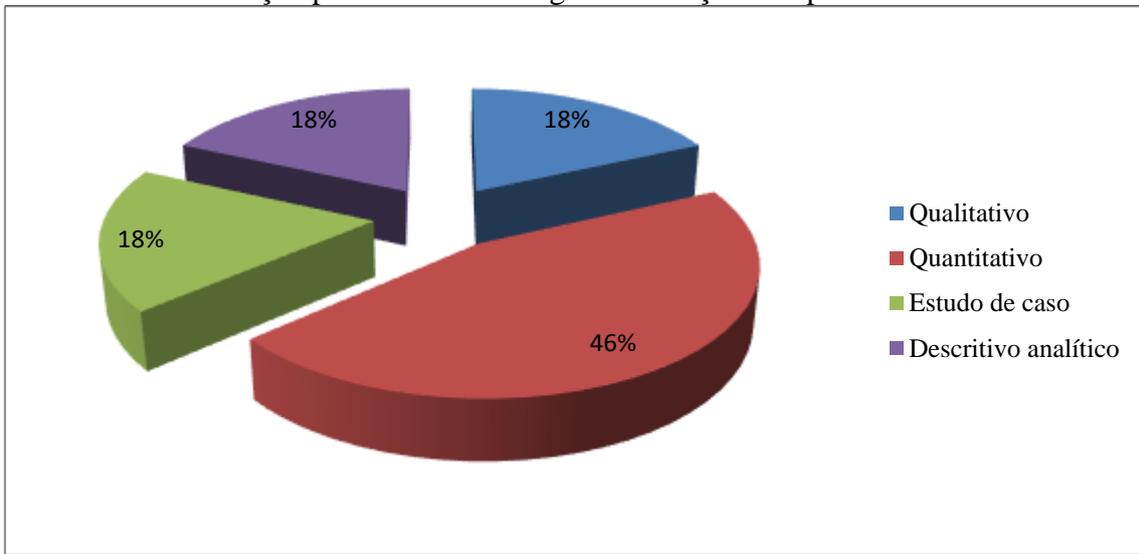
Quadro1: Sinóptica de informações referentes a produção e tipo de publicação dos artigos.

Quantidade de autores	Profissão dos Autores	Revista de publicação	Local de realização do Estudo	Tipo de Publicação
29 autores do sexo feminino e apenas 1 autor do sexo masculino.	- 1 psicanalista - 20 fonoaudiólogos - 1 Doutora em Letras - 5 Acadêmicas em fonoaudiologia - 1 fisioterapeuta - 1 odontólogo - 1 Mestre em Distúrbios da Comunicação	- 4 Ver. Distúrbios da Comunicação - 4 Pró-FonoVer de Atualização Científica - 2 CoDAS - 1 J Soc. Brasileira de Fonoaudiologia.	- 1 APAE de São Paulo - SP - 1 APAE de Belo Horizonte - MG - 1 APAE de Marau - RS - 1 Clínica Escola de Fonoaudiologia de uma Instituição de ensino superior privada no estado do Paraná - 4 Laboratório de	Todas as publicações são artigos científicos.

	Humana		Investigação Fonoaudiológica de São Paulo - SP - 1 APAE de Mauá e Santo André - SP - 1 Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia ocupacional da faculdade de medicina da Universidade de São Paulo - SP - 1 Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de odontologia de Baurú, Universidade de São Paulo - SP	
--	--------	--	---	--

Fonte: Pesquisa Indireta.

Gráfico1: Distribuição percentual dos artigos em relação ao tipo de estudo.



Fonte: Pesquisa Indireta.

O gráfico 1 mostra que entre os trabalhos escolhidos para a análise, o estudo quantitativo teve uma grande prevalência em relação aos outros tipos de estudos apresentando um resultado de 46% da amostra dos artigos. A pesquisa quantitativa é caracterizada pela quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento dos dados

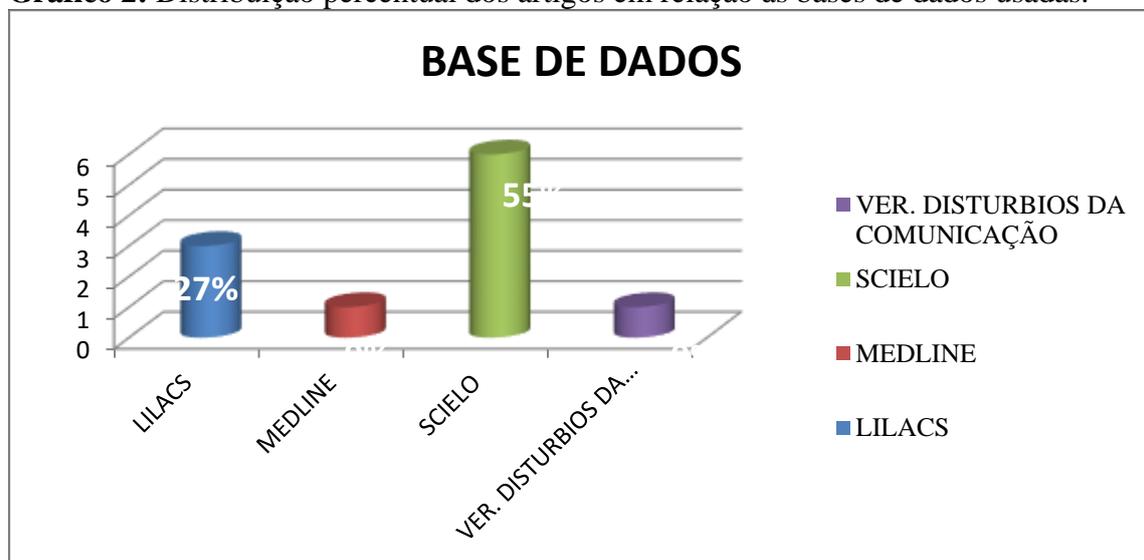
por meio de técnicas estatísticas, desde o percentual, média e desvio-padrão, quanto o coeficiente de correlação e análise de regressão (Lakatos; Marconi, 2011).

O gráfico mostra também que 18% dos artigos são pesquisas qualitativas, sendo que este tipo de pesquisa busca compreender e classificar os problemas evidenciados pelos sujeitos possibilitando ao pesquisador o entendimento das mais variadas particularidades, discutir significados, valores e atitudes, ou seja, um conjunto de fenômenos humanos que fazem parte de uma vivência social, essa linha de estudo estimula os participantes ou sujeitos da pesquisa a falarem livremente sobre questões subjetivas e objetivas sem a necessidade de abordagens, por parte do entrevistador(a), necessariamente explícitas (Minayo; Deslandes; Gomes, 2013).

Outros 18% dos resultados obtidos foram os de estudo de caso, que se trata de uma pesquisa realizada com um ou poucos sujeitos, e tem por objetivo aprofundar-se e detalhar as características do objeto ou sujeito que será analisado. Este tipo de estudo pode ser utilizado com diferentes propósitos. A metodologia neste tipo de pesquisa costuma ser menos rígida que nos outros tipos de estudos, o que faz com que o pesquisador planeje adequadamente a coleta de dados e a análise dos resultados (Gil, 2008).

Também com 18% dos resultados estão os artigos com tipo de estudo descritivo analítico. Para Gil (2008), este tipo de pesquisa tem como objetivo descrever as características do sujeito ou pesquisado ou de determinada população. Dessa maneira, desenvolve relações entre variáveis e faz uma pesquisa de campo para coletar os dados. Para este tipo de pesquisa podem ser utilizados questionários como instrumentos de pesquisa.

Gráfico 2: Distribuição percentual dos artigos em relação às bases de dados usadas.



Fonte: Pesquisa Indireta.

O gráfico 2 mostra os resultados obtidos em relação às bases de dados. Nele pode-se observar que a maioria dos artigos com o tema proposto estão disponíveis na base de dados SciELO com 55%. SciELO é uma base de dados bibliográfica, biblioteca digital, e cooperativa publicação eletrônica modelo de revistas de acesso aberto. Foi criado para atender às necessidades da comunicação científica nos países em desenvolvimento e fornece uma maneira eficiente de aumentar a visibilidade e acesso à literatura científica. Logo depois aparece o LILACS com 27% dos artigos seguido por 9% da base de dados MEDLINE. Pode-se observar que outros 9% dos artigos foram encontrados diretamente na Revista Distúrbios da Comunicação. LILACS é uma base de dados do Sistema BIREME que compreende a literatura relativa às Ciências da Saúde, publicada nos países da Região, a partir de 1982. Compreende artigos de cerca de 670 revistas, atingindo mais de 350 mil registros, entre eles documentos como: teses, capítulos de teses, livros, capítulos de livros, anais de congressos ou conferências, relatórios técnico-científicos e publicações governamentais (Cunha; Limongi, 2008).

A revista Distúrbios da Comunicação é uma publicação científica com periodicidade trimestral (semestral de 1986-2003 e quadrimestral de 2004-2013) do Curso de Fonoaudiologia, Pós Graduação em Fonoaudiologia e DERDIC (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Mantém circulação regular desde 1986 com acesso aberto exclusivamente on-line a partir de 2009. Está indexada na base de dados LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e classificada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

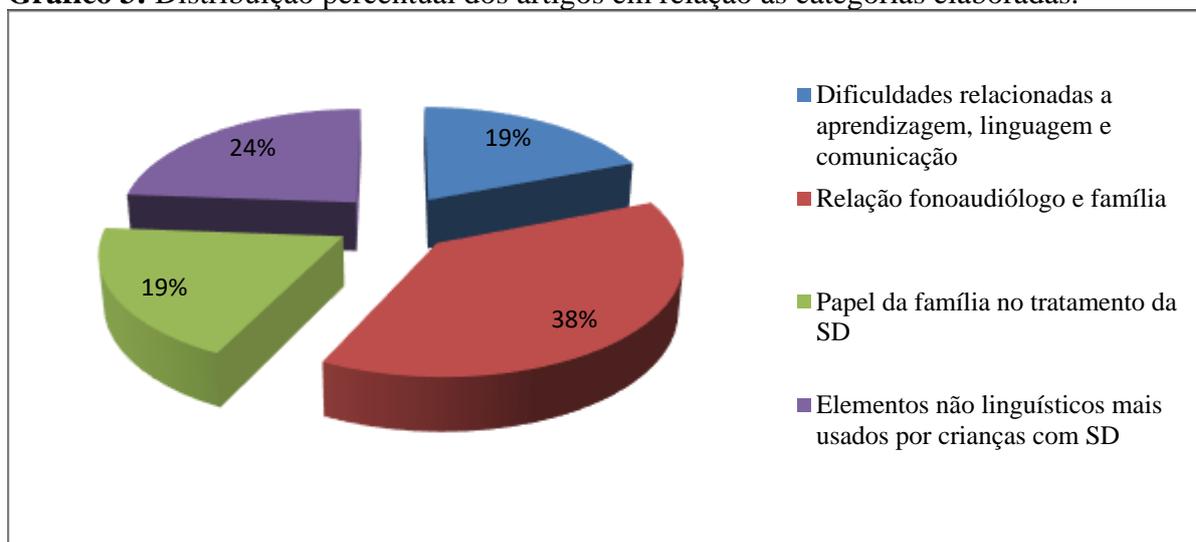
Tabela 1: Ano das publicações e quantidade de artigos sobre o tema proposto.

Ano das Publicações	Quantidade
2006	1
2007	2
2008	1
2010	1
2011	1
2012	1
2013	2
2014	2

Fonte: Pesquisa Indireta.

Ao analisar os anos de publicações dos artigos escolhidos para a pesquisa observou-se uma oscilação razoável, pois nota-se que entre os anos de 2013 e 2014 houveram mais publicações se comparadas aos anos anteriores, pois foram publicados quatro artigos relacionados ao tema nesses dois anos enquanto que no ano de 2006 apenas um artigo foi publicado, seguido de dois artigos em 2007 e logo depois nos anos de 2008, 2010, 2011 e 2012 foram publicados apenas um artigo em cada ano com o tema abordado por esta pesquisa. Logo pode-se afirmar que nos anos mais recentes onde as publicações foram maiores sugerem que nesse período houve um maior interesse de pesquisas sobre a temática, e isso torna-se de grande relevância pois com um maior número de artigos disponíveis, as ideias e relatos sobre o caso tornam-se mais conhecidos e acabam por trazer benefícios para a pesquisa científica e para um melhor entendimento do tema analisado.

Gráfico 3: Distribuição percentual dos artigos em relação às categorias elaboradas.



Fonte: Pesquisa Indireta.

O gráfico acima representa o percentual de artigos que explicam de maneira clara e científica cada categoria deste estudo. As categorias aqui desenvolvidas foram feitas levando em consideração os objetivos da pesquisa, para que assim os objetivos fossem concluídos e se chegasse a uma resposta coerente e relevante em relação ao tema proposto.

O estudo foi dividido em quatro categorias, sendo elas: Dificuldades relacionadas a aprendizagem, linguagem e comunicação, Relação fonoaudiólogo e família, Papel da família no tratamento da SD, e Elementos não linguísticos mais usados por crianças com SD.

Como aponta o gráfico, 19% dos artigos mostram as dificuldades relacionadas à aprendizagem, linguagem e comunicação dos pais com os filhos que tem SD, e também 19% dos artigos mostram qual o papel da família dessas crianças no tratamento da SD. Já 24% dos artigos científicos apontam quais os elementos não linguísticos que as crianças com SD mais utilizam para se comunicarem e por fim com maior porcentagem estão os artigos que mostram a relação Fonoaudiólogo e a família das crianças com SD com 38%, artigos estes que demonstram a importância do profissional juntamente com a família para um bom desempenho de aprendizados para essas crianças.

A inclusão da criança com SD na sociedade e o sucesso no desenvolvimento do tratamento e no resultado da terapia está relacionada com o diálogo existente entre a família e os profissionais fonoaudiólogos, pois esta relação acelera o processo do desenvolvimento cognitivo na SD (Serapompa; Maia, 2006)

A participação da mãe na no desenvolvimento e estímulos linguísticos e cognitivos é muito significativa, pois o desenvolvimento é mediado pelas ações da criança com a mãe e com o ambiente que a mesma vive (Johnson-Glenberg; Chapman, 2004).

É no ambiente familiar que a criança tem a proteção e até mesmo corre riscos, e é tendo isso como base que se tem a perspectiva de que o nível econômico e o desenvolvimento materno e educacional, além dos vínculos familiares são influências no desenvolvimento geral das crianças com SD. Isso deixa claro que a motivação da família em relação ao desenvolvimento cognitivo e linguístico são tão importantes quanto o nível social e econômico da família (Nascimento *et al.*, 2009).

A criança com SD tem como grande aliada para o seu desenvolvimento linguístico de cognitivo a família e o ambiente familiar, pois é lá que a criança busca soluções para os problemas e desafios que se deparam no dia-a-dia. É neste momento que a família tem que estar preparada para incentivar e orientar dando-lhes autonomia e segurança para resolver alguns problemas e dar-lhes possibilidades para que possam enfrentar sozinhos alguns obstáculos, pois isso é que vai favorecer o desenvolvimento cognitivo e linguístico dessas crianças (GUERRA, 1997; SILVA; DESSEN, 2003).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na criança com Síndrome de Down verifica-se que uma das suas principais características é a dificuldade de comunicação, onde tendem à utilizar a fala com o apoio de gestos, adotando esta a principal forma de se comunicar, sendo então importante que os

profissionais de fonoaudiologia intervenham no processo de desenvolvimento da linguagem, de modo a incentivar a família a participar do processo de resolução desta problemática.

A estimulação da criança com SD numa fase inicial ao nível da linguagem em particular, permite desenvolver suas capacidades de praticarem atividades diárias, participar das atividades familiares, buscar o seu direito de cidadania e até mesmo exercer uma atividade profissional.

O acompanhamento por fonoaudiólogo é o norte para evolução da linguagem, uma vez que a criança observada desde o nascimento as permite desenvolver seu desempenho linguístico pelo fato do profissional passar a saber as suas capacidades e limitações; seus pontos fortes e fracos e conseqüentemente delinear estratégias de intervenção, por forma a melhorar o seu desempenho ao nível da linguagem.

Outra intervenção do fonoaudiólogo é com a família, pois o nascimento de uma criança com Síndrome de Down transforma a família no centro de sentimentos, pensamentos dúvidas e incertezas, o medo do desconhecido, pela falta de informações sobre cuidados adequados, pais se fecham e se privam do convívio social, com apoio de um fonoaudiólogo utilizando métodos adequados que aumente o nível de comunicação, onde o terapeuta poderá ensinar os pais alguns sinais, para que ajam de maneira natural enquanto falam e outros cuidados já mencionados que contribua para facilitar a rotina familiar como para estimular a criança a desenvolver a linguagem.

É evidente que as técnicas de reabilitação fonoaudiológicas estão avançando, porque na atualidade o nível de linguagem adquirido pelas pessoas com Síndrome de Down é bem maior. Diante dos relatos de experiência dos últimos anos, uma intervenção adequada pode significar o ganho de um ou dois anos no desenvolvimento linguístico da criança com SD, e isso configura a extrema importância do estímulo desde o nascimento. A partir dos anos seguintes conforme o desenvolvimento da criança deve-se intercalar sinais gestuais com as palavras, o que visa favorecer a aquisição de vocabulário, o início da comunicação mediante uma linguagem estruturada assim como também o ensino da leitura.

Com a produção deste estudo conclui-se que se deve construir uma nova visão sobre as potencialidades da criança com SD e que a família quando acompanhada por um fonoaudiólogo e trabalhando em conjunto com ele, pode ajudar e muito no desenvolvimento não só da linguagem, mas também pessoal, social e cognitivo da criança. É de grande valia também que os profissionais saibam trabalhar para que a família participe desse processo,

construindo sua autoestima positiva, eliminando preconceitos e rotulações pré-estabelecidas que fora reforçada pela sociedade.

REFERÊNCIAS

CUNHA, E. P.; LIMONGI, S. C. O. Modo comunicativo utilizado por crianças com Síndrome de Down. **Pró-Fono**, v. 20, n. 4, p. 243-248, 2008.

BENEFIELD, L. E. Evidência prática baseadas na assistência domiciliar. **Home Healthc Nurse**, v. 21, n. 12, p. 804-811, dez. 2003.

BRANDÃO, S. R. S. **Desempenho na linguagem receptiva e expressiva de crianças com a Síndrome de Down**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria.

<http://www.bvsoncologia.org.uy/php/level.php?lang=pt&component=17&item=119> Acesso em 15 de Novembro de 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

JOHNSON-GLENBERG, M. C.; CHAPMAN, R. S. Preditores de idioma pai-filho durante a novela jogo tarefa: uma comparação entre crianças com desenvolvimento típico e indivíduos Whit Síndrome de Down. **Journal of Intellectual Disability Research**, v. 48, n. 3, p. 225-238, mar. 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

LIMONGI, S. C. O. Linguagem na Síndrome de Down. *In*: FERREIRA, L. P. (org.). **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca; 2004.

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. C. P; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, dez. 2008. .

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade: pesquisa qualitativa em saúde**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NASCIMENTO, I. T.; TEIXEIRA, L. C.; ZARZAR, P. M. P. A. Bioética: esclarecimento e fonoaudiologia. **Rev CEFAC**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 158-165 2009.

RAMOS, A. F. *et. al*. A convivência da família com o portador de Síndrome de Down: a luz da Teoria Humanística. **Rev. Bras. Enferma**, Brasília, v. 59, n. 3, maio./jun. 2006.

SERAPOMPA, M. T.; MAIA S. M. Acolhimento e inclusão: da clínica ao acompanhamento escolar de um sujeito com Síndrome de Down. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 313-322, 2006.